

LÍDIA DA SILVA OLIVEIRA

**ACONTECIMENTO E DEMANDAS POR REPRESENTAÇÃO: A EXECUÇÃO DE
MARIELLE E AS AMEAÇAS AO ESPAÇO PÚBLICO NO BRASIL**

Viçosa – MG

Curso de Comunicação Social/Jornalismo da UFV

2018

LÍDIA DA SILVA OLIVEIRA

**ACONTECIMENTO E DEMANDAS POR REPRESENTAÇÃO: A EXECUÇÃO DE
MARIELLE E AS AMEAÇAS AO ESPAÇO PÚBLICO NO BRASIL**

Monografia apresentada ao Curso de
Comunicação Social/Jornalismo da
Universidade Federal de Viçosa, como
requisito parcial para a obtenção do título de
Bacharel em Jornalismo

Orientador: Rennan Lanna Martins Mafra

Viçosa – MG

Curso de Comunicação Social/Jornalismo da UFV

2018



Universidade Federal de Viçosa
Departamento de Artes e Humanidades
Curso de Comunicação Social/ Jornalismo

Monografia intitulada *Acontecimento e demandas por representação: A execução de Marielle e as ameaças ao espaço público no Brasil*, de autoria da estudante Lídia da Silva Oliveira, aprovada pela banca examinadora constituída por:

Prof. Dr. Rennan Lanna Martins Mafra – Orientador

Curso de Comunicação Social/Jornalismo da UFV

Profa. Dra. Rayza Sarmiento de Souza

Curso de Ciências Sociais da UFV

Profa. Ms. Eugene Oliveira Francklin

Curso de Comunicação Social/Jornalismo da UFV

Viçosa, 28 de novembro de 2018

RESUMO

Essa monografia procura identificar como acontecimentos podem fazer emergir campos problemáticos configurados por demandas por representação, e toma, por base, a execução da vereadora Marielle Franco. Para isso, foi organizada uma discussão teórica em torno de noções como espaço público (Arendt, 1972; 1989; 2003; 2007); acontecimento e experiência (Dewey, 1980; Queré, 2003) e representação política (Saward 2006; 2008; 2010; 2011). Como metodologia, o trabalho adota a análise de conteúdo de nove textos críticos publicados em jornais e de seis matérias (juntamente com muitos comentários) compartilhadas na rede social *Facebook*, que tentavam interpretar a execução da vereadora. Em linhas gerais, a análise realizada nos permitiu identificar de que maneira ideologia do progresso emerge como argumento constantemente presente como forma de deslegitimação das diferenças e de inúmeras demandas por representação, nos contextos contemporâneos.

PALAVRAS-CHAVE: Marielle Franco; acontecimento; campos problemáticos; representação política; ideologia do progresso.

ABSTRACT

This monograph seeks to identify how events can lead to the emergence of problematic fields shaped by demands for representation, and based on the execution of councilor Marielle Franco. For this, a theoretical discussion was organized around notions such as public space (Arendt, 1972; 1989; 2003; 2007); event and experience (Dewey, 1980; Queré, 2003) and political representation (Saward (2006; 2008; 2010; 2011). As a methodology, the work adopts the content analysis of nine critical texts published in newspapers and six subjects (along with many comments) shared in the social network *Facebook*, who tried to interpret the execution of the councilwoman. Broadly speaking, the analysis carried out allowed us to identify how the ideology of progress emerges as a constantly present argument as a form of delegitimizing differences and innumerable demands for representation in contemporary contexts.

KEY-WORDS: Marielle Franco; event; problematic fields; political representation; ideology of progress.

AGRADECIMENTOS

Com toda certeza, a parte mais difícil de escrever nesta pesquisa são os agradecimentos, sem a menor dúvida. Tantos momentos vividos, tantas pessoas para agradecer, que palavras não serão capazes de transmitir todo amor e gratidão que sinto por esses quatro anos de graduação.

Começo agradecendo a Deus, não por clichê ou porque Ele é mencionado na maioria dos agradecimentos, mas sim pelo tamanho da minha fé. Todos sabem o quanto o Senhor é precioso em minha vida e sem Ele eu jamais teria chegado até aqui. Agradeço por ter me concedido tantos aprendizados e desafios, por todas as bênçãos alcançadas durante essa graduação e por me permitir finalizá-la de forma tão especial e prazerosa. Se o Senhor não fosse o centro da minha vida, nenhuma linha desta monografia teria sido escrita.

Agradeço aos meus pais, José Wellington e Édina, por toda a confiança em mim depositada, por se disporem a me auxiliar no percurso da vida, por me sustentarem - em todos os sentidos da palavra - e me motivarem a buscar sempre o melhor. Obrigada pelo amor incondicional a mim dedicado e por serem exemplo de força, coragem e resiliência e por me permitirem viver esta experiência única e inesquecível. À minha irmã, Luísa, por ser minha companheira e me proferir palavras de carinho e amor. Sem você, meu coração não ficaria tão tranquilo e aconchegado durante esta jornada. Amo vocês!

Agradeço aos funcionários e amigos do Departamento de Comunicação Social da UFV. Vocês foram companheiros e estiveram dispostos a me ajudar nesta conquista, sempre com um sorriso no rosto. Obrigada pelas conversas e risadas, por serem calma nos momentos de desespero com os trabalhos acadêmicos e por terem sempre palavras amigas e soluções para tudo. Em especial, agradeço à Priscilla por ser amor o tempo todo e acolher os alunos nas horas mais felizes e difíceis, abrindo a porta de sua casa e de sua vida com o amor de mãe, nos dando conforto e alento quando batia a saudade de casa.

Agradeço aos meus professores que sempre estiveram dispostos a nos receber e são os responsáveis pelo meu crescimento pessoal e profissional dentro da Universidade. Em especial, quero agradecer a dois professores que foram essenciais em minha formação humana, além da profissional. Mariana Procópio, você confiou em mim mesmo sem me conhecer e me deu a oportunidade de começar a pesquisa na Iniciação Científica. Com você aprendi muito além de pesquisa e matérias inerentes ao curso. Sempre preocupada com o próximo e por mais rígida que seja, é amorosa e cuidadosa na mesma intensidade. Você me ensinou sobre ser mulher e resistência nesse mundo em que vivemos. Obrigada!

Ao meu orientador Rennan, um agradecimento especial. Você é espelho de pessoa e profissional, sempre ético, carinhoso e preocupado com o próximo. Obrigada por ter aceitado me orientar no maior desafio da graduação. Tenho certeza que não poderia ter escolhido orientador melhor. Obrigada por cada reunião, por sofrer comigo durante a produção desta monografia, pelos momentos de descontração e por toda compreensão, mesmo com os prazos do cronograma batendo à minha porta. Com você aprendi para muito além dos conhecimentos acadêmicos, você é responsável por me tornar um ser humano cada vez melhor. Meu sentimento é de gratidão por ter estado ao meu lado, sanando minhas dúvidas e me formando um ser humano melhor. Só tenho a agradecer por ter tido ao meu lado alguém que admiro humana e intelectualmente.

À minha família e aos meus amigos de toda a vida, obrigada por se fazerem presentes mesmo à distância e por compreenderem minhas ausências e nunca deixarem que os caminhos diversos da vida diminuíssem nosso amor. Ainda que longe dos olhos, vocês estiveram sempre no meu coração. Amo vocês.

Aos meus amigos de Viçosa, obrigada por todos os momentos vividos. Nunca imaginei que pudesse ser tão privilegiada e criar laços afetivos estreitos com pessoas tão diversas. Com toda certeza, ganhei uma nova família muito preciosa formada por meus amigos da LUVÉ, da COM15, da Iniciação Científica, dos Corais UFV e Madrigal e da graduação como um todo. Aos estágios que realizei no decorrer do curso - DCI e Agros -, agradeço por me proporcionarem tanto aprendizado, felicidade e carinho.

Em especial, tenho três agradecimentos à fazer: à minhas meninas da “Haja Gênio”, com as quais aprendi e entendi o verdadeiro significado de empatia e gratidão; à Juliana Pina e Gabriela Silveira por serem as irmãs que ganhei de presente durante essa graduação - no momento da escrita de nossas biografias tive a confirmação de que nossos laços de amizade serão eternos; e à Thaíssa Santiago, a quem dedico meu curso e a minha conquista - você faz parte de mim, amiga, e lhe agradeço por estar sempre comigo. Obrigada por cuidarem de mim com tanto amor e carinho. Deixo um pouco de mim com vocês e levo um pouco de vocês comigo. Para vocês, todo meu amor e gratidão! Desejo que Viçosa seja apenas o ponto de partida para muitas memórias construídas e compartilhadas com vocês!

Por fim, não poderia deixar de agradecer à UFV e à Viçosa, que fez meu coração bater mais forte e me abriu as portas para um mundo novo, me ensinando a conviver e respeitar o outro. Aqui aprendi que lar é onde o nosso coração está. Gratidão!

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| INTRODUÇÃO | 9 |
| CAPÍTULO 1 – Democracia, acontecimento e campos problemáticos | 12 |
| 1.1. Espaço público e democracia para Hannah Arendt | 12 |
| 1.1.2. As ameaças totalitárias na modernidade | 14 |
| 1.2. A noção de acontecimento: experiência e caráter hermenêutico | 18 |
| CAPÍTULO 2 – Representação Política e a emergência de demandas | 22 |
| 2.1. Falando um pouco de representação política | 22 |
| 2.1.1. A representação política para Nádía Urbinati e John Dryzek/Simon Niemeyer ... | 24 |
| 2.2. A noção de demandas de representação de Michael Saward | 27 |
| CAPÍTULO 3 – Capítulo metodológico e descrição da realidade de estudos | 32 |
| 3.1. A potência de pesquisa no espaço da internet | 38 |
| CAPÍTULO 4 – Análise das configurações das demandas por representação a partir da execução de Marielle Franco | 41 |
| 4.1. Textos Críticos – a experiência como emergência das diferenças | 43 |
| 4.2. Interações no <i>Facebook</i> a partir de matérias de jornais – as experiências e o progresso/totalitarismo como ameaça às diferenças | 50 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 69 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 72 |
| ANEXOS | 76 |

LISTA DE QUADRO

| | |
|---|----|
| Quadro 1 - Textos de atores críticos | 35 |
| Quadro 2 - Matérias jornalísticas | 36 |

LISTA DE ILUSTRAÇÃO

| | |
|---|----|
| Imagem 1 – Trecho de comentários – Marcelo Freixo | 52 |
| Imagem 2 - Trecho de comentários – Marcelo Freixo | 52 |
| Imagem 3 – Trecho de comentários– Marcelo Freixo | 53 |
| Imagem 4 - Trecho de comentários – Anistia Internacional | 54 |
| Imagem 5 - Trecho de comentários – Anistia Internacional | 55 |
| Imagem 6 - Trecho de comentários – G1 | 56 |
| Imagem 7 - Trecho de comentários – G1 | 57 |
| Imagem 8 - Trecho de comentários – G1 | 58 |
| Imagem 9 - Trecho de comentários – G1 | 59 |
| Imagem 10 - Trecho de comentários – <i>El País</i> | 60 |
| Imagem 11 - Trecho de comentários – <i>El País</i> | 61 |
| Imagem 12 - Trecho de comentários – <i>El País</i> | 62 |
| Imagem 13 - Trecho de comentários – <i>El País</i> | 63 |
| Imagem 14 - Trecho de comentários – <i>El País</i> | 64 |
| Imagem 15 - Trecho de comentários – Uol | 65 |
| Imagem 16 - Trecho de comentários – Uol | 66 |

INTRODUÇÃO

Marielle Francisco da Silva, conhecida como Marielle Franco, era mulher, negra, mãe e da favela da Maré. A vereadora se formou em sociologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) e se titulou como mestre pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Ela foi eleita a quinta vereadora mais votada do Rio de Janeiro pelo Partido Socialismo e Liberdade (PSOL). Durante o seu mandato, Marielle integrou um grupo composto por 4 relatores para compor uma comissão que teria por finalidade monitorar os trabalhos da intervenção federal- militar no estado do Rio de Janeiro¹. No dia 14 de março de 2018, a vereadora sofreu um atentado em que 13 tiros foram disparados contra o veículo que ela estava com a sua assessora e o seu motorista, Anderson Gomes. A vereadora foi assassinada com 4 tiros na cabeça.

A morte Marielle Franco ganhou repercussão nacional e internacional: foi um acontecimento, sendo reverberado em diversas instâncias, e a todo momento surgindo uma notícia com informações novas (e muitas notícias com informações falsas). Sendo o acontecimento algo que está sempre ecoando, o caso da ex-vereadora revela um processo social de emergência de questões, no fluir de uma experiência pública.

Segundo Dewey (1980) “a experiência ocorre continuamente, porque a interação da criatura viva com as condições que a rodeiam está implicada no próprio processo de vida.” Ou seja, quando vivenciamos algo, estamos tendo uma experiência e o acontecimento acaba por demarcar um *antes* e um *depois* na experiência. Por exemplo no caso Marielle, que foi experimentado por inúmeras pessoas de diversas formas, existe um “corte”, uma espécie de ferida que altera, por completo, a história e o futuro.

O acontecimento possui diversas características e, dentre elas, está o des controle da experiência, gesto este que se torna problemático aos contextos modernos, marcados pelo desejo por controle. Assim, quando se trata de experiências acontecimentais, verificamos um

¹ A intervenção federal no Rio de Janeiro em 2018 foi uma decisão do Governo Federal do Brasil de intervir na autonomia do estado do Rio de Janeiro. Com isso, a responsabilidade de gerir essa área, que é estadual, passou para as mãos do governo federal. O objetivo é amenizar a situação da segurança interna e a previsão de término, contida no decreto que ordenou a intervenção, é o dia 31 de dezembro de 2018. A decisão foi instituída por meio do Decreto n.º 9.288, de 16 de fevereiro de 2018, outorgado pelo Presidente da República, com publicação no Diário Oficial da União. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-43079114>

processo que é ordem do sentido, impossível de se controlar sentimentos e ações (Queré, 2003). Assim, o acontecimento provoca a emergência de campos problemáticos, e solicita interpretações que nunca se fecham, que estão sempre em devir (Deleuze, 2007).

Assim, vislumbramos a morte de Marielle Franco, assassinada brutalmente no dia 14 de março deste ano. Quando nos referimos a questão do acontecimento, Marielle Franco faz emergir uma reflexão profunda: sua execução brutal nos retira totalmente o controle e faz surgir inúmeras perguntas. Ele nos afeta de diferentes modos e cada informação que surge nos revela novos sentimentos e atualiza o próprio acontecimento.

Tratando a morte da vereadora como um acontecimento, podemos perceber que ele provocou uma fissura na experiência, sendo um corte que nunca se fecha (Deleuze, 2007). Essa ferida alcançou diversas pessoas que compartilhavam e se sentiam representados em diversos discursos. Marielle era mulher negra, lésbica, feminista, mãe solteira, cria da favela da Maré e política. Ela era símbolo de luta e potencializava discursos de grupos que lutavam por direitos de igualdade, por justiça social, contra o racismo e preconceitos, contra violência dirigida à população negra e pobre do país. Assim, Marielle representava a luta de inúmeros grupos que, sozinhos, não conseguiriam se fazer ouvidos. Assim, Marielle alcançava diversas instâncias e pessoas. Ela era portadora de uma representação que trazia as vozes de vários sujeitos e grupos marginalizados.

Numa sociedade como a nossa, multicultural e pluralista, torna-se necessário repensar o conceito de representação política. Por exemplo, quando escolhemos o nosso representante, nos preocupamos e instituímos na sociedade que devemos fazer essa escolha, a partir do território em que vivemos. Mas, para além de uma noção liberal de representação, outros conceitos surgem contemporaneamente, no intuito de identificar como processos de representação política podem ser vislumbrados tendo em vista os arranjos sociais contemporâneos. Aqui, emergem, por exemplo, noções como representação discursiva (DRYZEK E NIEMEYER, 2008), representação não eleitoral (URBINATI, 2006) ou demandas de representação (*representative claim*) (SAWARD, 2009; 2010).

Assim, nesta monografia, o problema de pesquisa ora apresentado pretende compreender como a emergência de campos problemáticos, provocada por um acontecimento, é capaz de configurar demandas por representação política. Para isso, pretendemos examinar como a execução da vereadora Marielle Franco produziu campos problemáticos em meio aos

quais diversas demandas sociais, aliadas das instituições e dos espaços formais, ganharam coro.

Os discursos por trás dessa morte revela muito sobre a sociedade brasileira, uma sociedade em que o racismo é enraizado e negado; como o machismo é presente no dia a dia das mulheres e como ele as assombra; como a violência às diferenças é presente no país, e no caso do RJ - lugar onde a vereadora morava e lutava - deixa números alarmantes com a quantidade expressiva de mortes. Segundo dados do Instituto de Segurança Pública (ISP), o estado teve 40 mortes violentas para cada 100 mil habitantes, e na cidade do Rio 32,5 mortes violentas para 100 mil habitantes no ano de 2017².

Queremos deixar claro que não temos o intuito de objetificar Marielle e torná-la objeto de um estudo frio. Interessa-nos perceber como tal acontecimento faz emergir inúmeras demandas sociais, ao mesmo tempo em que também estabelece a emergência de grupos que visam deslegitimar essas mesmas demandas. Reconhecemos a força, a potência e o lugar de Marielle, e nos inspiramos nela para contribuir socialmente com nosso trabalho, realizado numa universidade pública, que possui, como papel social, realizar estudos que possam contribuir para uma sociedade melhor.

Assim, essa monografia se organiza em algumas partes. No capítulo 1, “Democracia, acontecimento e campos problemáticos”, buscamos compreender como as diferenças são fundamentais à existência de sociedades democráticas, e como, em tais sociedades, acontecimentos emergem e provocam a configuração de campos problemáticos, que solicitam interpretações por parte dos sujeitos. No capítulo 2, “Representação Política e a emergência de demandas”, discutimos algumas noções de representação política e chegamos ao entendimento de demandas de representação (Saward, 2008; 2009) como uma noção que nos permite compreender a configuração dos processos representativos a partir de acontecimentos. No capítulo 3, apresentamos o percurso metodológico aqui delineado e por fim, no capítulo 4, apresentamos a análise de algumas demandas por representação emergentes, bem como evidenciamos gestos de deslegitimação de tais demandas, tomando como base textos publicados na Internet por atores críticos e comentários de usuários da rede social *Facebook* em matérias jornalísticas produzidas sobre fatos decorrentes da execução de Marielle.

² Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/rio-bate-recorde-de-homicidios-em-oito-anos-segundo-isp-22300838>

CAPÍTULO 1 – Democracia, acontecimento e campos problemáticos

1.1. Espaço público e democracia para Hannah Arendt

Nesse tópico, o esforço principal empreendido volta-se a compreender as discussões de Hannah Arendt sobre espaço público para, em seguida, situar seu debate sobre as ameaças totalitárias da modernidade. O nosso século herdou do século XX problemas com os quais, diante de avanços tecnológicos e de diversos estudos, a humanidade ainda não sabe como lidar. Nesse interim, torna-se desafiador aos sujeitos a constituição de um mundo coletivo pautado por inúmeras diferenças. Por isso, as obras de Hannah Arendt se tornam tão atuais e necessárias, sobretudo em cenários nos quais discursos e práticas fascistas tem ganhado força e legitimidade pública. Dessa forma, os estudos de Arendt ganham novo vigor e nos fazem pensar como a condição humana, em especial nos contextos brasileiros, tem feito discursos opostos aos ideais da democracia ganharem cada vez mais força.

Os estudos de Arendt foram realizados no momento em que grandes acontecimentos marcaram o mundo: eventos como a II Guerra e regimes totalitários, como o nazismo, estavam em vigor, momentos estes que afetaram tremendamente os espaços públicos e a liberdade coletiva. Portanto, sua obra centrou-se em temas emergentes do século passado, como a condição humana, os direitos humanos, a violência, a revolução, o totalitarismo e o poder.

Hannah Arendt foi uma filósofa que “atravessou e interagiu com as catástrofes políticas, os desastres morais e os surpreendentes desenvolvimentos das artes e das ciências no século XX” (LAFER, 2008, p. 294). Portanto, Arendt não acredita que a política deva ser individualizada, de modo que uma sociedade não se faz com pessoas isoladas e não pertencentes à esfera pública. A sua ideia de democracia nos parece estar relacionada com dois conceitos políticos fundamentais: a liberdade e a pluralidade.

A liberdade na esfera pública seria a liberdade de reunião, de crença, de opinião e de participação no processo de deliberação pública. Já a pluralidade parte da crença de que cada pessoa é única e deve ser respeitada em sua constituição mental e física, tendo direito à fala e à deliberação política como qualquer outro cidadão.

O conceito de espaço público na obra de Arendt torna-se central para explicar o modo como liberdade e pluralidade se materializam em práticas sociais. A autora afirma que “a sociedade, quando ingressou pela primeira vez na esfera pública, assumiu o disfarce de uma

organização de proprietários que, em vez de solicitar o acesso à esfera pública por sua riqueza, exigiam dela proteção para a acumulação de mais riqueza” (ARENDDT, 1958, p. 68). Dessa forma, a ascensão social tornava-se uma ameaça às elites, fazendo com que a garantia de sua estabilidade e *status quo* pudesse ser comprometida.

O espaço público só vai ser considerado um espaço em que a vida coletiva constitui-se em conjunto quando os homens se tornarem interessados e responsáveis por questões comuns que os afetam. Para Arendt, antes de quisermos exigir que as pessoas sejam idealistas e compreendam os ataques à democracia, nós devemos torná-los cidadãos, ou seja transformar as condições de suas vidas privadas para que eles se tornem aptos a desfrutar e a entender o espaço público (ARENDDT, 1977, p. 106-107). Assim, devemos garantir a todos e a todas o direito de participar da polis e de reivindicar seus direitos e suas representações, gesto este capaz de promover esforços para a inserção de grupos que historicamente sempre ficam à margem.³

Quando pensamos em política, Arendt (1999) define-a como um espaço da diferença, em que “a política trata da convivência entre diferentes. Os homens se organizam politicamente para certas coisas em comum, essenciais num caos absoluto, ou a partir do caos absoluto das diferenças” (ARENDDT, 1999a, p. 21).

Nesse sentido, Hannah Arendt distingue o mundo privado do mundo público:

O mundo privado é o lugar da necessidade e o mundo público – a política – é a esfera da liberdade humana, o que o torna, portanto, a esfera mais importante da vida activa. É em relação à importância da esfera pública que o termo “privado”, em sua acepção original de privação tem significado. Para o indivíduo, viver uma vida inteiramente privada significa ser privado da realidade que advém do fato de ser visto e ouvido por outros, privado de uma relação objetiva com eles e da possibilidade de realizar algo mais permanente que a própria vida: “a privação do espaço privado reside na ausência de outros” (ARENDDT, 2007, p. 68 apud CASSÉTE 2013 p.16).

³ Existem algumas críticas de algumas autoras, tais como Judith Butler, Linda Zerilli e Ruth Gilmore, direcionadas a Hannah Arendt. Segundo essas autoras, Arendt é uma intelectual que além de não situar historicamente o lugar da mulher, acaba relegando a mulher à esfera privada, (local também do doente do idoso do desocupado) atribuindo, à esfera pública (âmbito de fala e ação) aos homens (BUTLER, Judith, p. 9, 10. 2018). Sabemos que essa crítica deve ser retomada e repensada. Entretanto, neste trabalho, as discussões de Arendt que recuperamos no texto se justificam uma vez que estamos preocupados em evidenciar o caráter do aparecimento e da política do acontecimento.

É importante lembrar que a autora não tira o valor do mundo privado, mas o entende como uma esfera que, por si só, é incapaz de gerar liberdade. Sendo assim, é por esse motivo que o espaço público tem autonomia e centralidade no entendimento da autora, de modo que, quanto menor a pluralidade e a liberdade dos sujeitos numa determinada coletividade, maiores são as chances de emergência de experiências totalitárias, como veremos no próximo tópico.

1.1.2. As ameaças totalitárias na modernidade

Se tomarmos por base a obra “Origens do Totalitarismo”, podemos perceber que Arendt nos mostra um cenário de destruição do espaço público, em que o homem se vê imerso em suas individualidades e sem experienciar ações comuns. Ela identifica essa origem em contextos históricos oriundos de estados europeus, em que as sociedades de massa e o atomismo social surgiram possibilitando governos totalitários. Esses fatores levaram os indivíduos a um estado de desânimo, de pessoas apáticas que não refletiam e não participavam ativamente da vida política no espaço público.

Arendt afirma que o mal radical que apareceu durante o totalitarismo trata-se de uma nova espécie de agir humano, uma outra forma de violência que vai além dos limites da própria solidariedade do pecado humano. Para Souki:

O fenômeno totalitário revelou que não existem limites às deformações da natureza humana e que a organização burocrática de massas, baseada no terror e nas ideologias, criou novas formas de governo e ideologias, cuja perversidade não se pode medir. (SOUKI, 1998, p. 33.)

Dessa forma, o totalitarismo, quando instaurado no poder, utiliza-se da ficção na realidade para conseguir dominar a administração do Estado. Arendt nos traz o exemplo do bode expiatório nos regimes totalitários - no nazismo, por exemplo, esses bodes eram os judeus. A tese do bode expiatório pode ser assim exemplificada: indivíduos, categorias ou grupos de pessoas são usados como objeto de culpa no sistema social. Essas pessoas fornecem o escape que dão vazão à frustração, ao medo, ao ressentimento, à raiva e a outras emoções às quais os grupos majoritários - e dominantes - buscam expressão. As minorias são usadas como esses bodes expiatórios durante os períodos de dificuldades econômicas, políticas e sociais enfrentadas num determinado contexto de emergências totalitárias.

Tomando por base as ideias de Hannah Arendt, o governo totalitário nazista não se concretizou e teve sua origem de modo aleatório, mas sim foi oriundo de um mundo não

totalitário que foi cristalizado por elementos que foram encontrados na sociedade. Como Arendt diz, o totalitarismo foi uma criação humana, “esse corpo político absolutamente ‘original’ foi planejado por homens e, de alguma forma, está respondendo a necessidades humanas” (Arendt, 1989, p.526.).

Os totalitaristas, antes de tomarem o poder e criarem um mundo à imagem da sua doutrina, inventam um mundo falso de coerências e que se adequa a suprir, supostamente, necessidades sociais para muito além do que é possível na própria realidade. Usando da imaginação, eles conseguem criar um mundo de ilusões que parece ser perfeito aos olhos de uma parte da população. Podemos perceber a questão da perfeição como algo não aleatório, sendo diretamente ligada à denúncia da ideologia do progresso, feita por Walter Benjamin. Para Benjamin (2005) todo e qualquer pensamento e ação estão ligados diretamente com o passado, de modo que nossa própria existência é uma estrutura que se movimenta e que se orienta a partir de passados. Dessa forma, podemos perceber que, em um primeiro momento, o passado aparece como uma herança forte que possibilita a atualização da própria estrutura de uma existência que se relaciona intimamente com o conjunto de seu repertório.

No entanto a modernidade e, com a ela, a emergência de uma a ideologia do progresso, tendem a orientar que o passado deve ser esquecido, pois o progresso é inevitável e o que passou não deve ser levado em consideração, pois, em nome do progresso, justifica-se qualquer coisa que tenha acontecido. Benjamin (2005) acredita que disputas de poder por determinados grupos sempre, de algum modo, se referem ao passado, e, por isso, devem ser lembradas e ressignificadas/redimidas - conceito de redenção utilizado pelo autor -, pois não é possível superar ou apagar sem sua possibilidade de ressignificação. Se não criamos esse gesto de redenção permanente com o passado, não temos como ampliar os nossos horizontes e alargar nosso futuro.

Assim, Benjamin diz que, apesar de sermos criaturas voltadas para o passado e a ele orientadas, a modernidade tende a desconsiderá-lo como relevante. Porém o passado e a história são mais do que uma simples orientação, eles determinam o futuro imediato, e possibilitam a reconstituição do presente e do futuro, além de tornar possível o seu entendimento. Assim podemos entender o sentido de redenção utilizada por Benjamin: a partir do momento que você

entende, conhece e se redime com o seu passado, a construção do presente e do futuro tornam-se possíveis.⁴

Voltando à argumentação nuclear de Benjamin (2005), a ideologia do progresso cria uma ideia de futuro ideal, obtido pelo autocontrole e pelo desejo de perfeição. Assim, o intelectual alemão evidencia que, ironicamente, a ideologia do progresso promove um retrocesso, já que pensar o progresso em um futuro ideal sem pensar no passado é gesto que tende a atrofiar o futuro, a partir da promessa de um horizonte ideal que não existe.

É a partir desse mundo criado que a propaganda totalitária ganha força, com o intuito de isolar os sujeitos da possibilidade da elaboração de suas próprias histórias reais. Nesses países em que os regimes totalitários imperam o terror, a propaganda é gesto imprescindível, pois, quando o totalitarismo detém o controle sobre os processos sociais, ele lança mão da propaganda para reforçar a suposta positividade de seus projetos. Também a violência presente nas propagandas é utilizada nos estágios iniciais das emergências de regimes totalitários como forma de assustar os sujeitos e, pelo medo, obter seu silêncio. (ARENDR, 1989).

Contudo, o uso da propaganda como forma de legitimação de regimes totalitários é estratégia sempre destinada a um público externo, que ainda não acredita ou não faz parte do totalitarismo. E, durante essas propagandas, os ditadores não utilizam de palavras e expressões amenas. Hitler, por exemplo, era brutalmente claro e sincero quando definia as verdadeiras intenções e objetivos do nazismo, e, muitas vezes, essa perversidade passava despercebida pelos sujeitos que se tornavam despreparados para conseguir identificar os absurdos proferidos pelo ditador (ARENDR, 1989).

Mesmo com o objetivo alcançado - que é afetar psicologicamente os cidadãos - o movimento totalitário, que é voltado para quem está, de algum modo, alheio a seus perigos, continua e sempre está aliado ao terror, e cresce sempre junto com a “força do progresso”. Em resumo, podemos dizer que a propaganda é um dos principais e importantes instrumentos do totalitarismo para enfrentar o mundo não-totalitário, e o terror é a essência da sua forma e governo. (ARENDR, 1989).

⁴ Citamos aqui como exemplo, um vídeo feito pela embaixada Alemã que mostra que os alemães não escondem o seu passado. Eles mostram claramente como o regime totalitário aconteceu na Alemanha e como a história é ensinada hoje no país: <https://www.Facebook.com/EmbaixadaAlemanha/videos/1658739200897794/>

Arendt (1972) afirma que o líder totalitário tem que estabelecer um mundo fictício para justificar o movimento que empreende, para que, dessa forma, seus ideais possam estar ainda mais presentes na vida social. Porém, ele também enfrenta uma outra tarefa que, no mínimo, parece contraditória: ele tem que evitar que esse mundo criado tenha uma estabilidade muito forte, porque, com leis e instituições muito consolidadas, o próprio movimento poderia ser liquidado, tornando inviável a esperança de conquistar o mundo. Dessa forma podemos perceber como Arendt refletiu sobre o totalitarismo:

vale dizer, ao tentar escrever sobre a experiência totalitária, Arendt se viu diante de um “problema epistemológico”, pois essa experiência não podia ser explicada, não se enquadrava nos conceitos tradicionais, não podia ser entendida como culminação de um processo, como desenvolvimento de uma única causa encontrável no passado. Não era o passado que poderia iluminar e explicar o seu aparecimento. Não se tratava de uma evolução, de algo que podia ser deduzido de uma causa antecedente. A saída que Arendt encontrou foi narrar a experiência. Nessa prática verificou que, ao contrário, o próprio acontecimento ilumina o que o passado pode a ele estar relacionado (Aguilar, 2001, p.203.).

No Brasil contemporâneo, temos presenciado a emergência de discursos fascistas e totalitários, que não se preocupam em deixar de forma velada esse tipo de posicionamento. Os exemplos de intolerância são visíveis⁵ e inúmeros deles são incentivados e aplaudidos não só pela população, mas também por programas jornalísticos e de entretenimento, por pessoas religiosas que incitam essa intolerância em nome de Deus e da bíblia⁶. Os jornais estão repletos de situações de apedrejamento, linchamentos e espancamentos, sejam eles por intolerância religiosa, sejam por suspeitas de crimes - sem falar nos diversos casos de racismo⁷, misoginia, xenofobia, homofobia e outras formas de violências físicas e simbólicas:

Esses exemplos ilustram como preconceito, intolerância, hierarquias de gênero, ódio e outras manifestações depreciativas são indícios claros de que a banalidade do mal é um fenômeno político, com matizes culturais e comportamentais, que têm nos comentários de internet que compõem nosso corpus uma indicação preocupante do quanto o reconhecimento da alteridade e a aceitação da diferença e da diversidade estão sob ameaça na sociedade brasileira. (CARVALHO, 2016, p. 14)

⁵ Casos recentes de ódio e intolerância têm se espalhado pelo Brasil. Disponível em: <http://g1.globo.com/fantastico/noticia/2017/10/casos-recentes-de-odio-e-intolerancia-tem-se-espalhado-pelo-brasil.html>

⁶ Casos de intolerância religiosa sobem 56% no estado do Rio. Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2018-05/casos-de-intolerancia-religiosa-sobem-56-no-estado-do-rio>

⁷ Crimes de racismo e injúria racial crescem 29% em São Paulo em 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2018/07/27/crimes-de-racismo-e-injuria-racial-crescem-29-em-sao-paulo-em-2018.ghtml>

Dessa forma, ler e compreender a obra “Origens do Totalitarismo” escrita por Hannah Arendt nos faz perceber que sua narrativa não deve ser lida “diante para trás”, como se fosse uma obra comum, mas sim uma obra que deve ser lida “de trás para diante”, pois a mesma disse, sobre os eventos políticos do nosso tempo, que nenhum acontecimento pode ser oriundo do seu passado, “o acontecimento ilumina o próprio passado; jamais pode ser deduzido dele” (Arendt, 1993, p.49.).

Nesse sentido sendo o foco deste trabalho a tentativa de compreensão nos contextos atuais a partir da execução da vereadora Marielle Franco, acerca das emergências de práticas fascistas tanto quanto da emergência de possibilidades democráticas, no próximo tópico desenvolvemos a noção do acontecimento como categoria analítica fundamental voltada a nos ajudar a compreender tais emergências. Nosso esforço ao utilizar a noção de acontecimento é o de compreender como questões socialmente relevantes emergem e provocam a necessidade de explicações sociais a partir de campos problemáticos ligados a experiência de sujeitos.

1.2. A noção de acontecimento: experiência e caráter hermenêutico

O conceito de experiência que vamos utilizar neste trabalho tem empregado suas principais bases no pragmatismo do filósofo americano John Dewey (1980). Além disso, iremos utilizar a noção de acontecimento a partir do pesquisador francês Louis Quéré (2005, 2007), que é inspirada na visão deweyana, e também iremos utilizar algumas contribuições do filósofo francês Gilles Deleuze (2007). Dessa forma, podemos compreender que, quando um acontecimento é produzido, qualquer que seja a sua importância, o mundo já não pode ser mais o mesmo. As coisas mudam: o acontecimento traz uma descontinuidade que só pode ser perceptível em meio a um fundo de continuidade.

Para Dewey (1980), “a experiência ocorre continuamente, porque a interação da criatura viva com as condições que a rodeiam está implicada no próprio processo de vida”. Ou seja, quando vivenciamos algo, estamos tendo uma experiência e o acontecimento vem para demarcar um antes e um depois na experiência. Dewey (1980) ainda afirma que a experiência consiste na relação entre o sujeito e o meio, já que a mesma é única, individual e autossuficiente.

Para Louis Quéré (2005), a experiência social acontece por meio de diversos acontecimentos – sendo eles fortes ou fracos – que decorrem no cotidiano. Vendo o acontecimento por um ângulo pragmático e hermenêutico, ele é percebido como dotado de

“passibilidade” e “poder hermenêutico”, ou seja, tem uma imensa capacidade de afetar os sujeitos, exigindo-lhes compreensão e ação.

Queré (2005), à luz de Dewey, percebe que os acontecimentos fazem emergir “campos problemáticos”. Diz Queré (2005):

Se a maior parte dos acontecimentos se inscreve em campos problemáticos já constituídos, que perduram enquanto os problemas e as respectivas causas se mantêm, também novos campos problemáticos se constituem com a emergência de acontecimentos, nomeadamente a partir do trabalho realizado em torno deles. (p.72)

De acordo com Louis Queré (2005), o acontecimento não pertence à ordem dos fatos (aqueles que tem início, meio e fim) e circula entre passado e futuro, num presente atravessado por experiências. Segundo Queré (2007) o sujeito não controla a experiência, mas também é criatura integrada a ela:

Para os pragmatistas (notadamente James e Dewey), o experienciar é um processo. Um processo é qualquer coisa que avança, se desenvolve, progride e culmina num ponto final que é mais que um simples cessar. Este processo é externo ou objetivo. Ele não é subjetivo e, sobretudo, não tem uma pessoa ou um sujeito como portador (Queré, 2007, p. 13, apud Mafra, 2011, p. 3).

Como ressalta Arendt (1980, p. 75), “o acontecimento esclarece o seu próprio passado; nunca pode ser deduzido dele”. Dessa forma, o acontecimento nos faz compreender o passado e o seu contexto, em razão do novo sentido provocado pela emergência. Assim podemos ver como o acontecimento tem o poder de revelação ou de descoberta.

Queré (2007) considera a experiência como grupo de impressões das coisas e dos acontecimentos da vida, em que uma pessoa, munida de suas capacidades sensoriais, enxerga o mundo pelas suas significações pessoais e pelas suas ações passadas. E significa o acontecimento a partir de H. Arendt:

O sentido real de todo o acontecimento transcende sempre as “causas” passadas que lhe podem ser associadas [...] mas, além disso, esse mesmo passado apenas emerge graças ao acontecimento (H. Arendt, 1980, p.75 apud Queré 2005, p. 1).

Quando um acontecimento se produz, o mundo deixa de ser o mesmo, mudando completamente o presente e conseqüentemente o futuro. É assim que o acontecimento traz à tona uma descontinuidade, em que a sua ocorrência faz emergir algo novo.

Queré (2005) nos mostra que o acontecimento apresenta um carácter inaugural, em que o mesmo não é apenas o início de um processo, mas marca também o fim de uma época e o começo de outra. Assim, se torna evidente “o poder de abertura e de fecho, de iniciação e de esclarecimento, de revelação do acontecimento ” (Queré 2005, p. 3).

Os acontecimentos também podem ser diferenciados no seu poder de afetar as pessoas e as formas com as quais cada um irá individualizá-lo. Queré (2005) exemplifica: “a morte de um parente ou de um amigo próximo é um acontecimento que afeta uma família ou uma rede de amigos, enquanto que o 11 de Setembro, em Nova Iorque, afetou, não somente as vítimas diretas do atentado terroristas e suas famílias, mas também uma coletividade nacional e, mais genericamente, uma grande parte do mundo. ” Assim vemos como os acontecimentos importantes podem ou não afetar uma gama de pessoas, uma vez que seu poder de afetação não está necessariamente em sua amplitude, mas em sua abertura não esperada.

De acordo com Deleuze (2007), o acontecimento inaugura um campo de problemas e um horizonte possível, em busca de um gesto voltado a tentar compreendê-lo e a tratá-lo na sua devida complexidade. Deleuze (1969, p.72) diz que os acontecimentos “são singularidades que se desdobram num campo problemático”.

Assim, o acontecimento possui diversas particularidades e dentre elas está a evidência de um descontrolo da experiência. O homem moderno acredita que pode controlar tudo, mas, quando se trata de experiências, é impossível controlar sentimentos e ações, já que os mesmos emergem na interação inesperada com o ambiente. Dessa forma, o acontecimento provoca a emergência de campos problemáticos, que solicitam novos sentidos e explicações.

Quando nos referimos à questão do acontecimento, Marielle Franco nos convida a uma reflexão profunda. Sua execução brutal, nos tira totalmente do controle e faz surgir inúmeras perguntas, como o modo que ele nos afeta, e a cada informação nova nos revela novos sentimentos e atualiza os sentidos publicamente disponíveis.

Tratando a morte da vereadora como um acontecimento, podemos perceber que ele provocou uma fissura na experiência, sendo um corte que nunca se fecha. Essa ferida alcançou diversas pessoas que compartilhavam e se sentiam representados em diversos discursos. Marielle era mulher negra, lésbica, feminista, mãe solteira, cria da favela da Maré e política. Ela era símbolo de luta e potencializava os discursos de grupos que lutavam por direitos de

igualdade, por justiça social, luta contra o racismo, preconceitos, violência contra a população negra e pobre do país.

Segundo Gumbercht (2004) a hermenêutica tenta produzir o controle da interpretação através de um poder, hegemônico da significação, mas não é possível controlar o sentido. No caso da ex-vereadora o campo problemático se constituiu por um campo hermenêutico e provocou determinadas interpretações. O que aconteceu com Marielle? Porque aconteceu? Como que tudo isso aconteceu? Ficamos tentando interpretar e realizando inúmeras perguntas, mesmo sabendo que o acontecimento não se reduz às suas próprias interpretações.

Isso porque, para Deleuze (1974), o acontecimento está sempre em devir (sempre voltando, emergindo). Tentamos explicar e tornar o acontecimento um fato, já que queremos findá-lo com as nossas indagações. Só que devemos nos lembrar que não iremos conseguir explicar esse acontecimento, porque o mesmo não pode ser totalmente apreendido. Mas, ironicamente, o acontecimento existe na medida em que é individualizado, que tenta ser apropriado e significado em contextos diversos. Por isso o acontecimento tem poder revelador: ele lança luz aos próprios contextos que tentam interpretá-lo.

Assim, neste capítulo, tentamos compreender, com Hannah Arendt, o caráter democrático do espaço público, como espaço aberto à pluralidade e à diferença em que o fluir da vida se constitui a partir de acontecimentos que provocam explicações e demandam soluções. Nosso esforço, no próximo capítulo, é o de tentar compreender como os acontecimentos podem fazer emergir processos de representação política. Nesse sentido discutiremos algumas noções de representação política tradicionais no campo da ciência política e tentaremos acolher uma noção que possa dialogar com a noção de acontecimento desenvolvida neste capítulo. Ao fim, nosso esforço será o de delinear algumas categorias analíticas que nos façam compreender como a morte/execução de Marielle Franco, tomada como acontecimento, fez emergir uma série de questões dirigidas à representação política - demandas estas tanto voltadas à existência dessas diferenças, mas também demandas de cunho totalitário que tomavam as ideias de igualdade e de progresso para justificar a existência de um mundo fechado às diferenças.

CAPÍTULO 2 – Representação Política e a emergência de demandas

2.1. Falando um pouco de representação política

Nesse tópico, o esforço principal empreendido volta-se a compreender algumas discussões gerais que gravitam em torno da noção de representação política. A representação é parte crucial na constituição das práticas democráticas: é fato, nos contextos contemporâneos⁸, o crescimento por demandas e pelo reconhecimento de grupos sociais diversos (Young, 2006). Dessa maneira, torna-se questão proeminente tentar responder como formas de igualdade relacionadas às necessidades modernas e às condições dos sujeitos, que vivem com padrões igualitários e universalistas da representação política atual, denunciam injustiças e buscam reivindicações que deem conta de lidar com as diferenças (YOUNG, 2006).

Contudo, também podem ser vistos, por toda a parte, sinais da crise da representatividade na democracia. Dessa forma, a insatisfação dos cidadãos com a política pode estar diretamente ligada com a crescente desconfiança em relação aos políticos e às instituições. Segundo Almeida (2011):

Fenômenos políticos recentes, como as crescentes abstenções eleitorais, o declínio da credibilidade dos partidos tradicionais, a distância acentuada entre povo e elite, a opacidade dos mandatos, bem como os escândalos recorrentes de corrupção envolvendo representantes do executivo e do legislativo dão fôlego ao argumento de que estamos diante de uma crise da representação política, ou pelo menos, de um relativo mal-estar em relação à mesma. (ALMEIDA, 2011, p. 26)

Apesar de, na visão de Almeida (2011), não existir um consenso a respeito de haver uma crise da representação política, é impossível negar que a confiança que os cidadãos depositavam em seus representantes e nas instituições políticas já não é mais a mesma. Dessa forma podemos ver que essa crise é reflexo das dificuldades da democracia representativa em representar os diversos sujeitos, principalmente quando tais sujeitos se vinculam a –grupos sociais minoritários.

⁸ A noção de representação vem sendo atualizada desde a Idade Média quando a estrutura do poder era monopolista e exclusiva da monarquia (ALMEIDA, 2011). Ao longo dos anos, até chegar na modernidade, podemos perceber que o poder passa a ser descentralizado e plural. Um exemplo é a criação do parlamento na Inglaterra, instituição está que reflete um novo conceito de representação política, com uma participação maior daqueles que estavam aptos a tomar decisões políticas e representar o povo. Nesse momento, surgem dois segmentos centrais para nossa noção de representação, sendo eles a territorialidade e a delegação, que organizam a política naquele momento. (ALMEIDA, 2011)

No campo prático, é justo evidenciar que existem diversas formas de representação política na sociedade, sendo que a forma que temos em vigor no Brasil é a representação por voto, de caráter geográfico (Lanna Júnior e Martins, 2010), ou seja, escolhe-se o representante de acordo com o local em que se reside. Além disso, na Constituição de 1988, em seu primeiro artigo, parágrafo único, encontra-se declarado que todo poder emana do povo e esse poder é exercido pelos representantes eleitos. Na política brasileira, as práticas representativas são as mais diversas possíveis, vindas das mais tradicionais como o plebiscito⁹ e o referendo¹⁰ até as contemporâneas como conferências de políticas públicas¹¹. Independente dos desenhos representativos, podemos perceber como muitos teóricos questionam diversos fenômenos atribuídos aos processos de representação política: as características dos representantes e representados, os critérios de legitimidade e de condições de maior inclusão democrática, a perspectiva discursiva e a compreensão de fenômenos de representação eleitoral e não eleitoral (SAWARD, 2005; 2009; 2010; URBINATI, 2006; DRYZEK e NIEMAYER, 2008).

Sendo assim, tendo em vista o problema de pesquisa ora proposto nessa monografia – a compreensão entre acontecimento e a configuração de processos de representação política a partir da execução da vereadora Marielle Franco – torna-se fundamental buscar conformar entendimentos para o quadro analítico que será proposto: a emergência de campos problemáticos que motivaram a configuração pública de formas não eleitorais de participação. Assim, ainda que Marielle fosse representante eleita, cumprindo o mandato de vereadora na Câmara Municipal do Rio de Janeiro, nosso interesse primordial não se volta a analisar sua atuação como representante formal, mas, nosso foco busca pensar em que medida sua execução provocou a emergência de campos problemáticos, qualificados, acima de tudo, por reivindicações de inúmeras demandas por representação. Para chegar a esse entendimento, discutiremos, a seguir, as visões de representação de Nádía Urbinati e John Dryzek/Simon

9 Plebiscito é uma manifestação popular expressa através de voto, que ocorre quando há algum assunto de interesse político ou social. (participação)

10 No referendo o povo é chamado para votar após a legislação sobre determinado tema já ter sido elaborada e aprovada pelo Estado. Neste caso, o povo deverá aceitar ou não. Um exemplo de referendo foi o "Referendo sobre a proibição da comercialização de armas de fogo e munições", realizado em 23 de outubro de 2005 e rejeitado pela maioria. (participação)

11 As Conferências de Políticas Públicas são instrumentos da democracia contemporânea que conjugam a participação de representantes do governo e da sociedade civil nas discussões e deliberações de um determinado tema. A reunião e articulação entre diferentes atores garante a legitimidade das suas resoluções e o caráter democrático necessário a este espaço do sistema político brasileiro.

Niemeyer e Michael Saward. Ao final do capítulo, argumentaremos que a visão de Saward torna-se bastante adequada a possibilidades analíticas afins à noção de acontecimento.

2.1.1. A representação política para Nádía Urbinati e John Dryzek/Simon Niemeyer

Torna-se fundamental atermo-nos a dois interesses centrais quando nos propormos a estudar e a investigar formas não eleitorais de representação. Em primeiro lugar, é preciso definir o que entendemos como representação política e, em segundo, buscar entender os critérios de sua legitimidade. É importante ressaltar que, quando estudamos essas questões, devemos nos atentar a quem representa; o que representa; e como se representa, questões estas que tem sido desenvolvida, dentre outros autores, por Nádía Urbinati (2006. ;2011). Tal cientista política busca associar a noção de representação com a noção de soberania, tomando por base a obra de Rousseau, e ao mesmo tempo, abrindo possibilidades para novas compreensões acerca da representação democrática. Urbinati (2011) não acredita na soberania como um ato unitário da vontade e nem entende que a representação é uma transferência da soberania, pois os mesmos respondem pela inviabilidade da representação contratualista. Para Rousseau, na leitura da intelectual norte-americana, a democracia deve ser delegada e não representativa, e deve ser regida por um modelo contratual e privado de alienação de direitos e não de um modelo público. Porém Urbinati (2006) acredita na reinterpretação do conceito clássico proposto por Rousseau, em que a soberania popular é vista como uma diarquia - forma dual de governo que divide o poder com ministros nativos responsáveis perante um legislativo localmente eleito - que engloba a vontade e um julgamento político. Dessa forma, a eleição não é só um ato de transferência de poder, mas também um momento de relação entre o representante e o representado.

Assim, a autora elucida que “em uma palavra, a representação pode incentivar a participação política na medida em que seu caráter deliberativo e sua característica de julgamento expandem a política para além dos estreitos limites da decisão e do voto” (URBINATI, 2006, p. 16, tradução nossa). Para a cientista política, o dualismo entre Estado e sociedade pode ser diminuído pela representação, e observa um fenômeno interessante: as inúmeras formas de comunicação e informação que os cidadãos estabelecem com movimentos sociais, partidos políticos e mídia não se tratam de meros acessórios aos processos representativos, mas são extremamente constitutivos da própria prática da representação política.

Nesse sentido, Urbinati (2010) diz que a representação não acontece apenas nos momentos das eleições, mas está sempre acontecendo e sendo atualizada, de modo que as eleições são o momento em que o debate político acontece mediado pelos representantes. A autora ainda afirma que o discurso e o comparecimento são formas essenciais e estruturais de uma representação democrática. Para ela, esses dois conceitos são anteriores a qualquer decisão democrática, fato esse que justifica, em sua visão, o fato de que movimentos sociais e manifestações públicas cumprem um papel muito importante na avaliação e no controle dos próprios representantes. Esses tipos de contra poderes causam um impacto muito grande na qualidade dos representantes e na democracia, já que os sujeitos possuem uma chance de cobrar, mais de perto, a realização de ações públicas dos seus representantes. Por isso, Urbinati (2010) afirma que, para a democracia moderna ser considerada segura e duradoura, ela deve ter o debate como caráter principal do seu processo de tomada de decisão e transmitir essa sensação aos cidadãos- eleitores e também aos seus representantes¹².

Urbinati (2006) acredita que a democracia deve valorizar não só a representação política, mas também a possibilidade de novos temas nas múltiplas esferas públicas. Além disso a autora afirma que os espaços públicos têm como potencial informar os representantes. Os debates sobre o governo representativo estão na ponte entre representação e tomadas de decisão; no entanto, Urbinati (2006) salientou que esses debates foram deixados de lado no momento do componente eleitoral. Também é importante destacar que o debate público inova quando propõe alternativas concretas que têm maior destaque nos espaços públicos e atores sociais na construção da legitimidade das decisões políticas, para muito além de qualquer gesto formal, que se pretende definitivo, de eleição de representantes.

A autora também desenvolve uma noção de representação como *advocacy*, e aponta o papel da sociedade civil quando se trata da defesa de ideias e temas que possam ser incorporados pelo governo representativo (URBINATI 2006). Assim, Urbinati (2006) elucida que configurações atuais da representação democrática são formadas pela representatividade nos espaços formais e pela defesa (*advocacy*) de grupos minoritários. Por fim, é válido apontar que a autora propõe entender que não seria propriamente o caráter indireto que difere a democracia representativa da democracia direta. A democracia representativa se torna

¹² Presenciamos fenômenos recentes que ameaçam a democracia, como a própria ascensão à Presidência da República do Brasil de Jair Messias Bolsonaro, que ganhou as eleições de 2018 sem ter participado, sobretudo no segundo turno da campanha eleitoral, de nenhum debate público com o candidato concorrente, Fernando Haddad.

divergente pelo seu caráter e pela sua abrangência no que se refere a processos de conformação de uma política mediada: nela, não há coexistência entre a tomada de decisões e a deliberação política. Podemos dizer que “participantes calados” e “cidadãos plenamente ativos” não atuam na mesma dimensão temporal e espacial, de modo que apenas os representantes conseguem deliberar, decidir e calar de forma simultânea. Assim, o relacionamento entre os eleitores e os representantes baseia-se na coo extensibilidade e no tempo entre falar/ouvir e o de retificar/votar.¹³

Devemos nos ater ao fato de que encher uma assembleia de representantes imparciais não assegura que grupos minoritários tenham voz. Assim, na visão da cientista política, podemos perceber que a representação abrange duas perspectivas diferentes. De um lado ela é considerada transformadora e defensiva, já que ela leva em conta a desigualdade social e se propõe a corrigi-la e a condená-la. Por outro lado, a representação também visa a independência quando se trata de circunstâncias materiais e sociais e se refere a qualidades que são representativas de qualquer comunidade que se pretende ser democrática. Urbinati (2010, p. 87) ainda afirma que:

A primeira assegura que os grupos e cidadãos em situação de desvantagem não sejam penalizados e excluídos do processo deliberativo. A segunda projeta uma noção igualitária de comunidade política na qual a representação dependeria, em última instância, da livre escolha de cidadãos individuais. Por um lado, a representação é pragmática; por outro lado, a representação é um ideal regulador.

Podemos perceber outras noções de representação que vão além das pressuposições do voto, e se preocupam com os dilemas de sua própria construção, em contextos de sociedades complexas e pluralistas -, pois reconhecem que a institucionalização da representação não assegura, por si só, a representatividade ou a correspondência com a vontade ou o interesse dos representados. Dentre tais noções, destacamos aqui a *representação discursiva* (DRYZEK E NIEMEYER, 2008),

¹³ Durante sua construção sobre o conceito de democracia, Urbinati (2010) busca a referência normativa da democracia grega (salvaguardando as diferenças históricas e temporais do uso contemporâneo de tal referência) e nos apresenta três tipos de cidadãos atenienses que participavam da democracia, sendo eles: “os passivos, que não iam à assembleia; os participantes calados, que iam à assembleia, onde só ouviam e votavam, mas não erguiam a voz em discussão; e os cidadãos plenamente ativos o pequeno grupo dos que tomavam iniciativas, falavam e propunham moções” (URBINATI, 2010, p. 59).

Dryzek (2001) salienta que a representação discursiva se dá no momento em que discursos são publicamente conformados na esfera pública e não expressos pela via eleitoral. Dito por outras palavras, o australiano afirma que a compreensão da representação política deve-se focar nas formas de discurso que não necessariamente são disseminadas pela via eleitoral, já que o voto não é só a única forma de construção de representações frente aos desafios da política moderna.

Diversas organizações e indivíduos sem terem sido eleitos, ou que não se sentem representados pelos políticos eleitos, reivindicam alguma outra forma de representação. Dentre esses grupos existem pessoas com deficiência, gays e lésbicas, defensores dos direitos dos animais, mulheres, pobres, grupos em prol do meio ambiente e grupos étnicos, os mais variados possíveis. Nesse sentido, Dryzek, junto com o também australiano Simon Niemeyer (DRYZEK E NIEMEYER, 2008) se esforçam por explicar um tipo de representação que pode ser constituída não por delegação ou baseada na confiança, e, para isso, constroem o conceito de representação discursiva. Segundo Dryzek e Niemeyer (2008), a representação discursiva já acontece, porém nem sempre ela é reconhecida como tal, uma vez que esse tipo de representação se dá por representantes não eleitos que proporcionam voz aos que não tinham poder de fala. Tendo em vista a existência de inúmeras questões controversas nos cenários contemporâneos, os autores assim defendem certa tendência para que uma perspectiva discursiva seja cada vez mais incorporada na compreensão de fenômenos de representação eleitoral e não eleitoral. Para isso, os autores propõem a constituição de Câmaras Discursivas, um determinado tipo de desenho institucional que se volta a agregar representantes de diferentes discursos em uma espécie de público deliberativo, movido a tomar decisões a partir de um debate público movido por questões controversas (Dryzek & Niemeyer 2008). É nesse sentido que os autores acreditam que seja possível priorizar demandas que a representação tradicional baseada na escolha de pessoas não daria conta de constituir, colaborando para a legitimidade do pluralismo, mesmo em níveis diferenciados.

2.2. A noção de demandas de representação de Michael Saward

Neste tópico iremos apresentar a noção de representação pelo cientista político britânico Michael Saward, que desenvolve a noção de *representative claims*. Tal terminologia se refere a demandas representativas que têm origem em diversos atores, de forma performática,

dinâmica e ininterrupta. Para o autor os *claims* são "uma demanda de representar, ou uma demanda de quem sabe que representa o interesse de alguém ou de alguma coisa" (Saward, 2010, p. 42). Na toada dos autores desenvolvidos anteriormente, o britânico também evidencia que, se pensarmos no momento atual da teoria política, é possível perceber a insuficiência numa visão de representação política baseada numa ligação formal entre sociedade e Estado, em detrimento de uma existência social aberta e ininterrupta (e, muitas vezes, desconhecida) de uma pluralidade humana. Dessa forma, o autor recomenda que devemos fugir dessa naturalização dos conceitos e compreender que a representação política é configurada pela forma com a qual as pessoas se sentem representadas. Saward (2006) diz que a representação é processual: o que está sendo representado está em constante construção: "a representação é um contínuo processo de fazer e receber, de aceitar e rejeitar demandas – entre e fora dos períodos eleitorais" (Saward, 2010, p. 36).

Levando em consideração que nem todos os grupos podem ser representados legitimamente pela democracia eleitoral, ou em fóruns de deliberação, Saward (2006) aposta em um conceito que evidencia como a pluralidade pode ser representada a partir de demandas representativas (*representative claims*). Dessa forma, podemos perceber como diversos grupos e indivíduos têm apresentado demandas representativas, por exemplo o cantor Bono Vox da Banda U2 que declara ser defensor das causas do povo africano, sujeitos estes que sempre sofreram historicamente com os problemas de ausência de bens materiais básicos, e com o preconceito. Porém não existe só essa forma de emergências de demandas por representação: há também atores da sociedade civil que recebem do Estado ou da sociedade uma autorização específica, autorização esta que é regulamentada por um conjunto de regras voltado a instituir relações com diversos grupos historicamente excluídos.

Saward (2006) assim acredita que, a partir da noção de *representative claims*, torna-se necessário focar na dinâmica dos modelos de representação. Essa representação pode ser considerada em termos de demandas representativas e reivindicações por vários atores políticos, ao invés de tomar a representação unicamente como resultado alcançado a partir das eleições. De tal sorte, Saward propõe: a) perceber o processo de fazer reivindicações como o gesto nuclear de qualquer processo de representação; b) enfatizar o lado performativo da representação ao invés do meramente institucional; c) compreender que os processos de reivindicação iniciam-se a partir de micro realidades para se dirigirem a macro realidades; e d)

criar espaços para um trabalho normativo criativo de radicalização sobre nossas noções do que se pode contar como politicamente representativo.

O autor também acredita que a legitimidade é um processo, ou seja, está em constante construção e sempre há de ser buscada na qualidade do processo representativo (SAWARD 2011). Por isso, Saward (2010), defende que a representação deve ser uma qualidade fixa do Estado, partindo do pressuposto que ela é um evento que propõe enxergar as demandas como representativas (*representative claim*). Saward (2006; 2008) acredita que o indivíduo é ao mesmo tempo participante, representante e representado, dando um ar de pluralidade e sobreposição de funções. Se tomarmos o Brasil como exemplo, podemos perceber que um conselheiro de política pode ser, ao mesmo tempo, participante de uma organização da sociedade civil, participante do conselho, representante da organização no conselho e, ao mesmo tempo, é representado por outras pessoas e por vários outros discursos proferidos neste espaço. Por esses termos, o autor britânico assim acredita que a representação deve ser enxergada como uma *atividade*, já que é impossível romper com a distância entre representante e representado, sendo que o conceito deve tornar a política plural nas questões de “quem representa” e “o que está sendo representado”.

Se pensarmos nos espaços de formulação das políticas como híbridos, além da representação diante do poder, podemos perceber que existe uma representação direta das políticas, dos temas e dos discursos pelos atores da sociedade civil. Com relação a isso, Saward (2010) afirma que, além de apresentar demandas representativas, em muitos espaços de formulação de políticas existe uma representação do poder, uma vez que atores possuem algum tipo de autorização para tomarem decisões em nome de indivíduos que são afetados diretamente pela política.

O autor afirma que os julgamentos políticos que estavam ligados à representação eleitoral estão muito mais dispersos e as demandas de representação estão cada vez mais claras e abertas, fazendo com que exista uma competição de demandas (*claims*) muito maior do que por votos (SAWARD, 2009; 2010). Como podemos perceber, existem inúmeros movimentos sociais, associações e organizações não governamentais que estão sempre em busca de representar questões que ultrapassam definições locais (SAWARD 2006). Assim, devemos compreender como a representação acontece, quais são os efeitos que elas causam e como suas relações com os representados acontecem além da institucionalidade. Devemos compreender

como a sua dinâmica acontece e não apenas descrever seus tipos e formas, uma vez que o campo da representação está “constantemente em expansão e contração” (SAWARD, 2010, p. 2).

Dessa forma, para a parcela da sociedade que vive sempre à margem e em desvantagem, o conceito de representação política não eleitoral é extremamente importante, uma vez que ele pode ser um aliado primordial para democracia, funcionando como mediador entre os sujeitos que estão em desvantagem, a esfera pública, os âmbitos governamentais e a sociedade civil (Saward, 2010; Maia, 2012).

Ainda é válido destacar que o cientista político britânico acredita que é necessário focar mais nas *dinâmicas* do que nas *formas* de representação. Sendo assim para Saward (2010) a representação pode ser considerada e reivindicada por diversos atores políticos, sendo eles representantes eleitos, bem como outros atores reivindicantes. As *claims* que os atores políticos reivindicam serão sempre seletivas e parciais, uma vez que elas contribuem para construir a imagem de quem as reivindica representar. Saward (2006) acredita que nenhuma reivindicação seja má ou boa, sendo que a mesma está restrita a desejos, perspectivas, necessidades, interesses ou preferências de quem as pleiteia. Sendo assim o autor afirma que a audiência deve ser livre para poder interpretar as reivindicações. “Uma reivindicação política não tem sentido se não for ouvida, vista ou decifrada pela audiência pretendida, por aqueles a quem se destina a atrair e convencer” (Saward, 2006, p. 312).

Se tivermos uma variedade de representantes, mesmo que eles sejam representantes não eleitos, é possível perceber como podem contribuir para uma maior abertura e dar mais visibilidade às desigualdades e aos atores políticos que são excluídos do processo tradicional representativo, deixando assim o contexto social em que as *claims* acontecem mais pluralizado. Saward (2010) assim defende que as lutas sociais podem colocar novos adeptos para contribuir para o processo de transformação das preferências. O autor acredita que existem limites no ato de oferecer imagens de atores políticos. Assim podemos perceber que os interesses prévios e pré-políticos são transferidos de maneiras diferentes para o processo representativo, gesto este que impacta o processo de unificação das *claims*, a possibilidade de visibilidade e o tempo para aceitação e transformação das preferências.

Podemos tomar como exemplo a reivindicação em favor dos grupos quilombolas no Brasil: tal reivindicação envolve organizações civis, não governamentais, ativistas e lideranças que são próprias desses grupos. Tais sujeitos buscam estratégias para dar forma e transformar

em conteúdo os interesses e as demandas que os seus representados expressam, como, por exemplo, o direito à terra. Outro exemplo possível é o das sufragistas no início do século XX, estas que apresentavam demandas que inicialmente não eram reconhecidas pela grande maioria dos constituintes e atores políticos. Dessa forma visamos destacar que o representante sempre vai afirmar algo e reivindicar a criação de uma imagem do que ele representa, ou seja, vai apresentar uma demanda ou um direito em favor de algo ou alguém. Assim podemos ver que as *claims* podem partir, em maior ou menor intensidade, em razão daqueles que serão representados.

O autor acredita na combinação de diferentes atores (sendo eles eleitos e não eleitos) para que a representação possa ser a mais plural possível. Para Saward (2016), dessa forma, é possível introduzir a preocupação com as desigualdades nas reivindicações representativas. Assim não basta que as pessoas se posicionem a favor de uma pluralidade de *claims*, mas que os sujeitos devam se preocupar com a liberdade do outro e com o bem-estar coletivo, que é o centro para a representação democrática.

Nesse sentido, chegamos ao esforço central empreendido por essa monografia. É possível compreender como as demandas por representação emergem a partir de acontecimentos na cena pública? Ou, dito por outras palavras, a partir da emergência de acontecimentos, é possível compreender que campos problemáticos que se configuram publicamente inauguram/afetam o campo de demandas por representação? E, nesse caso, demandas por representação que emergem junto a acontecimentos apresentam tanto possibilidades de ampliação democrática como também podem fazer aparecer ameaças à própria existência do pluralismo? A partir desses questionamentos, e tomando como base a triste execução da vereadora Marielle Franco, da cidade do Rio de Janeiro, buscaremos conformar, a seguir, os procedimentos metodológicos que nos auxiliarão a analisar, sobretudo em campos problemáticos que emergiram no âmbito das interações na internet, a configuração de diversas demandas por representação. O que motivou a configuração de tais demandas? Tal pergunta torna-se nuclear para a conformação da metodologia e da análise a seguir.

CAPÍTULO 3 – Capítulo metodológico e descrição da realidade de estudos

Este capítulo tem como objetivo esclarecer os processos metodológicos utilizados para a realização da pesquisa aqui delineada, bem como detalhar alguns procedimentos utilizados na coleta de dados. O foco da pesquisa é o de investigar em que medida um acontecimento provocou a configuração pública/a emergência de demandas por representação, as mais variadas possíveis. Sendo assim, buscou-se um campo empírico em que fosse possível observar essas emergências, fato este que nos motivou a realização de uma pesquisa documental, em espaços de produção de texto presentes na Internet, com destaque também para rede social *Facebook*.

A pesquisa conta com análises documentais/textuais sobre a cobertura da execução da Vereadora Marielle Franco, execução esta que aconteceu no dia 14 de março de 2018, na cidade do Rio de Janeiro (RJ). Nosso esforço foi o de buscar textos que datam desde março até os dias atuais (oito meses). Para sistematizar a análise documental proposta, foram escolhidos dois tipos de textos, de acordo com a temática da pesquisa, sendo eles:

- a) **textos advindos de atores críticos** - sobretudo movimentos organizados, intelectuais e políticos -, em seus próprios sites institucionais;
- b) **textos de coberturas da mídia** compartilhadas na rede social *Facebook* pelas empresas produtoras e disseminadoras das notícias compartilhadas em perfis de jornais e atores civis.

O objetivo de analisar o primeiro conjunto dos textos foi o de compreender a conformação de demandas por representação motivadas pelo acontecimento e realizadas por atores críticos, estes que, supostamente, já possuem intuitos ou até mesmo papéis de representação não eleitoral de diversos grupos sociais. O objetivo do segundo conjunto de textos foi o de buscar como veículos noticiosos deram espaço a demandas por representação que emergiram, com destaque para o modo como diversos públicos interagiram no espaço dos comentários de tais veículos no *Facebook*, tanto nas páginas do próprio veículos, quanto em páginas de atores civis ligados ao caso a ONG Anistia Internacional e do deputado Marcelo Freixo, Deputado Federal pelo PSOL e a que compartilharam as notícias produzidas por veículos de mídia. Nesse sentido, o intuito foi o de buscar perceber, por meio das interações, como as demandas por representação eram percebidas, legitimadas e/ou desqualificadas pelos públicos, na interação com a rede social.

Como atores críticos, foram escolhidos: Organização das Nações Unidas (ONU), *The Intercept* e GRIS UFMG e Anistia Internacional Brasil; como textos de coberturas midiáticas, foram escolhidos os seguintes portais de notícias: *The Guardian*, *The Independent*, O Globo, G1 portal de notícias, *El País*. Todos os portais acima produziram textos e/ou notícias sobre o acontecimento, que foi a morte da vereadora Marielle. O *The Guardian*¹⁴ é um jornal diário britânico criado em 1936. *The Independent*¹⁵ é um jornal britânico fundado em 1986 e atualmente é um jornal online. Fundado há 52 anos, o Grupo Globo¹⁶ tornou-se a principal empresa de telecomunicações do país, alcançando os maiores índices de audiência da TV. A Organização das Nações Unidas (ONU)¹⁷, ou simplesmente Nações Unidas, é uma organização intergovernamental criada para promover a cooperação internacional, foi criada em 1945. *The Intercept*¹⁸ é uma publicação on-line lançada em fevereiro 2014 pela *First Look Media*. O Grupo de Pesquisa em Imagem e Sociabilidade (GRIS)¹⁹ da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), foi criado em 1994 e tem como temática central a inter-relação entre imagens e sociabilidade na configuração dos processos comunicativos. A Anistia Internacional²⁰ é um movimento global com mais de 7 milhões de apoiadores, que realiza ações e campanhas para que os direitos humanos internacionalmente reconhecidos sejam respeitados e protegidos. Está presente em mais de 150 países. O *El País*²¹ é um jornal diário espanhol fundado em 1976, e está no Brasil desde novembro de 2013.

Para selecionar o *corpus*, foi pesquisada, na plataforma Google, a palavra Marielle Franco e os textos de coberturas da mídia compartilhadas na rede social *Facebook*, foram escolhidos também a partir de pesquisa com a palavra Marielle Franco. Dessa forma, foram escolhidos os atores críticos e as instituições de mídia anteriores. Foram escolhidas oito matérias de cada site, respeitando os limites de serem escolhidas as primeiras matérias de cada site, depois as matérias que decorreram os meses após a execução da vereadora. Como critérios para a seleção das matérias foram escolhidos datas e assuntos próximos e/ou semelhantes, para que não houvesse nenhuma alteração no resultado final da pesquisa. Apenas uma matéria foi

¹⁴ Disponível em: <https://www.theguardian.com/us>

¹⁵ Disponível em: <https://www.independent.co.uk/>

¹⁶ Disponível em: <https://g1.globo.com/>

¹⁷ Disponível em: <https://nacoesunidas.org/>

¹⁸ Disponível em: <https://theintercept.com/brasil/>

¹⁹ Disponível em: <http://grislab.com.br/>

²⁰ Disponível em: <https://anistia.org.br/>

²¹ Disponível em: <https://brasil.elpais.com/>

escolhida por ter aparecido na *timeline* do *Facebook* da pesquisadora, destacada em quadro a seguir.

A metodologia utilizada na nossa pesquisa foi baseada na análise de conteúdo (AC) que foi formulada por Laurence Bardin (1977) e buscamos aplicar esse método nos textos/notícias escolhidas. A AC proposta foi executada em duas fases, distribuída em 1) pesquisas no *Facebook* sobre os materiais textuais sobre o caso Marielle Franco e a escolha do corpus; e 2) análise dos materiais escolhidos.

Apesar de ser considerada como um método quantitativo, ao longo do tempo, as abordagens qualitativas ligadas à AC têm ganhado espaço (Bardin, 1977). O material para a análise pode ser oriundo de diversas fontes e cabe ao pesquisador refinar suas análises perante os materiais. Numa abordagem qualitativa, as categorias e os objetivos podem ser refinados e possibilitar um corte menor para a construção do corpus. Foi dessa forma que buscamos trabalhar.

Bardin (1977) divide a análise de conteúdo em 3 partes, sendo elas:

I. Pré-análise:

Na fase da pré-análise são feitas as organizações dos conteúdos, em que os materiais selecionados se tornam mais sistematizados, sendo organizados de acordo com intuições. Segundo Bardin, essa etapa acontece em três fases: “a escolha dos documentos a serem submetidos à análise, a formulação das hipóteses e dos objetivos e a elaboração de indicadores que fundamentam a interpretação final” (BARDIN, 1977, p. 95).

Depois disso começa a ser realizada a primeira fase da pré-análise, em que a autora intitula de leitura flutuante, que tem como particularidade fazer o contato com os materiais de análise, começar a conhecer o texto do documento que será analisado, preenchendo-se com as primeiras impressões e orientações do que foi lido e pesquisado.

Já a segunda etapa da pré-análise é formada pela escolha dos documentos que serão de fato analisados. É nesse momento que o corpus da pesquisa é delimitado e o objeto de estudo é formado; logo após essa seleção de documentos, os mesmos serão expostos ao processo de análise.

A autora afirma que devemos respeitar algumas regras para poder determinar os materiais que serão escolhidos para o *corpus*: a primeira regra a ser respeitada é a da

exaustividade e não da seletividade; isso quer dizer que não devemos deixar de fora nenhum elemento do campo de construção do *corpus* durante o período pré-estabelecido; a segunda regra é a da representatividade em que é de extrema importância que os materiais escolhidos devam ter um caráter representativo, apresentando, de certo modo, expressão semântica dentre os levantamentos realizados; a terceira regra é a da homogeneidade, em que todos os critérios que foram adotados para a análise dos documentos do *corpus* devem ter sido aplicados de forma igualitária; e a quarta e última regra é a da pertinência, em que o material escolhido para ser analisado deve ser adequado aos objetivos que a pesquisa pretende atingir.

O quadro abaixo contém a data de publicação, o título e o *links* das matérias analisadas.

Quadro 1 – Lista das matérias selecionadas

| Artigos | |
|----------------------------------|--|
| The Guardian - 22/03/2018 | Assassinato de Marielle Franco: autoridades brasileiras sob pressão global para encontrar assassinos https://www.theguardian.com/world/2018/mar/22/marielle-franco-inquiry-letter-urges-brazil-authorities |
| Indepedent - 16/03/2018 | Marielle Franco: Por que minha amiga era um repositório de esperança e voz para os sem voz do Brasil, antes de seu devastador assassinato https://www.independent.co.uk/news/world/americas/marielle-franco-death-dead-dies-brazil-assassination-rio-de-janeiro-protest-glenn-greenwald-a8259516.html |
| Geledes - 19/03/2018 | Há sentido político na difamação de Marielle Franco https://www.geledes.org.br/ha-sentido-politico-na-difamacao-de-marielle-franco/ |
| ONU - 16/04/2018 | ARTIGO: Marielle Franco — democracia, legado e violência contra as mulheres na política https://nacoesunidas.org/artigo-marielle-franco-democracia-legado-e-violencia-contra-as-mulheres-na-politica/ |

| | |
|--|--|
| The Intercept Brasil - 15/03/2018 | MARIELLE FRANCO, MINHA VEREADORA, ASSASSINADA https://theintercept.com/2018/03/14/marielle-franco-assassinada-vereadora-psol/ |
| GRIS UFMG - 16/05/2018 | JÁ FOMOS SÃOS? IGUALDADE, JUSTIÇA E LOUCURA http://grislab.com.br/igualdade-justica-e-loucura |
| GRIS UFMG - 13/04/2018 | O ATENTADO QUE NÃO TERMINOU http://grislab.com.br/o-atentado/ |
| GRIS UFMG - 21/03/2018 | A INTERVENÇÃO E MARIELLE http://grislab.com.br/a-intervencao-e-marielle/ |
| GRIS UFMG - 19/03/2018 | NEYMAR, MARIELLE E A FORÇA DOS ACONTECIMENTOS http://grislab.com.br/neymar-marielle/ |

Quadro 1: Textos de atores críticos escolhidos para a pesquisa empírica
Fonte: Dados da pesquisa, 2018.

| Posts <i>Facebook</i>/ Interação nos comentários | |
|---|---|
| Anistia Internacional Brasil - 13/05/2018 | O assassinato brutal de Marielle e Anderson não pode ficar impune. https://www.Facebook.com/anistiainternacionalbrasil/posts/2107834759261234 |
| G1- 11/10/2018 | O mapeamento do trajeto feito pelo veículo naquele dia representa um grande avanço para a continuidade das investigações ==> https://glo.bo/2PtBL0w #G1 https://www.Facebook.com/g1/posts/2427298097322261 |
| G1- 04/10/2018 | “Havia muita fúria, tristeza, espírito de luta... Eu nunca vi isso na minha vida”, disse o fotojornalista francês Guy Picheard. #G1 https://www.Facebook.com/g1/posts/2414657261919678 * Única matéria escolhida por ter aparecido na timeline da pesquisadora e fazer sentido |

| | |
|------------------------------------|---|
| | junto à análise ora proposta. |
| El País - 13/10/2018 | As “outras” Marielles que o Rio elegeu https://www.Facebook.com/elpaisbrasil/posts/2032922103434396 |
| El País - 12/10/2018 | “Quando dizem que Marielle virou semente, é muito real” https://www.Facebook.com/elpaisbrasil/posts/2032912783435328 |
| Marcelo Freixo - 06/05/2018 | Tribuna do Rio Vai se chamar Marielle Franco https://www.Facebook.com/MarceloFreixoP/sol/posts/2143015889071989 |

Quadro 2: Matérias jornalísticas escolhidas para a pesquisa empírica
Fonte: Dados da pesquisa, 2018.

A etapa seguinte da pré-análise é a de formulação de hipóteses e objetivos. Dessa forma para a autora, essas hipóteses são um conjunto de afirmações provisórias que a pesquisa pretende analisar. Bardin (1997, p. 98) diz que “de facto, as hipóteses nem sempre são estabelecidas quando da pré-análise. Por outro lado, não é obrigatório ter-se como guia um corpus de hipóteses, para se proceder à análise. Algumas análises efetuam-se às cegas e sem ideias pré-concebidas”. Assim essas afirmações/suposições devem ser confirmadas a partir de critérios objetivos, sugerindo uma hipótese que seja capaz de proporcionar interrogações sobre o assunto que será analisado.

A autora ainda propõe mais um elemento para a pré-análise, que é a *referenciação dos índices e elaboração de indicadores*, fazendo com que estes determinem a sistematização de indicadores organizados de acordo com as hipóteses. Já a última etapa da pré-análise é a de preparação do material, que consiste em organizar todo o material que será analisado seguindo uma mesma lógica em comum para todos os documentos coletados. Foi utilizada, nesta pesquisa, a tabela mencionada acima para a organização dos materiais de ambos os sites. .

I. Exploração do material:

Para a autora a exploração do material é a “administração sistemática das decisões tomadas” (BARDIN, 1977, p. 101), de acordo com a etapa anterior. Ainda levando em consideração o pensamento da autora, compreendemos que é nesta fase em que o analista transforma o *corpus* em um material mais objetivo, transformando os dados e documento/textos brutos em um material mais simples e coeso, sendo possível neste momento esclarecer o pesquisador dos aspectos e características presentes nos textos. Esta é a etapa mais longa do processo de análise de conteúdo.

A exploração do material foi feita a partir da análise do conteúdo, de fato. Em nosso enfoque damos destaque aos dados qualitativos de cada conteúdo analisado, para poder inferir e dar resultados específicos sobre a pesquisa.

II. Tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação.

A última etapa estabelecida por Bardin para o processo de análise de conteúdo tem como intuito possibilitar uma análise que seja mais visual dos dados que foram obtidos durante a pesquisa, deixando-os em formatos mais simples e perceptíveis. Dessa forma, os resultados oriundos dessa pesquisa se tornam mais significativos e fiéis, que possibilita ao pesquisador elaborar questionamentos/interferências e interpretações. Bardin (1997, p. 101) determina que “o analista, tendo à sua disposição resultados significativos e fiéis, pode então propor inferências e adiantar interpretações a propósito dos objetivos previstos, ou que digam respeito a outras descobertas inesperadas”.

A metodologia foi escolhida devido ao método criterioso proposto pela autora para se realizar uma análise. Como a proposta da pesquisa é de analisar dois tipos distintos de textos e em um deles a interação nos comentários das notícias compartilhadas no *Facebook* pelas páginas dos veículos de informação. Nessa pesquisa foi usado o método de codificação apresentado pela autora, onde as inúmeras reportagens foram reduzidas à uma forma mais simples de compreensão para os leitores.

3.1. A potência de pesquisa no espaço da internet

Antes de proceder a análise proposta, é relevante constituir uma reflexão acerca da potência de pesquisa sobre comunicação e política que se encontram presentes nos espaços interacionais da internet. Se levarmos, por exemplo, em consideração as duas últimas eleições no Brasil, podemos perceber como a internet vem sendo uma ferramenta importante nas

discussões políticas na sociedade brasileira. Coleman e Blumler (2009) afirmam que o mundo virtual pode ser um espaço para despertar uma cidadania mais ativa, vigorosa e crítica, e que tal espaço pode levar a um novo patamar o governo representativo, fazendo com que o mesmo tenha mais respeito com o discurso público e com a deliberação. Os autores, salientam que o estado atual das democracias contemporâneas necessita de espaços novos para a cidadania ser colocada em prática e que a internet demonstra possuir potencial necessário para revitalizar as formas já desgastadas da comunicação política/pública contemporânea. A internet possibilita nesse caso uma proliferação de novas estruturas comunicativas entre representantes e representados.

Os autores Coleman e Blumler (2009, p. 170) propõem que sejam criadas comunidades cívicas (*civic commons*) isto é, estruturas que sejam permanentes e que possam gerar o potencial democrático da mídia interativa. Eles entendem que criando uma nova forma de interação da população com os representantes será possível romper com a atual comunicação política e possibilitar que a voz do público possa se conectar de forma mais efetiva no cotidiano das instituições. Uma forma de mediar a representação política nas iniciativas digitais seria sustentá-las em quatro pilares de atuação: 1) informação; 2) participação; 3) deliberação; e 4) vinculação. Outra forma de contribuição para a população, além da informação política de qualidade e da interação com os representantes seria uma forma de os processos representativos serem o mais transparentes possível. As informações sobre as atividades, decisões e processos que envolvam os atores e as instituições públicas seriam disponibilizadas de maneira mais acessível à população.

A autora Pippa Norris (2001) salienta que o uso da internet pelas instituições representativas teria a vantagem de informar a população sobre os mais diversos assuntos de forma simultânea e direta para um público extremamente amplo e de forma eficiente, igualitária e rápida. “Deste modo, cada cidadão tem acesso ao mesmo documento que teria o mais bem pago lobista” (Pippa Norris, 2001, p. 138). Dessa forma, podemos perceber que a autora afirma que com a ampla gama de informações disseminadas é fundamental para tornar o público capaz de investigar e compreender as atitudes dos seus representantes e de cobrar suas responsabilidades perante suas ações. Sendo assim, esses novos tipos de oportunidades ao acesso das informações pelas ferramentas digitais contribuem para tornar mais aberto e transparente o processo representativo.

Porém é necessário salientar que toda iniciativa digital deve ser voltada para como a representação política pode contribuir para a participação política dos cidadãos, inserindo-os ativamente nas discussões políticas do país (MAIA, GOMES, MARQUES, 2011). Dessa forma as iniciativas podem proporcionar, além das informações, espaços que sejam próprios para mediar a argumentação e a deliberação do povo sobre assuntos dos espaços representativos e da agenda política.

Portanto, podemos perceber a internet como um ambiente comunicacional com potencial de modificar o atual padrão da baixa participação política dos civis nas democracias contemporâneas. Assim esse novo canal de comunicação têm o dever de garantir e fomentar a liberdade de expressão, as participações nas esferas de decisão, o pluralismo da fala política, as oportunidades de controle civil dos tomadores de decisão, as experiências contemporâneas de democracia, a transparência pública e a opinião e participação.

Entretanto, esses mesmos autores apontam riscos que o espaço da internet carrega. Dentre eles, a possibilidade de livre expressão pode se tornar uma armadilha para a emergências de pautas nada democráticas, provocando engajamento e permitindo a conformação de um espaço político representativo em que coexistem tanto demandas por pluralismo, quanto demandas por projetos elitistas e conservadores. É nesse sentido que retomamos o problema de pesquisa aqui ora proposto: em que medida, no espaço político da internet, é possível perceber a configuração de demandas por representação, motivada pelo acontecimento da execução da vereadora Marielle Franco? É o que analisaremos a seguir.

CAPÍTULO 4 – Análise das configurações das demandas por representação a partir da execução de Marielle Franco

Como mencionado anteriormente, o momento da nossa análise tem o objetivo de compreender a relação entre acontecimentos e emergência por demandas de representação nos contextos contemporâneos, para que possamos encarar como o lugar das diferenças, as demandas por representação e as ameaças totalitárias à modernidade estão presentes no nosso cotidiano. Dessa maneira, antes de delinear a análise textual aqui proposta, cabe fazermos um breve relato livre sobre quem foi Marielle.

Marielle Francisco da Silva, conhecida como Marielle Franco era mulher, negra, mãe e cria da favela da Maré. Socióloga formada pela PUC - Rio e com mestrado em Administração Pública pela Universidade Federal Fluminense (UFF), realizou sua dissertação sobre o tema “UPP: a redução da favela a três letras”. Ela foi eleita Vereadora da Câmara do Rio de Janeiro pelo Partido Socialismo e Liberdade (PSOL), com 46.502 votos, sendo a 5ª mais votada da cidade e, além disso, foi Presidente da Comissão da Mulher da Câmara. Marielle trabalhou em organizações da sociedade civil como a *Brasil Foundation* e o Centro de Ações Solidárias da Maré (Ceasm) e teve a oportunidade de coordenar a Comissão de Defesa dos Direitos Humanos e Cidadania da Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro (Alerj), ao lado de Marcelo Freixo.

Ainda que ela tenha ocupado esses lugares de grande importância para o aprimoramento da democracia e combate às desigualdades sociais brasileiras, no dia 14/03/2018, Marielle foi brutalmente assassinada em um atentado contra o carro em que estava, no momento em que voltava de um encontro com jovens negras. Foram 13 tiros disparados contra o veículo, que matou também o motorista Anderson Pedro Gomes. Na Câmara dos Vereadores, do Rio de Janeiro, Marielle fazia parte de um grupo composto por 4 relatores de uma comissão criada um mês antes da sua morte para monitorar os trabalhos da intervenção federal - militar - na segurança pública do estado do Rio de Janeiro - RJ. Pouco tempo depois, o ocorrido, que era tratado pela polícia como assassinato, passou a ser intitulado como execução, e até hoje são feitas especulações, mas nada de concreto ainda foi divulgado e o caso parece ainda estar longe de ser solucionado. Ainda assim, quem mandou matar Marielle não esperava que sua morte iria repercutir em milhares de vozes que se sentiam representadas por ela.

A figura de Marielle fortalece a caminhada e a luta de muitas pessoas. Isto é, Marielle representava muitos cidadãos que viviam à margem na cidade do Rio de Janeiro. Sua própria

presença era passível de representação de pessoas LGBTQI+, das mulheres, da comunidade negra, das pessoas pobres oriundas das comunidades carentes, das mães solteiras e de toda uma população que, de certa forma, torna-se minorizada nos contextos sociais contemporâneos. Desse modo, a sua execução representa um afronto direto à essas minorias (em representatividade e não em número).

A morte de Marielle Franco ganhou repercussão nacional e internacional, fazendo com que o seu caso virasse um acontecimento, sendo reverberado em diversas instâncias, e em todo momento surgindo uma notícia com informações novas. Após a execução da vereadora, identificamos campos problemáticos que começaram a emergir, ligados a demandas por representação. As demandas por representação que emergiram com a execução da Marielle estabeleceram, de algum modo, um gesto que olha para um passado, mal resolvido e que influencia um presente e um futuro. Durante esse tempo, alguns textos críticos foram publicados em *sites*, em jornais e em alguns espaços acadêmicos, mobilizando não só o Brasil, mas também veículos de outros países. Como podemos perceber em um trecho do texto publicado no portal da ONU “o assassinato da vereadora Marielle Franco nos coloca diante de um limiar. Décadas de construção democrática e de reconhecimento da violência de gênero, em leis e políticas públicas, foram insuficientes para poupar sua vida e a de outras mulheres. ” (ONU, 2018).

Diante desse acontecimento extremamente atual e que, ao mesmo tempo, resgata desigualdades estruturais enraizadas no Brasil, acreditamos que a tentativa de desqualificação das demandas por representação – demandas essas representadas por Marielle, que dava voz aos que estavam a margem: “Marielle era símbolo de luta: luta por direitos, por desigualdades, por justiça social, da luta contra o racismo, os preconceitos, a violência contra a população negra e pobre do país, da luta de todas as minorias que ela encarna” (GRIS, 2018) – carrega, como uma de suas bases principais (dentre muitas outras) o argumento da ideologia do progresso – tal ideologia, de acordo com Benjamin (2005), insinua que o passado deve ser esquecido, pois o progresso é inevitável e o que passou não deve ser levado em consideração, pois o progresso justifica qualquer coisa que tenha acontecido. Assim, podemos perceber o quanto a desqualificação das demandas por representação e a ideologia do progresso juntas podem deslegitimar a luta do marginalizado e extinguir as diferenças já que a modernidade prega a igualdade.

4.1. Textos Críticos – a experiência como emergência das diferenças

Os textos destinados a esse primeiro subtópico se assemelham às noções da emergência das diferenças e nos chamam muito a atenção para a noção de liberdade que evocam - mesmo que os textos relatados não estejam falando sobre as facilidades na vida em sociedade. Muito pelo contrário, são textos “pesados” que falam da execução de Marielle, mas mostram como as diferenças estão presentes e como elas deveriam ser legitimadas no mundo político. Percebemos nesses textos que o poder é que tentam dizimar as diferenças é real e constante, mas que os autores dos textos mostram que a resistência existe e está presente.

Assim, nosso esforço, nesse tópico, é o de demonstrar como demandas emergiram com o acontecimento e como foram cortadas/fraturadas a partir da morte da vereadora. Iremos analisar como esses textos críticos que olham para o passado tentam indicar uma perspectiva histórica, construindo demandas por representação. Com esses textos também será possível compreender como a modernidade tenta mostrar que o passado é fraturado a partir de dois movimentos, sendo o primeiro a noção de ideologia do progresso e a concepção liberal da representação e o segundo movimento das *fake news*, como um impedimento à emergência do passado.

Nesse primeiro momento de análise, utilizamos autores críticos que tentam compreender o acontecimento a partir do campo problemático e, ao compreender o acontecimento, discutem o modo como o acontecimento delinea a representação. Esses autores lançam mão de argumentos sobre como caráter hermenêutico do acontecimento pode gerar campos problemáticos como a morte da vereadora, e como essa morte e sua reverberação vem pautando e delimitando como a representação política vêm sendo pautada no espaço comum.

Os autores críticos podem ser reconhecidos entre três categorias diferentes: 1) jornalistas; 2) pesquisadores e 3) atores da sociedade civil e da política (ex.: Anistia Internacional e Marcelo Freixo). Esses autores críticos foram importantes para podermos entender o caso, o primeiro por retratarem o acontecimento e sempre o atualizarem a partir de novas notícias; o segundo por buscarem estudar o caso e o entenderem não somente como um atentado contra a vida de uma cidadã, mas como um atentado à democracia e a representação política; e o terceiro por se tratarem de atores da sociedade civil que também estão empenhados em elucidar o caso. Nosso movimento é o de compreender como o acontecimento faz emergir campos problemáticos ligados às demandas por representação. Isto é, todas as representações

que emergem com a execução da Marielle, emergem olhando para o passado, nunca voltando o olhar para o futuro, isso acontece porque o acontecimento ressignifica o nosso passado e nos faz olhar para ele de uma nova forma, já que o acontecimento atualiza o passado para construção de um novo futuro. Desse modo, analisamos os textos críticos sobre a execução da Marielle, sendo alguns deles publicados em jornais e outros em espaços acadêmicos.

No texto “Marielle Franco, minha vereadora, assassinada” publicado pelo jornal *The Intercept* Brasil no dia 15/03/2018, é possível perceber como a representação que Marielle exercia surge durante o texto, e como as mesmas voltam o seu olhar para o passado. Em uma parte da matéria a jornalista diz “Ela (Marielle) já trabalhava dando suporte a vítimas de violência. Trabalho que ela começou a fazer após perder uma amiga, vítima de bala perdida, num tiroteio entre policiais e traficantes da Maré”. Dessa forma, podemos perceber como os campos problemáticos que surgiram após a execução da vereadora emergem com o olhar para o passado. Se dirigirmos nossa atenção para a questão da representação, vamos perceber como Marielle representava muitas vozes e corpos que não são aceitos na cidade do Rio de Janeiro, parte da notícia relata noções de representação da vereadora. “Marielle bateu 5 mil, 6 mil, 10 mil, 15 mil votos. Era inacreditável. Foi a 46 mil votos. Uma votação histórica. Uma coisa raríssima: uma mulher negra, moradora de favela eleita vereadora no Rio”. Marielle representava muitas pessoas, dava voz a grupos distintos e isso fazia dela uma representante de inúmeros grupos”. Outra parte importante que podemos perceber nesse texto crítico é a menção à banalidade do mal - retratada por Arendt -, a jornalista diz “ Marielle se foi. Sabe quantas fotos de Marielles mortas eu vejo todos os dias? Dezenas, de todos os ângulos (...) A banalidade do mal vista diariamente nesse Rio de Janeiro ocupado, usado por gente como os políticos que decidiram intervir nele militarmente apenas como cavalo de batalha eleitoral”. Relatos como esse nos instigam a pensar como os ultraconservadores que tentam deslegitimar a morte da vereadora não percebem a gravidade de sua execução e silenciamento. Marielle era voz potente e defender que sua morte é só mais um número e no mínimo cruel.

“Mas o que é mais notável, e mais devastador, sobre o assassinato de Franco é quão improvável e única sua trajetória foi para o palco público. Negra LGBTQ+ em um país notoriamente dominado pelo racismo, sexíssimo e dogmas religiosos tradicionais, ela foi criada em uma das maiores favelas mais pobres e violentas do Rio, o complexo da Maré”, relata Glenn Greenwald. A partir desse trecho podemos ver como o jogo de forças acontece na política e como ser mulher na política se torna extremamente difícil, por se tratar de um ambiente

machista e misógino, e quando um corpo estranho como o de Marielle aparece, causa não só estranhamento como repúdio. A matéria “Marielle Franco: Por que minha amiga era um repositório de esperança e voz para os sem voz do Brasil, antes do seu devastador assassinato” do jornal *Independent*, publicada no dia 16/03/2018, também demonstra como o passado da vereadora construía uma nova noção de representação. Podemos perceber isso em um trecho relatado acima. A vereadora utilizava da sua representação política e legítima para lutar por causas que acreditava, ela era “ativista de direitos humanos mais eficazes da cidade, liderando campanhas frequentemente perigosas contra a violência policial generalizada, corrupção e assassinatos extrajudiciais que mirou nos pobres e negros moradores da cidade com quem ela cresceu”, relata Glenn Greenwald. Dessa forma, percebemos que Marielle não só cumpria com suas obrigações políticas, mas também era representante de várias demandas por representação como relata Saward (2006) de que a representação é processual e está sempre em construção, a representação acontece dentro e fora dos períodos eleitorais. Se continuarmos tomando por base a questão da representação política, podemos perceber como a questão da emergência das diferenças aparece no texto: “o status de Franco, não apenas como uma nova força política a ser considerada, mas como um repositório de esperança para os grupos tradicionalmente sem voz e excluídos do Brasil: seus moradores das favelas, seus negros e pobres e mulheres”. Marielle era uma representante legítima e tinha um canal de comunicação muito direto com seus eleitores e utilizava dessa ferramenta para dar voz aos seus eleitores, fazendo com que suas diferenças sempre emergissem e fossem levadas em consideração. “Ao assumir o cargo, Franco usou sua nova plataforma para: investigar, denunciar e organizar contra a violência policial infligida aos moradores negros e pobres da cidade”. No final desse parágrafo percebemos o quando Marielle era repositório de esperança e de representação política: ela participava ativamente de suas funções como vereadora e estava sempre à disposição do povo.

É possível compreender o conceito de bode expiatório proposto por Arendt (1979) a partir do texto “A intervenção e Marielle” do GRIS (Laboratório de Análise de Acontecimento) da UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais), publicado no dia 21/03/2018, que indica o assassinato que vitimou uma vereadora que era opositora ao sistema, o silenciamento de uma voz que denunciava abusos dos agentes de segurança. Se retomarmos o conceito de bode expiatório proposto por Arendt, em que os marginalizados tendem a ficar sempre mais ainda distantes dos centros decisórios político e econômicos, podemos compreender como o texto traz artifícios que reafirmam esse conceito proposto por Arendt. Nesse texto eles relatam que a

vereadora executada enviou, um dia antes da sua morte, um artigo para o Jornal do Brasil em que ela dizia “o apontamento das favelas, como lugar do perigo, do medo que se espalha para a cidade, (...) coloca a favela como objeto principal e inimiga pública”, relata tal pessoa. Depois dessa parte do artigo em que Marielle introduz sobre as ameaças que pairavam sobre a população marginalizada ela ainda completa: “O que vemos é que neste ‘laboratório’ as cobaias são os negros e negras, periféricos, favelados, trabalhadores. A vida das pessoas não pode ser experimento de modelos de segurança”. Assim, fica possível compreender como a própria vereadora já percebia que os pobres e favelados - parcela da sociedade que vive à margem - são considerados os bodes expiatórios desse governo, e como ela afirmava em todos os seus discursos qual era o seu lugar e o seu papel como representante eleita.

O jornal britânico *The Guardian* lançou um artigo intitulado “Assassinato de Marielle Franco: autoridades brasileiras sob pressão global para encontrar assassinos” foi publicado no dia 22/03/2018. Durante a leitura desse artigo, podemos perceber como o acontecimento da morte da vereadora fez emergir campos problemáticos ligados à representação. Em uma parte do artigo podemos perceber como eles se manifestam a partir desse acontecimento: “Ela desafiou veementemente a impunidade que cerca as execuções extrajudiciais de jovens negros pelas forças de segurança (...) O ativismo de Marielle lhe valeu muitos inimigos poderosos”. Se tomarmos o acontecimento como um ressignificador do passado e do próprio futuro é possível perceber como ele se manifesta a partir do trecho da matéria “o local do assassinato tornou-se um santuário, com flores, fotos e pichações dizendo ‘matança policial’, ‘execução’ e ‘vidas importam.’ ” Assim, percebemos como após o acontecimento – a sua execução – fica claro que o seu passado foi ressignificado quando o texto lança a mão de ações realizadas pela vereadora, para legitimar sua luta e sua representação. Ainda nessa mesma linha de ressignificador do passado vemos como o local da sua morte virou espaço de resistência, luta e cobrança para a solução do caso.

A vereadora era a voz de quem não é ouvido nos espaços de poder e, sendo assim, representava uma parcela muito grande da população. No texto publicado pelo portal da ONU, intitulado como “Marielle Franco - democracia, legado e violência contra as mulheres na política”, publicado no dia 16/04/2018, podemos perceber como as questões postas voltam para problemáticas da representação política, em especial da mulher no espaço político. No trecho:

“seu assassinato estremece a democracia e mostra a necessidade de legislação específica contra a violência direcionada às mulheres na política

(...) Quando uma mulher negra, que moveu estruturas da periferia para o espaço da política, é morta, estremece o que foi construído para que a democracia seja um regime político e social. Nele, as mulheres devem ter assegurada sua atuação e integridade ” (ONU, 2018)

Dessa forma, fica nítido que a execução de Marielle foi um atentado à democracia, e a luta da mulher para ganhar espaço na política e poder ser representada, nesse trecho, fica ainda mais clara, sobretudo ao explicitar como o jogo de forças é extremamente desigual - e como mesmo depois de eleita a mulher continua sendo deslegitimada. Tendo em vista o que foi dito acima pelo portal da ONU, podemos perceber como a questão da morte da vereadora não é só uma questão de segurança pública, mas uma questão política, uma vez que ela representa a parcela da sociedade que vive na periferia e longe das “mãos” do governo. Esse tipo de violência contra a mulher na política é um recado para todas, já que eles tentam prevenir a participação das mesmas e as que participam são punidas de alguma forma - no caso de Marielle com a morte - distorcendo a representação e restringindo a participação a um grupo minoritário, visto que as brasileiras são maioria na população e no eleitorado. Por esse viés, compreendemos o tratamento desigual dos partidos e da sociedade que reforçam cada vez mais o estereótipo do masculino na política, sendo assim, “Marielle, mulher negra lésbica com origem na favela, era voz de quem não era ouvido nos espaços de poder. Como mulher negra e feminista, ela era um corpo incômodo, que expunha o caráter sexista, racista e lesbofóbico de práticas e instituições brasileiras. Além disso, enunciando os assassinatos de jovens de periferia, ela reforçava no debate público as vozes de suas irmãs, fundadas na dor da perda, para driblar a desumanização. Marielle denunciava que o Estado de Direito se assentava sobre “vidas matáveis” e práticas de extermínio”. Dessa forma, acreditamos que a existência da democracia depende, dentre outros fatores, da participação política das mulheres – uma vez que são a maioria da população e do eleitorado -, da garantia que essa participação seja assegurada e, por fim, que a violência que as mulheres vivenciam e as barreiras por elas dribladas, façam ser ouvidas.

Tomando a morte de Marielle Franco como um acontecimento, podemos ver como o mesmo evidencia pela ausência os valores de igualdade e justiça. Dito por outras palavras, a racionalidade presente na modernidade, que deveria garantir esses princípios, acaba criando uma exclusão dos que não se enquadram nos padrões. Dessa forma, é perceptível a perversidade dessa racionalidade que mata os menos favorecidos que tem sempre que buscar tratamento justo na luta política. Analisando o texto do GRIS UFMG, publicado no dia 16/05/2018, “Já fomos sãos? Igualdade, justiça e loucura” escrito por Maria Lúcia de Almeida Afonso, fomos

marcados pelo seguinte trecho: “sua execução foi ordenada porque seu corpo feminino, bissexual e negro não gozava das mesmas condições de existência na esfera pública. A vida de Marielle não foi assegurada como são asseguradas outras, masculinas, heterossexuais e brancas. A igualdade e a justiça, que deveriam ser premissas para a experiência humana, se tornam fins a serem conquistados”. Esse trecho nos tocou profundamente, pois reafirma como o corpo que incomoda não tem seu lugar de existência garantido, muito pelo contrário, a igualdade – de direitos – e a mão da justiça não chega até essas pessoas, elas continuam marginalizadas e têm que lutar por direitos básicos, direitos esses que deveriam ser garantidos a todos cidadãos. À luz da teoria de Benjamin (2005), em que a ideologia do progresso e a igualdade da sociedade é tratada como forma de solução para quaisquer dilemas sociais, podemos perceber como a modernidade, que prega a igualdade, continua excluindo os que vivem à margem da sociedade, em que a justiça como está presente no texto está assegurada para a parcela da sociedade que tem estereótipos que favorecem a sua existência. Assim, fica visível como a modernidade reafirma estereótipos como: “o negro considerado como selvagem, a mulher como histérica, a afetividade homossexual como perversa”. Esses estereótipos se tornam cada vez mais cruéis, e se reafirmam a partir da ideologia do progresso que prega que todos são iguais e não respeitam as diferenças e a individualidade das pessoas.

Nesse momento vamos utilizar dois textos para fechar nosso primeiro momento de análise que falam das *fake news* sofridas por Marielle e como as mesmas foram usadas para difamar a honra da vereadora e para deslegitimar não só sua luta, sua representação política como o sentido da sua morte também.

No texto, publicado no dia 19/03/2018, do portal Geledes “Há sentido político na difamação de Marielle Franco”, evidencia-se que os extremistas do campo político oposto ao da vereadora plantaram diversas informações falsas para deslegitimar a luta e a representação de Marielle. Em um trecho do artigo: “Não é novidade a quem acompanha episódios de violência de gênero tropeçar em episódios de revitimização. São boatos, comentários e injúrias plantados por indivíduos interessados em despejar nas vítimas a culpa pelo crime sofrido”. Assim podemos ver como várias especulações e *fake news* foram surgindo após a execução da vereadora e como a sociedade moderna utiliza desses artifícios não só para deslegitimar a morte da vida, mas também a sua representação política. A quinta vereadora mais votada da capital fluminense, além de ser mulher e, como de costume, ser responsabilizada pela brutalidade que sofreu, teve sua imagem manchada pelas ondas de mentiras que circularam no mundo após o

crime. Podemos perceber o sentido político na sua morte, quando os opositores políticos disseminavam *fake news* para deslegitimar Marielle e colocando a mulher negra e lésbica como o inimigo, como o problema – como o bode expiatório.

Seguindo na mesma linha das *fake news*, percebemos como esses ataques foram intensos, sendo disseminados por diversos textos e imagens nas redes sociais, situação esta que gerou uma reverberação de ódio, desonestidade e preconceito. No texto crítico publicado, no dia 13/04/2018, pelo GRIS UFMG “O atentado que não terminou”, há a descrição do atentado à vereadora como três ondas que foram inter-relacionadas: culpabilização da vítima, banalização da morte e compartilhamento de calúnias. No primeiro momento, a vereadora foi culpada pela sua morte, em que pessoas diziam que ela defendia bandidos. Na segunda onda de ataques sofridos por Marielle, foi o momento em que grupos sociais conservadores tentaram diminuir o acontecimento da sua morte, comparando-o com crimes quaisquer - que não atentem contra a democracia - e neste momento, *fake news* foram utilizadas, bem como uma espécie de apelo para a morte de policiais negras, como mortes esquecidas pela esquerda. Na última onda de ataques, a utilização das *fakes news* foi intensificada, de modo que tais textos ligavam Marielle ao crime organizado do Rio de Janeiro, como forma de deslegitimar e abalar a credibilidade da vereadora. Até veículos da grande mídia repercutiram notícias falsas e uma desembargadora utilizou de seu perfil pessoal alegando o *Facebook* de uma amiga como fonte. Porém, não é a primeira vez que as pessoas utilizam de imagens falsas para deslegitimar a morte de uma pessoa negra, oriunda da favela.

Devemos estar atentos ao poder hermenêutico – que possibilita estudar e interpretar a morte de Marielle - desse acontecimento na sociedade, uma vez que Marielle é símbolo de luta: luta por direitos, por igualdade, por justiça social; da luta contra o racismo, contra os preconceitos, contra a violência dirigida à população negra e pobre do país; da luta de todas as minorias que ela encarna. O campo problemático que fica visível nesse ponto é que Marielle era enxergada por muitos como possibilidade de representação para as suas demandas, e que esse corpo foi silenciado justamente para mostrar que os ultraconservadores não aceitam conviver com o diferente. Assim a ideologia liberal do progresso é utilizada por grande parte da população como forma de justificar qualquer assassinato brutal, já que “todos são iguais”, ou que muitas dessas pessoas são culpadas por sua morte por conviver perto do crime organizado.

4.2. Interações no *Facebook* a partir de matérias de jornais – as experiências e o progresso/totalitarismo como ameaça às diferenças

Nesse segundo momento de análise, decidimos observar matérias compartilhadas em perfis de jornais atores civis e políticos – como o deputado Marcelo Freixo (PSOL) e a Anistia Internacional - por eles terem uma ligação com o caso. Vale a pena explicitar que a escolha pela página de Marcelo Freixo e da Anistia Internacional possuíram, no compartilhamento das notícias, muitas interações nos comentários que, a nosso ver, apresentavam material relevante para a análise aqui proposta. Assim, foi possível observar nesses comentários uma ligação muito grande com o período das eleições presidenciais brasileiras em 2018 – uma vez que a maioria dessas matérias foram compartilhadas durante a campanha eleitoral – e, dessa ligação, foi perceptível a defesa de uma bandeira brasileira totalmente ligada e comprometida com o progresso (fazendo coro à postura que o candidato Jair Messias Bolsonaro (PSL) assumia, com fortes tons autoritários, com defesa de discursos de ódio e com apologia à tortura e à ditadura). Dessa forma, vimos a distinção dos corpos que estavam adequados a viver no progresso e os corpos diferentes – os que incomodavam como o da vereadora Marielle Franco, já que incomodam. Esses corpos não são levados em consideração pelo progresso e nem pela ideologia do progresso. Os corpos distintos e que incomodam devem se adequar a esse progresso. Dessa forma, percebemos como o espaço comum defendido pelos eleitores de Jair Bolsonaro (PSL) difere da perspectiva de Hannah Arendt, que o espaço comum deve ser construído a partir das diferenças e das particularidades.

Durante as análises das interações dos comentários a seguir, poderemos ver como os usuários se mostram com discursos conservadores, de extrema direita, e se assumem “antipetistas”. Essas pessoas desconsideram totalmente os privilégios presentes na nossa sociedade e pregam um discurso pela ideologia do progresso e se justificam visando o desenvolvimento do país, a partir de uma situação em que a ordem seja reinstaurada. Assim, vemos que os indivíduos que se encontram à margem desse ideal, e que não se encaixam nesse perfil democrático criado pelos cidadãos de “bem”, sofrem constantemente com discursos cada vez mais conservadores, sendo culpabilizados pelas suas ações – como Marielle, em que muitos justificam a sua morte dizendo que ela se relacionava com bandidos. Qualquer tentativa de reivindicação dos eleitores/seguidores de Marielle que buscam promover uma forma de existência mais digna e que respeite as diferenças é obscurecida pelo ódio ao PT e à própria esquerda.

Assim, nessa segunda parte da análise, iremos investigar como demandas emergentes por representação são fraturadas a partir da ideologia do progresso e a partir de argumentos totalitários. Nos contextos contemporâneos, como em outros contextos históricos já vivenciados por nós em que existe uma grande crítica à ideologia do progresso, tal ideologia acaba se protegendo lançando mão de discursos totalitários (Benjamin, 2005). Como não há como não negar as barbaridades do progresso, o próprio progresso impede a ressignificação do passado. Ao impedir essa ressignificação, ele projeta o futuro ideal, mas com o preço de um governo totalitário, o futuro ideal é justificativa para o próprio ditador.

Dessa forma, neste segundo plano de análise, pretendemos entender como as demandas por representação são “feridas” e como grupos e pessoas que defendem o progresso lançam mão de argumentos em que o movimento de se olhar para o passado é, supostamente, falseado, numa tentativa de se desqualificar o movimento da história que o acontecimento provoca. Neste momento, nossa análise se dá em duas vertentes: 1) como a emergência de demandas por progresso e igualdade fazem com que as pessoas desqualifiquem a morte da vereadora utilizando como argumentos o antipetismo e a desqualificação histórica; 2) como as tentativas de se fraturar as demandas por representação ameaçam a própria democracia (a própria emergência), lançando mão de argumentos como “ditadura das minorias”. Além disso, analisaremos as demandas por representação e contextos da internet e como eles desqualificam o processo de fazer representação. Por fim, iremos analisar notícias compartilhadas em perfis de *Facebook* e as interações dos usuários nos comentários.

O primeiro post a ser analisado é uma notícia do Jornal Extra, “Tribuna da Câmara do Rio vai se chamar Marielle Franco”, que foi compartilhada, no dia 06/05/2018, pelo deputado estadual Marcelo Freixo do PSOL, em que Freixo diz “Marielle é gigante e não será interrompida!” Neste *post*, podemos perceber comentários que defendem a emergência das diferenças e outros que defendem a emergência do progresso/totalitarismo.

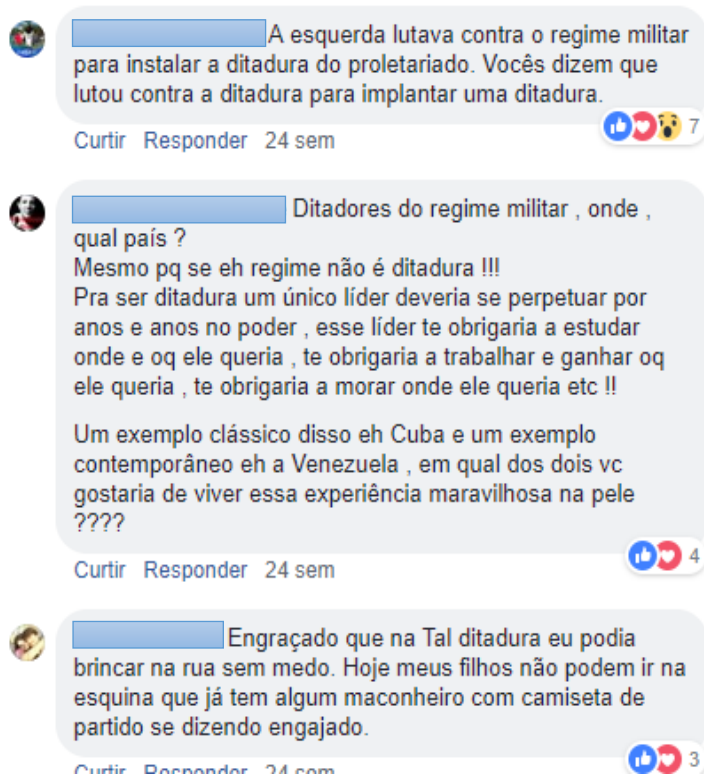


Figura 1: Fragmentos de comentários da notícia “Tribuna da Câmara do Rio vai se chamar Marielle Franco”, na página de Marcelo Freixo.

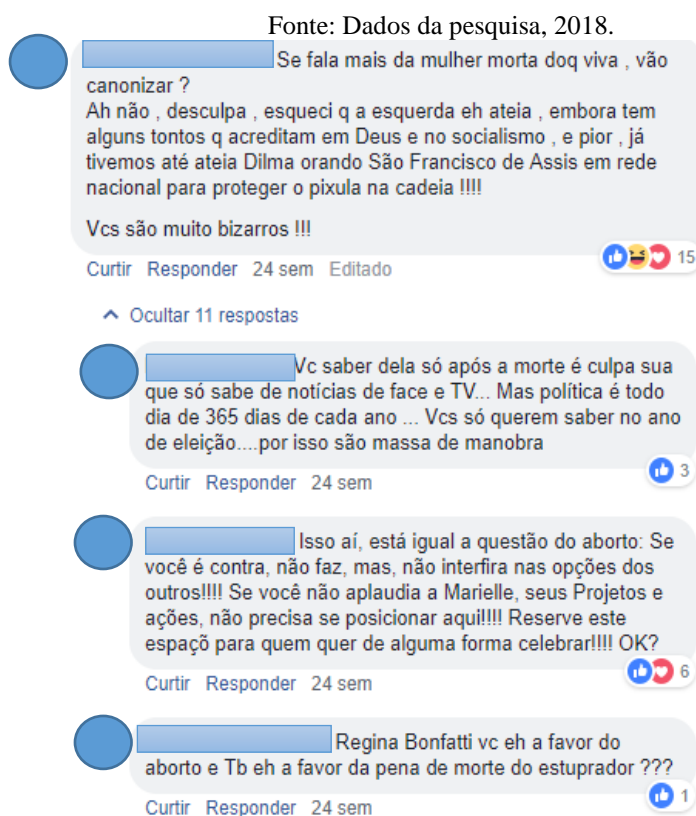


Figura2: Fragmentos de comentários da notícia “Tribuna da Câmara do Rio vai se chamar Marielle Franco”, na página de Marcelo Freixo

Fonte: Dados da pesquisa, 2018.

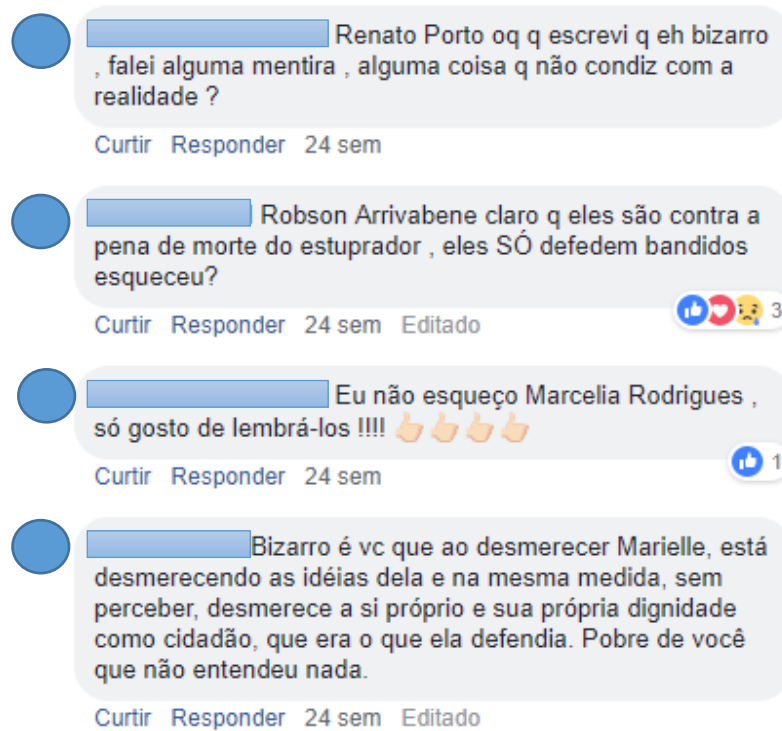


Figura 3: Fragmentos de comentários da notícia “Tribuna da Câmara do Rio vai se chamar Marielle Franco”, na página de Marcelo Freixo

Fonte: Dados da pesquisa, 2018.

Nos comentários anteriores, podemos perceber como os internautas utilizam de argumentos voltados para emergência do progresso, tentando defender que a “esquerda” argumentava que existia ditadores no regime militar, sendo que a ditadura na verdade foi implementada pela própria esquerda inspirada em Cuba, e que, na época do regime militar, as pessoas podiam viver tranquilas. É nítido perceber a estratégia argumentativa que eles utilizam para deslegitimar a luta de quem comunga e defende uma opinião política divergente. Eles utilizam de estereótipos para deslegitimar as pessoas que defendiam Marielle. Os contrários à legitimidade da execução da vereadora lançam mão de argumentos da ideologia do progresso e tentam banalizar a morte de Marielle, usando discursos totalitários para justificar porque a morte dela deve ser deixada de lado, ou como ela seria culpada pelo próprio acontecimento. Porém, em alguns momentos, podemos perceber alguns comentários que tentam mostrar a importância política de Marielle e como a sua morte foi um atentado à democracia. Em outros comentários da publicação, algumas pessoas tentam deslegitimar a representação da vereadora, dizendo que falar nela e na investigação política é uma forma da esquerda fazer palanque

eleitoral em cima da morte dela. Assim, se torna explícito como eles utilizam qualquer tipo de argumento para deslegitimá-la.

A Anistia Internacional Brasil compartilhou, no dia 13/05/2018, uma petição no seu perfil que exigia uma resposta urgente: “O assassinato brutal de Marielle e Anderson não pode ficar impune. Assine agora e exija uma resposta das autoridades. Sem pressão não há solução. Juntas, nossas vozes têm muito poder”.

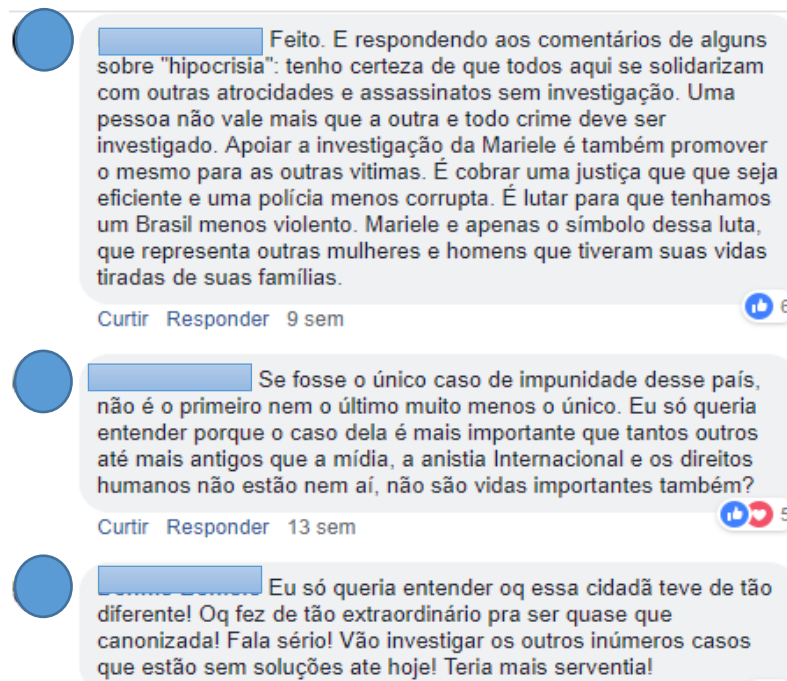


Figura 4: Fragmentos de comentários da notícia “O assassinato brutal de Marielle e Anderson não pode ficar impune. Assine agora e exija uma resposta das autoridades. Sem pressão não há solução. Juntas, nossas vozes têm muito poder”, na página da Anistia Internacional

Fonte: Dados da pesquisa, 2018.

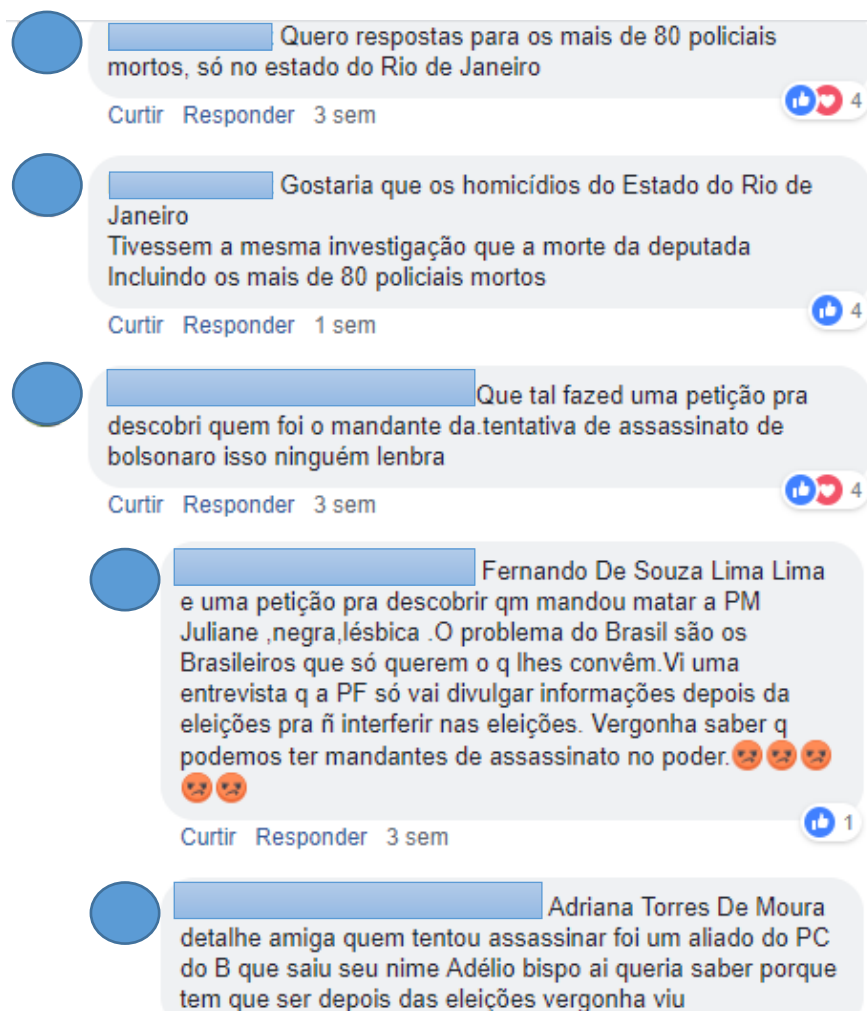


Figura 5: Fragmentos de comentários da notícia “O assassinato brutal de Marielle e Anderson não pode ficar impune. Assine agora e exija uma resposta das autoridades. Sem pressão não há solução. Juntas, nossas vozes têm muito poder”, na página da Anistia Internacional

Fonte: Dados da pesquisa, 2018.

Nesses comentários que estão acima podemos perceber que o primeiro utiliza de argumentos que favorecem a emergência das diferenças em que ele afirma que “apoiar a investigação da Marielle é também promover o mesmo para as outras vítimas. É cobrar uma justiça que seja eficiente e uma polícia menos corrupta. É lutar para que tenhamos um Brasil menos violento”. Assim, fica visível a preocupação com todos os tipos de pessoas, de modo que apoiar a investigação é apoiar a democracia brasileira. Já em outros comentários, vemos que internautas tentam banalizar a sua morte, comparando-a com a morte de outras pessoas sem levar em conta quão política é a execução de Marielle. Os opositores políticos da vereadora acreditam no progresso pelo progresso, em que as particularidades não devem ser levadas em conta, já que, para eles, a igualdade é a chave (e não a equidade, noção esta que preconiza o respeito e à consideração às particularidades, buscando uma igualdade de acesso à vida

pública). Nesse momento, podemos ver a confusão que os usuários fazem ao pedir que seja investigada a tentativa de assassinato ao, até então, na época - candidato à presidência -, Jair Bolsonaro, em que seu caso foi elucidado em pouco tempo.

O portal G1 compartilhou, no dia 04/10/2018¹, no seu *Facebook* a notícia “Fotos do velório de Marielle Franco são exibidas em estação de metrô na França” com um trecho destacado ‘Havia muita fúria, tristeza, espírito de luta... Eu nunca vi isso na minha vida, disse o fotojornalista francês Guy Picheard.

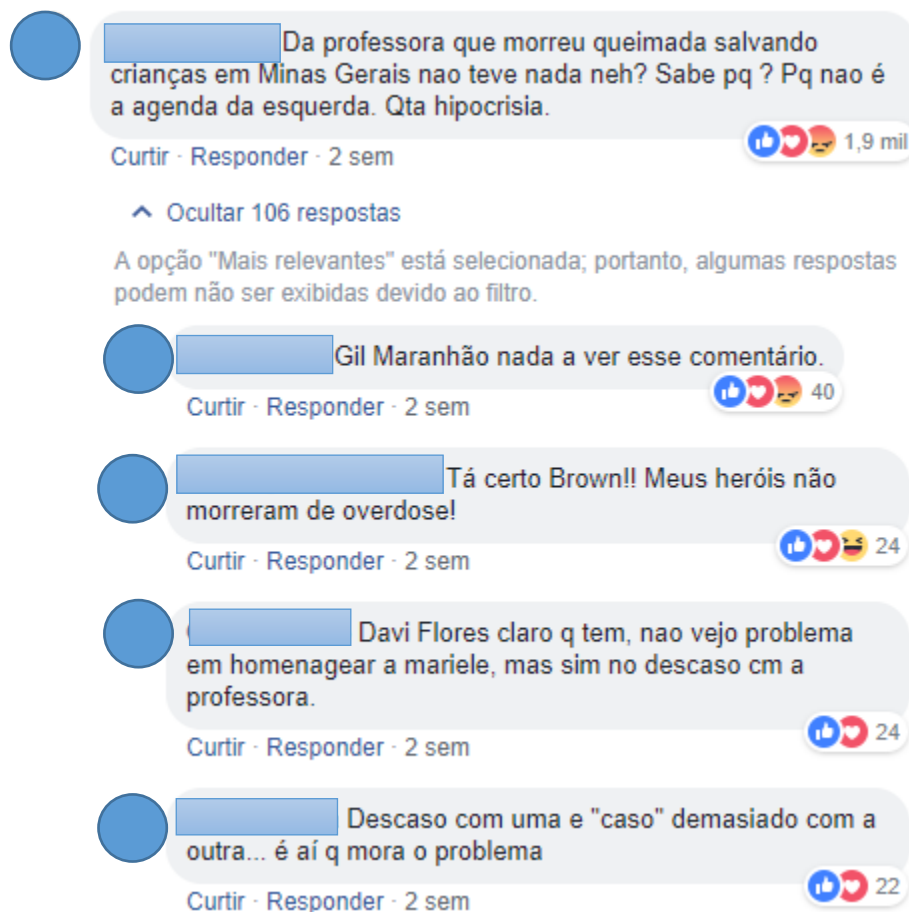


Figura 6: Fragmentos de comentários da notícia “Fotos do velório de Marielle Franco são exibidas em estação de metrô na França”, na página do G1

Fonte: Dados da pesquisa, 2018.

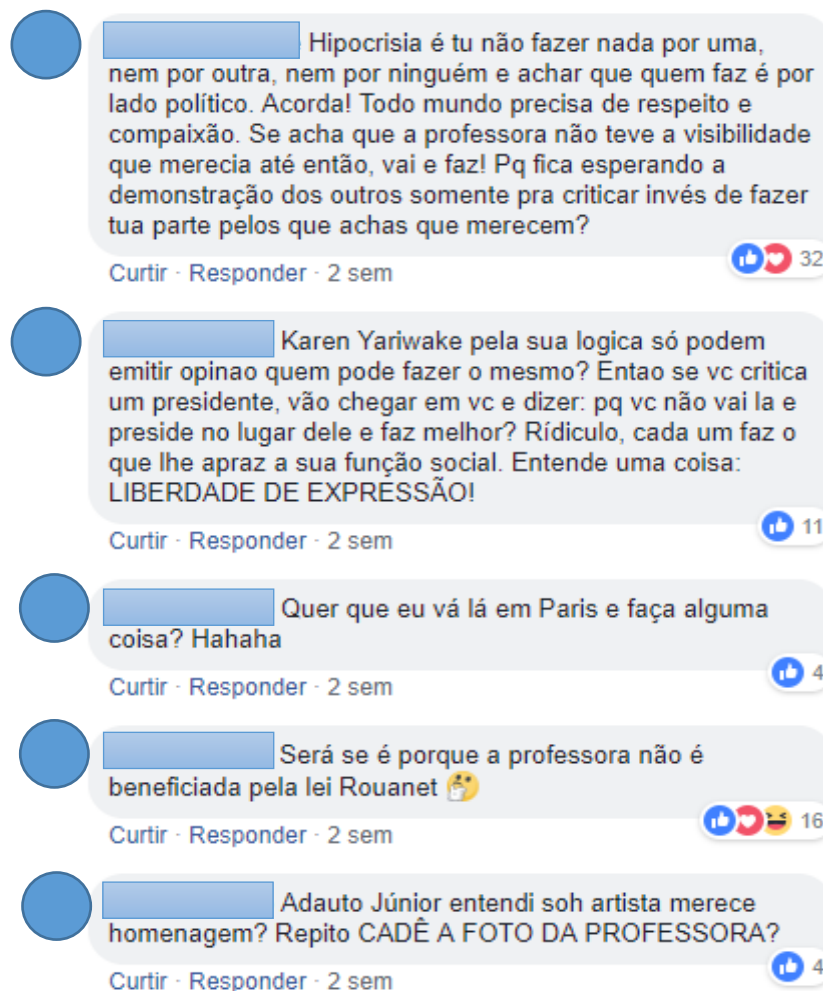


Figura 7: Fragmentos de comentários da notícia “Fotos do velório de Marielle Franco são exibidas em estação de metrô na França”, na página do G1

Fonte: Dados da pesquisa, 2018.

Na primeira figura dos comentários, podemos perceber como as pessoas usam de outras mortes para tentar fazer com que a morte de Marielle seja diminuída; dizem que a professora que morreu queimada – a professora Heley de Abreu Silva, morreu queimada em Janaúba – MG para salvar as crianças da creche²² - não recebeu esse tipo de homenagem porque não era da esquerda, como se a morte da vereadora também não fosse um marco na sociedade e na política brasileira, já que Marielle era uma voz e um corpo que incomodava as pessoas de classes mais altas. Marielle representava o negro, o pobre e o periférico – esse tipo de corpo não é bem visto e aceitável; é o bode expiatório, como afirma Arendt. Outros comentários dizem que não concordam e ao mesmo tempo tentar deslegitimar o acontecimento da morte da

²² Matéria disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2017/10/05/professora-que-tentou-deter-seguranca-em-creche-tem-90-do-corpo-queimado.htm>

vereadora tem a ver com a liberdade de expressão, ou seja para eles, mesmo que a liberdade de expressão fira a integridade do outro e desrespeite direitos humanos, tal gesto não parece ser problemático - já que pela ideologia do progresso tudo isso está legitimado pela igualdade. Porém, existem alguns comentários que tentam rebater essa onda de ódio e preconceito, defendendo que a morte de Marielle aconteceu em razão das ideias que ela defendia, que não existe hipocrisia ao defender, que “devemos falar, expor e cobrar medidas e a resolução do caso”, e que as pessoas precisam de respeito e compaixão.

Outra notícia compartilhada, no dia 11/10/2018, pelo portal de notícias G1 no seu *Facebook* foi: “Investigação aponta biotipo de assassino de Marielle e locais por onde carro passou após o crime” com o trecho acima ‘O mapeamento do trajeto que foi feito pelo veículo naquele dia representa um grande avanço para a continuidade das investigações’. Abaixo alguns comentários:

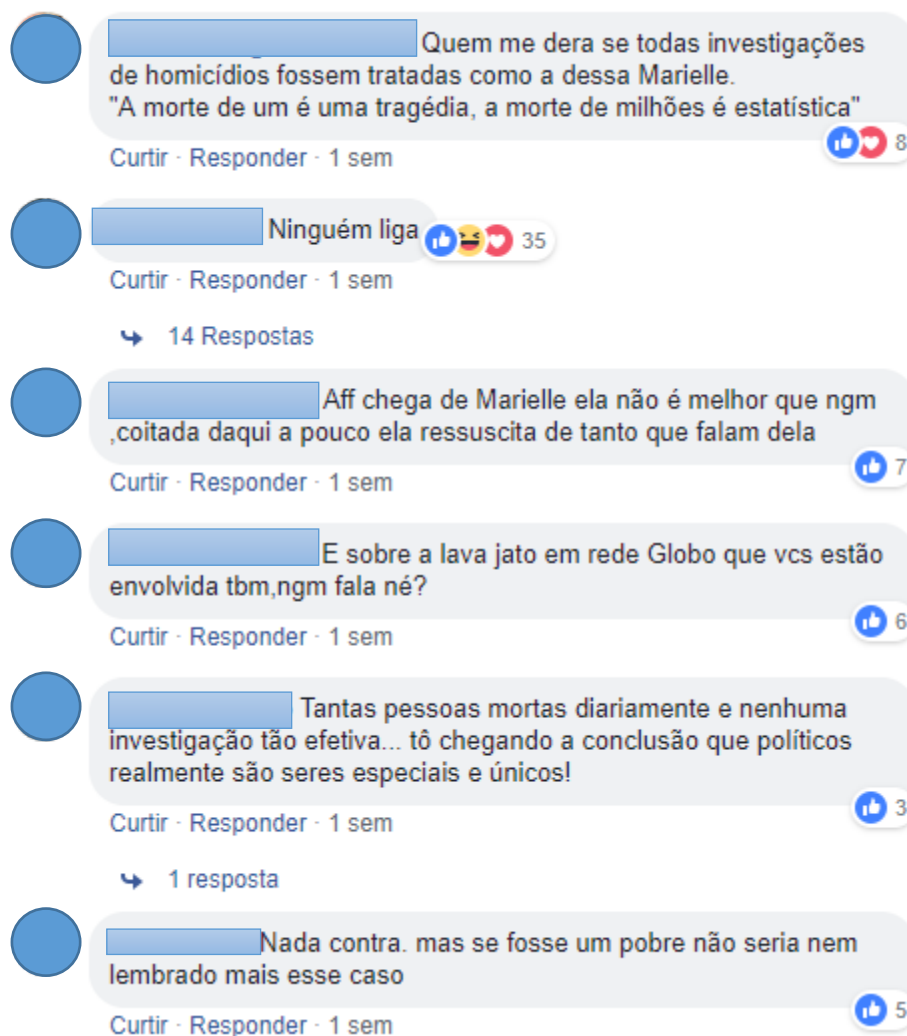
- 
- The image shows a screenshot of a Facebook post with several comments. Each comment is in a light blue bubble with a circular profile picture placeholder on the left. The comments are as follows:
- Comment 1:** "Quem me dera se todas investigações de homicídios fossem tratadas como a dessa Marielle. 'A morte de um é uma tragédia, a morte de milhões é estatística'"
Curtir · Responder · 1 sem · 8 likes
 - Comment 2:** "Ninguém liga"
Curtir · Responder · 1 sem · 35 likes
 - Reply:** "14 Respostas"
 - Comment 3:** "Aff chega de Marielle ela não é melhor que ngm ,coitada daqui a pouco ela ressuscita de tanto que falam dela"
Curtir · Responder · 1 sem · 7 likes
 - Comment 4:** "E sobre a lava jato em rede Globo que vcs estão envolvida tbm,ngm fala né?"
Curtir · Responder · 1 sem · 6 likes
 - Comment 5:** "Tantas pessoas mortas diariamente e nenhuma investigação tão efetiva... tô chegando a conclusão que políticos realmente são seres especiais e únicos!"
Curtir · Responder · 1 sem · 3 likes
 - Reply:** "1 resposta"
 - Comment 6:** "Nada contra. mas se fosse um pobre não seria nem lembrado mais esse caso"
Curtir · Responder · 1 sem · 5 likes

Figura 8: Fragmentos de comentários da notícia “Investigação aponta biótipo de assassino de Marielle e locais por onde carro passou após o crime”, na página do G1

Fonte: Dados da pesquisa, 2018.

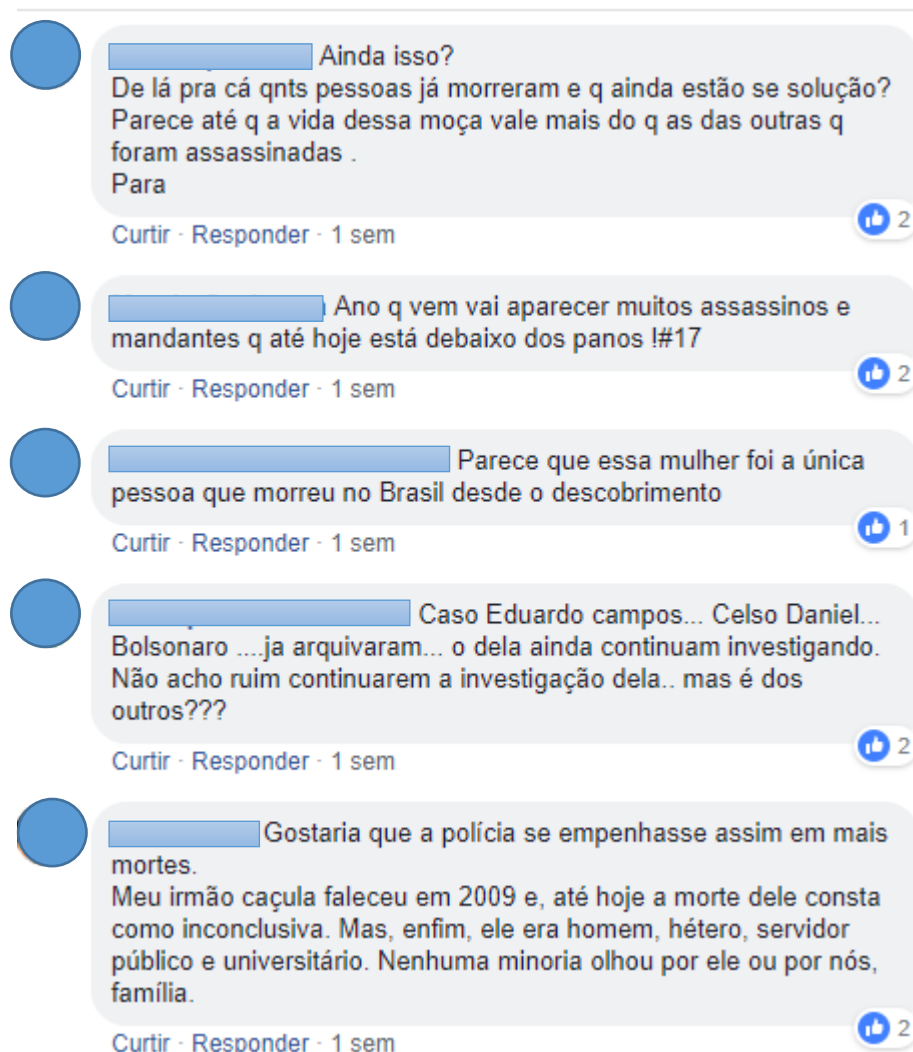


Figura 9: Fragmentos de comentários da notícia “Investigação aponta biótipo de assassino de Marielle e locais por onde carro passou após o crime”, na página do G1

Fonte: Dados da pesquisa, 2018.

Nesses comentários, os usuários continuam na perspectiva de que a morte de Marielle vem sendo privilegiada nas investigações. Um deles diz: “A morte de um é uma tragédia, a morte de milhões é estatística”. Outro diz “Ninguém liga”, “Tantas pessoas mortas diariamente e nenhuma investigação tão efetiva... tô chegando à conclusão que políticos realmente são seres especiais e únicos!”, “Nada contra, mas se fosse um pobre não seria nem lembrado mais esse caso”. Com esses comentários fica perceptível e recorrente que a morte de Marielle vem sendo banalizada dia após dia, comparando-a com outras pessoas que morreram, como se ela fosse

uma pessoa sem importância e não representasse no mínimo 46 mil eleitores da cidade do Rio de Janeiro, e, para muito além disso: representasse inúmeras demandas sociais, nos contextos brasileiros. Marielle representava tudo que essas pessoas repudiam, ela defendia situações de injustiça sofridas por muitos brasileiros e se dedicava a melhorar e favorecer condições dignas de vida aos seus mais diretamente representados.

O jornal *El País* compartilhou, no dia 12/10/2018, a notícia “Quando dizem que Marielle virou semente, é muito real” com o trecho ‘Quando a gente empurra alguma coisa com as duas mãos, tem uma potência. Mas quando a gente empurra com dez, tem mais força, assim Carolina Vergolino conta como surgiu a ideia de lançar uma chapa coletiva para as eleições deste ano.’

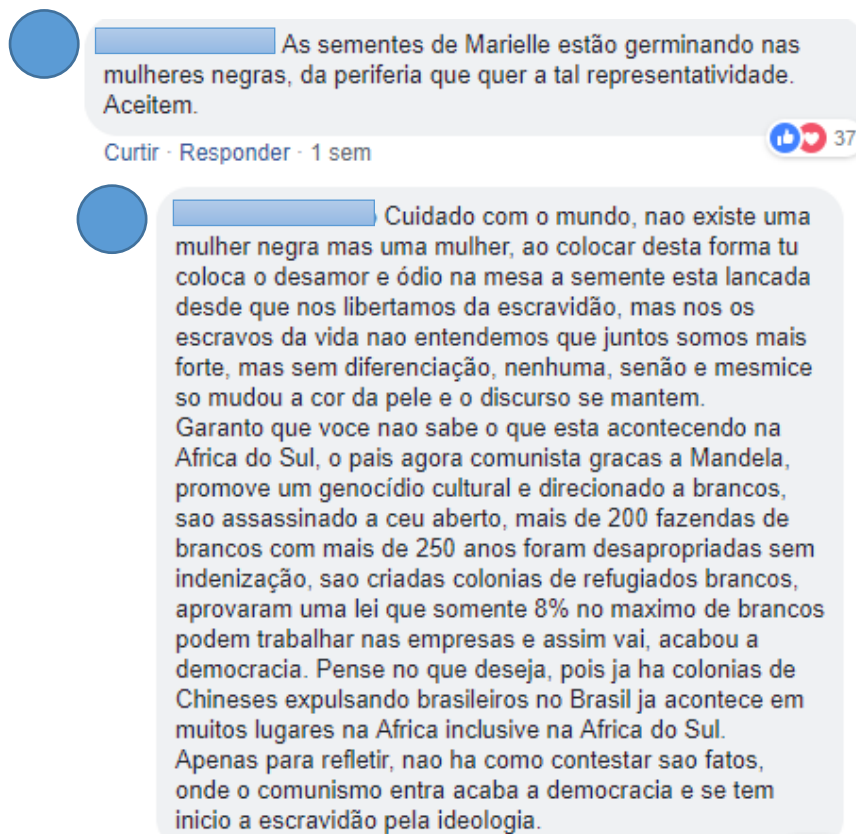


Figura 10: Fragmentos de comentários da notícia “Quando dizem que Marielle virou semente, é muito real”, na página do *El País*

Fonte: Dados da pesquisa, 2018.

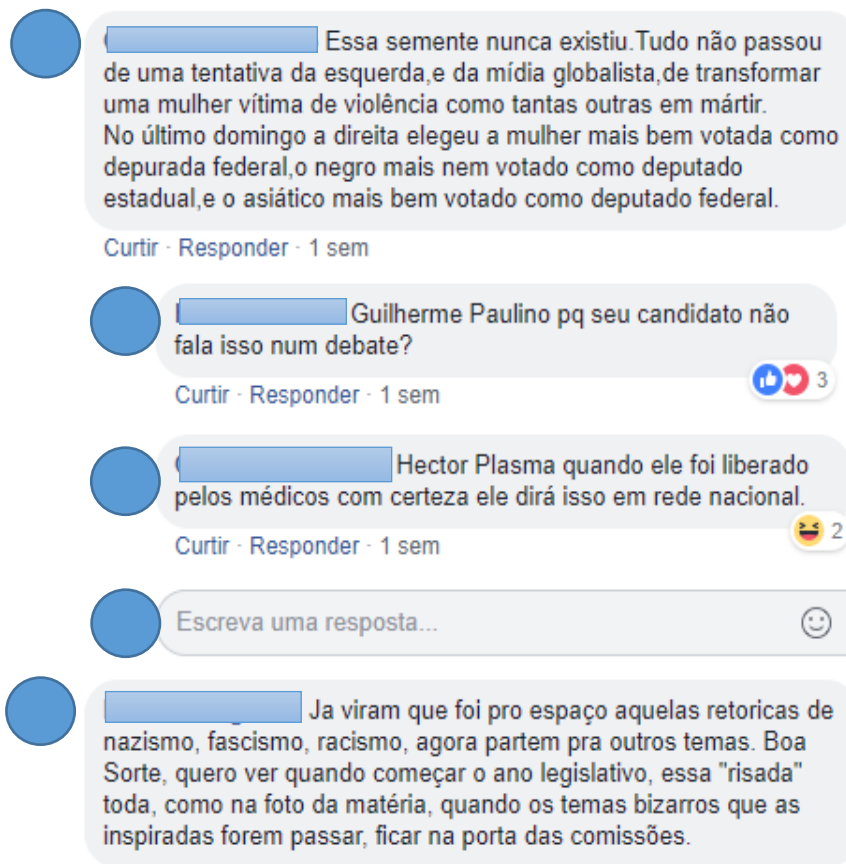


Figura 11: Fragmentos de comentários da notícia “Quando dizem que Marielle virou semente, é muito real”, na página do *El País*

Fonte: Dados da pesquisa, 2018.

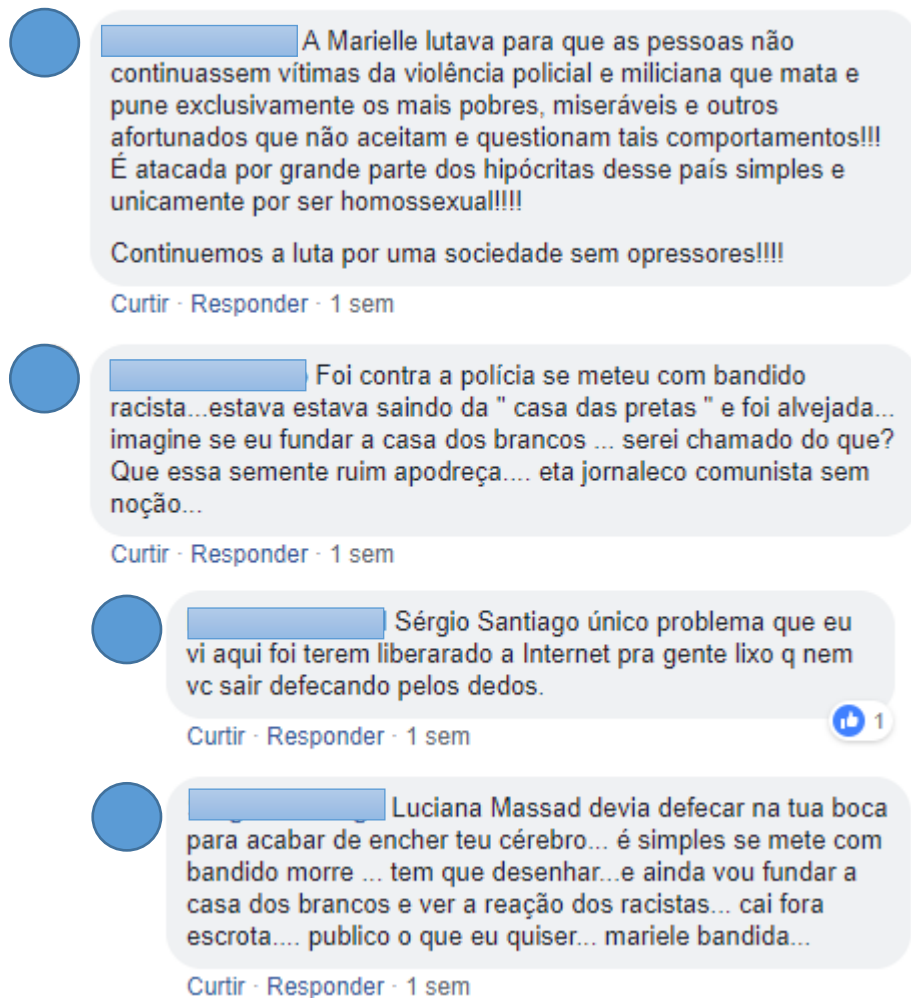


Figura 12: Fragmentos de comentários da notícia “Quando dizem que Marielle virou semente, é muito real”, na página do *El País*

Fonte: Dados da pesquisa, 2018.

Podemos perceber que, no primeiro comentário, uma pessoa se mostra a favor das “sementes de Marielle” que estão aparecendo e que elas garantem representatividade inclusive para mulheres negras e de periferia. Porém, no comentário seguinte, vemos como um usuário tenta deslegitimar o movimento negro e diz que esse tipo de movimento é o responsável por gerar discriminação - já que todos seriam iguais - tentando lançar mão de argumentos em razão da modernidade e da ideologia do progresso. O usuário ainda alega que na África do Sul estão supostamente implantando, a partir do comunismo, um genocídio cultural direcionado aos brancos. Enfim, quando uma classe que sempre esteve em desvantagem - como negros pobres - conseguem o mínimo de representação política possível, a classe dominante - brancos e ricos - se sentem ofendidos e ameaçados. Ele ainda afirma que o comunismo é uma ameaça à

democracia, tentando fazer com que seu argumento seja no mínimo plausível. Nos comentários seguintes, continuamos a perceber a deslegitimação presente em todas as palavras, em que “tudo não passou de uma tentativa da esquerda, e da mídia globalista, de transformar uma mulher vítima de violência como tantas outras em mártir”. Eles tentam a todo tempo não só desautorizar a representação política de Marielle, mas também banalizar sua morte como se a mesma não fosse um atentado político à democracia. Nos outros comentários, vemos como uma pessoa tenta mostrar que a morte de Marielle era a morte de uma representação, que defendia os marginalizados e que por ser também homossexual também carregava um grande fardo - já que a sociedade tradicional não aceita esse tipo de orientação. Porém, novamente tentam macular sua imagem com *fake news* e reafirmam que o movimento negro que é racista, lançando mão de difamações a todo tempo e deslegitimando o jornal.

A próxima notícia compartilhada, no dia 13/10/2018, também é do jornal *El País* “As ‘outras’ Marielles que o Rio elegeu” com o trecho ‘Renata Souza, Mônica Francisco e Daniela Monteiro foram eleitas deputadas estaduais pelo PSOL, que terá uma bancada de cinco parlamentares no legislativo estadual. Antes foram assessoras de Marielle Franco e trabalhavam com ela lado a lado. Já Talíria Petrone, também muito próxima à vereadora executada, se elegeu deputada federal.’

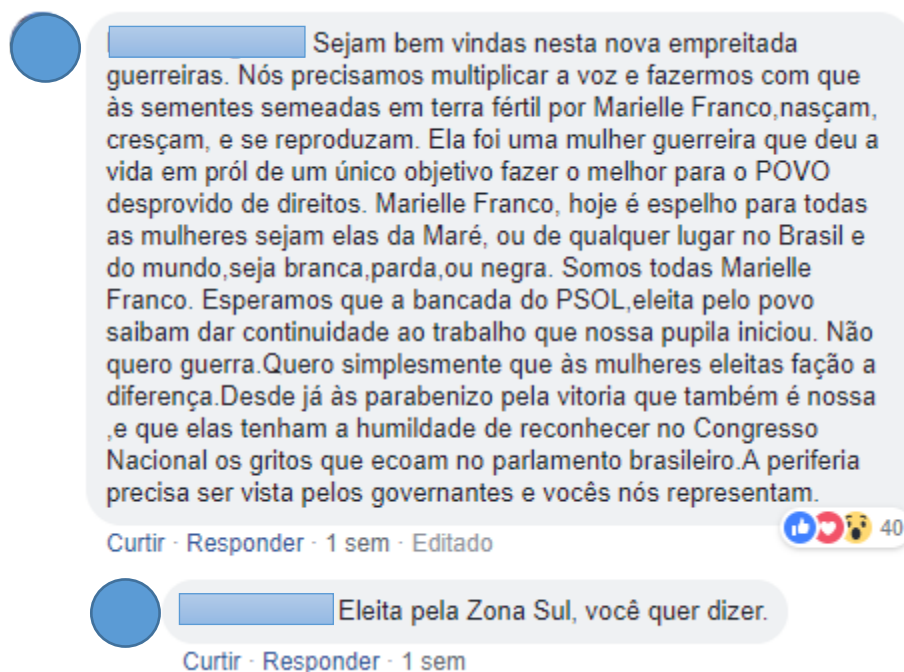


Figura 13: Fragmentos de comentários da notícia “As ‘outras’ Marielles que o Rio elegeu”, na página do *El País*

Fonte: Dados da pesquisa, 2018.

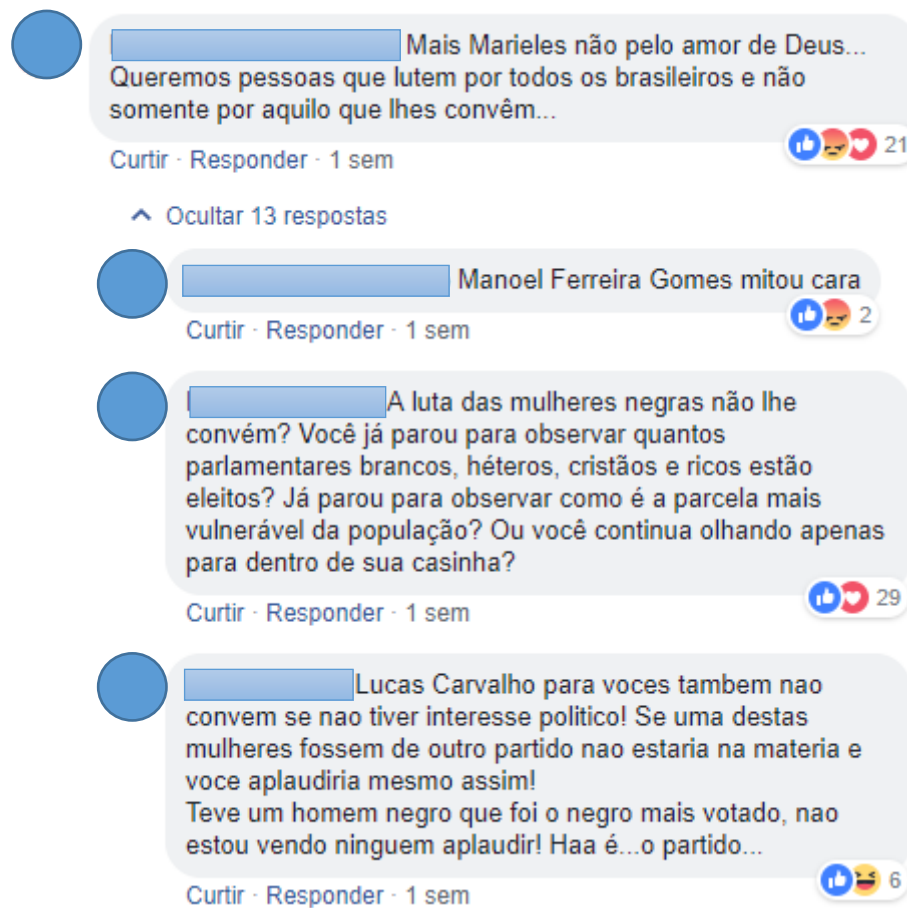


Figura 14: Fragmentos de comentários da notícia “As ‘outras’ Marielles que o Rio elegeu”, na página do *El País*

Fonte: Dados da pesquisa, 2018.

No primeiro comentário, percebemos a emergência das diferenças no momento em que o usuário diz “Ela foi uma mulher guerreira que deu a vida em prol de um único objetivo fazer o melhor para ao POVO desprovido de direitos. Marielle Franco hoje é espelho para todas as mulheres, sejam elas da Maré, ou de qualquer lugar do Brasil e do mundo, seja branca, parda ou negra. Somos todas Marielle Franco”. Com esse pequeno trecho podemos ver o reconhecimento político e social da vereadora, como ela era importante para o Rio de Janeiro e, após a sua morte, como o acontecimento projetou sua voz e ecoou para o Brasil e para todo o mundo. Assim, Marielle é apresentada como repositório de representação e esperança para o povo sofrido. Nos outros comentários, podemos perceber como os mesmos argumentos já apresentados nas matérias anteriores continuam recorrentes e com a mesma estratégia: pensar

no todo, como se Marielle lutasse só por ela. Podemos perceber como essa ideia totalitária que “luta por todos” impede que a diferença seja percebida e não promova a democratização dos espaços sociais para a população.

Percebemos como a celebração das outras “Marielles” eleitas incomoda pelo simples fato de que as mulheres não estão em pé de igualdade com os homens e como as mulheres negras também se encontram em desigualdade com as mulheres brancas. Marielle era sinônimo de luta para tantas vozes que são esquecidas no Brasil, já que essas não devem e não podem exercer suas diferenças e ocupar seu lugar no espaço público. Esses corpos que foram eleitos como o de Marielle trazem fôlego e respiro para quem enxergava na vereadora possibilidade de representação no espaço público.

A última matéria analisada (junto com os comentários no *Facebook*) foi publicada, no dia 14/10/2018, pelo portal UOL “Em uma hora, protesto distribui mil placas com nome de Marielle Franco no Rio” com o trecho ‘Ato foi organizado em resposta a destruição de uma placa com o nome da vereadora por dois candidatos do PSL, no primeiro turno da campanha eleitoral’.



Vamos confeccionar placas da professora que morreu queimada tentando salvar as crianças ❤️
Curtir · Responder · 1 sem 795

^ Ocultar 55 respostas

A opção "Mais relevantes" está selecionada; portanto, algumas respostas podem não ser exibidas devido ao filtro.

Wagner mandou muito bem! 🍌🍌🇧🇷
Curtir · Responder · 1 sem 13

Ate porque a de uma mulher que deu a vida pelo ativismo e o direito de falar não vale tanto quanto, né?
Curtir · Responder · 1 sem · Editado 17

Eu quero uma placa com o nome de cada pessoa assassinada no Brasil
Curtir · Responder · 1 sem 34

Gabriel Inacio ela não salvos ninguém que eu saiba.
Curtir · Responder · 1 sem 12

Sejamos sinceros, vcs não se importam com ela, só estão usando como desculpa pra atacar outra pessoa só porque ela pensava diferente. Será que essa professora era esquerdista?

Figura 15: Fragmentos de comentários da notícia “Em uma hora, protesto distribui mil placas com nome de Marielle Franco no Rio” na página do portal Uol

Fonte: Dados da pesquisa, 2018.

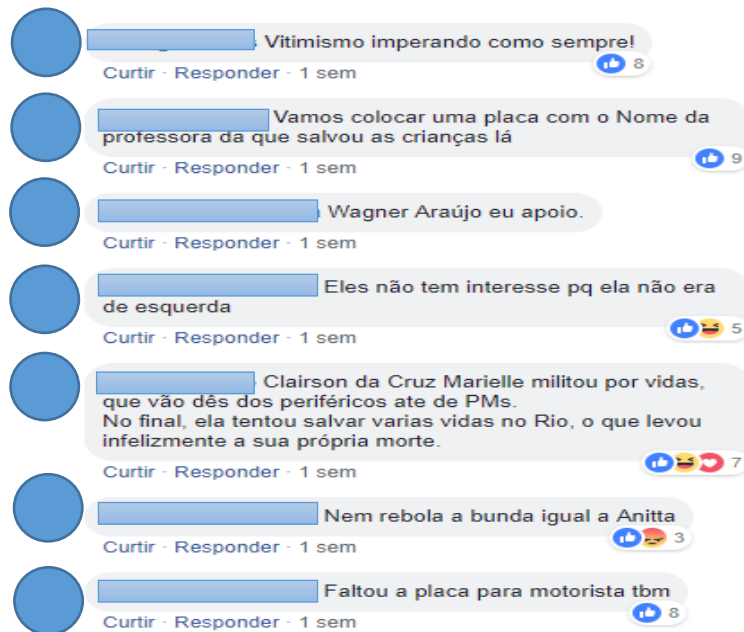


Figura 16: Fragmentos de comentários da notícia “Em uma hora, protesto distribui mil placas com nome de Marielle Franco no Rio” na página do portal Uol

Fonte: Dados da pesquisa, 2018.

Nesses últimos comentários, fica perceptível como muitos usuários sempre tentam apagar a morte de uma representante política de extrema importância, como não conseguem compreender - como se não fizesse importância o fato de que ela foi vítima de um assassinato político. Assim, Marielle não “é mais uma que morre todos os dias”: ela foi morta pelo seu discurso, pela sua representação e pelo seu corpo deslocado na sociedade. A todo tempo, os usuários tentam colocar outras mortes como se fossem mais importantes que a dela, mas também como se a dela não devesse ser considerada importante. Assim, percebemos que tanto Bolsonaro como os seus eleitores não apoiam a violência pela violência somente, mas é um apoio calcado no progresso. Eles não percebem o valor da diferença e da existência humana como defendia Arendt, mas, para eles, a existência humana pautada pelo progresso é o que importa.

Chegamos ao final do quarto capítulo com um misto de sentimentos – e aqui será permitida a recorrência à primeira pessoa do singular. Não imaginava que meu coração fosse aguentar todas as emoções que me permiti vivenciar durante esse período de análise. A cada

notícia compartilhada, a cada comentário e a cada texto lido meu coração parecia parar diante de tanta dor e sofrimento compartilhados. Por mais que tentasse entender e tivesse lido muito sobre experiências totalitárias, vivenciá-las, com toda a certeza, foi extremamente revelador e potente. Foi um desafio para mim, mulher e negra, que já sentiu na pele muitas das atrocidades presentes em muitos comentários, mas ao mesmo tempo me fortaleceu e me fez perceber que não estou sozinha e que, mais do que nunca, a luta por uma sociedade que respeite as diferenças torna-se cada vez mais urgente.

No primeiro momento de análise, fomos abarcados pelo poder hermenêutico do acontecimento (a morte de Marielle que era e que continua sendo símbolo de luta e resistência). O campo problemático se fez presente e percebemos como a ideologia do progresso também emerge para tentar fraturar as demandas por representação.

No segundo momento de análise, examinamos como as demandas por representação são fraturadas e como o argumento da ideologia do progresso aparece cada vez mais presente em alguns grupos conservadores da população brasileira, como forma de justificar e legitimar seus atos. Como o movimento de olhar para o passado e tentar entender e ressignificar o acontecimento, para os conservadores e defensores do progresso, não faz o menor sentido, uma vez que acreditam “que todos são iguais”, que o estado liberal já provê para a sociedade tudo o que ela necessita. Assim, percebemos claramente como a emergência do progresso tentava deslegitimar a todo tempo a emergência das diferenças. Por isso, podemos perceber como a própria lógica do progresso é a que parece permitir que as pessoas se manifestem publicamente, e, sem nenhum pudor, derramem seu ódio e sua violência aos marginalizados, justificando simplesmente que essas pessoas impedem que igualdade pelo progresso seja mantida.

Assim, ficou perceptível que, além do acontecimento da morte de Marielle, o momento político que enfrentamos no Brasil desafia-nos a pensar como a emergência das diferenças incomoda tanto ao ponto de permitir a circulação de discursos de ódio, com a maior naturalidade possível. Isso se justifica por uma sociedade que é constantemente marcada pelo conservadorismo e que não volta os seus olhos para as desigualdades enfrentadas pelos marginalizados.

No campo político, sabemos que os regimes democráticos têm espaços que permitem a tensão nas discussões políticas e tem espaço garantidos para a emergência de conflitos. O espaço comum é marcado e construído pelas diferenças. Porém, o candidato eleito Jair

Bolsonaro (PSL) adota um discurso fascista – mesmo que ele não se assuma como tal – que nos remete a regimes totalitários, regimes esses que não preveem um espaço para o diálogo e para a aparição das diferenças, uma vez que um regime totalitário se baseia numa espécie de projeção de igualdade. Sendo assim, o espaço comum e público está nas mãos de quem acredita em comandos de uma única verdade, que impede o diálogo, dificulta a resistência e ainda tende a impor uma violência que passa a ser institucionalizada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta monografia teve como problema de pesquisa investigar o acontecimento e as demandas por representação, a execução de Marielle Franco e as ameaças ao espaço público no Brasil. Assim, nosso objetivo geral foi compreender a relação entre acontecimentos e emergência por demandas de representação nos contextos contemporâneos.

Especificamente procuramos identificar como esse acontecimento provocou a emergência de campos problemáticos ligados à configuração de demandas por representação, fazendo o caso reverberar até os dias de hoje, e entender como as demandas por representação que emergiram diante da morte Marielle estão presentes no nosso dia a dia. Além disso, buscamos perceber como as ameaças ao espaço público por argumentos totalitários, calcados na ideologia do progresso, ameaçam as diferenças e o espaço comum.

No capítulo 1, “Democracia, acontecimento e campos problemáticos”, buscamos por bibliografias que trataram sobre a) espaço público e democracia - como as diferenças emergem no espaço público e como elas devem ser respeitadas; b) ameaças totalitárias da modernidade - como governos totalitários e a ideologia do progresso ameaçam não só a sociedade e a modernidade, mas também o indivíduo e suas particularidades/diferenças; e c) a noção de acontecimento: experiência e caráter hermenêutico - que discutem como o acontecimento é capaz de gerar campos problemáticos e novas experiências a partir de um caráter hermenêutico e revelador do próprio acontecimento.

Já no capítulo 2, “Representação Política e a emergência de demandas”, discutimos conceitos gerais da representação política, buscando compreender a existência de diversas formas de representação política, para além da representação convencional por vias eleitorais. Discorremos sobre representação política para Urbinati (2006; 2010; 2011) e para Dryzek e Niemeyer (2001; 2008). Por fim apresentamos a noção de demandas de representação de Michael Saward (2009; 2008; 2009; 2010; 2011) que desenvolve seu pensamento a partir da noção de *representative claims* em que as demandas representativas têm origem em diversos atores, e que os *claims* "uma demanda de representar, ou uma demanda de quem sabe que representa o interesse de alguém ou de alguma coisa".

No capítulo 3, delineamos nosso percurso metodológico: utilizamos a análise de conteúdo (Bardin 1977) com foco qualitativo na pesquisa, para buscar investigar como um

acontecimento foi capaz de provocar a emergência de demandas por representação. Realizamos pesquisas na plataforma Google e na rede social *Facebook*.

No capítulo 4, realizamos a análise do *corpus* da pesquisa e chegamos então às conclusões gerais do trabalho. Foi possível perceber como o lugar das diferenças numa sociedade democrática é tratado: para uma parcela da sociedade, a emergência das diferenças é um lugar democrático que deve ser respeitado - e como as diferenças configuram demandas por representação; mas, para outra parcela, a emergência do progresso afirma a existência de uma igualdade, sem pensar nas particularidades do outro. Durante a primeira parte da nossa análise, foi perceptível a reverberação da potência política de Marielle, tomada como alguém que reunia “a voz de muitas diferenças”, uma voz plural que representava negros, mulheres, LGBTQI+, marginalizados, mães solteiras e pobres.

Nosso primeiro foco da análise se propôs a examinar textos críticos, nos quais a experiência como emergência das diferenças se tornava viável e possível. Nesse primeiro momento, percebemos também como o acontecimento da execução da vereadora gerou campos problemáticos que possibilitaram nossa pesquisa e análise. Portanto, estudar as interações que a comunicação nos permite sobre o ponto de vista das diferenças se torna cada dia mais necessário para tentar compreender e encontrar formas na representação política voltadas a superar injustiças e desigualdades de uma sociedade multicultural e periférica como a brasileira.

Nosso segundo momento de análise se propôs analisar comentários de notícias na rede social *Facebook*, gesto este que nos auxiliou a evidenciar como, em meio aos contextos democráticos, a sombra das instituições modernas pairam sobre a democracia brasileira e como a ameaça do totalitarismo se torna presente. Durante o período eleitoral, que coincidiu com o momento em que algumas matérias foram compartilhadas no *Facebook*, foi possível perceber como discursos de ódio, ultraconservadores, machistas, homofóbicos acabam buscando, de alguma forma, embasamentos no progresso e numa igualdade já dada. Assim, vários comentários foram disseminados contra Marielle para tentar deslegitimar sua luta e também a sua morte, falando que ela era só mais uma, que sua morte não tinha importância - ignorando totalmente o fato de ser uma morte com razões políticas -, e que Marielle teria culpa da sua própria morte quando lançaram mão de *fake news*, ligando a vereadora ao crime organizado. Outro ponto que nos propusemos a examinar foi como a noção de representação política altera

uma sociedade pautada pelas diferenças: como Marielle era porta voz de inúmeras demandas por representação e como sua potência política era presente e legítima a diversos grupos.

Por fim, ainda são necessários muitos estudos que pensem a relação entre acontecimento, demandas por representação e ameaças ao espaço público, uma vez que discursos totalitários estão cada vez mais presentes na nossa sociedade e sendo legitimados com argumentos de que a ordem deve voltar a ser instalada para o progresso voltar a acontecer na sociedade brasileira. Pensar nas diferenças, antes de tudo, é projetar um local possível e saudável para a preservação da democracia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Debora Rezende de. **REPENSANDO REPRESENTAÇÃO POLÍTICA E LEGITIMIDADE DEMOCRÁTICA: entre a unidade e a pluralidade**. Tese de Doutorado defendida na Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Departamento de Ciências Política, na Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG. Belo Horizonte, 2011.

ALMEIDA, Debora Rezende de. **Pluralização da representação política e legitimidade democrática: lições das instituições participativas no Brasil**. OPINIÃO PÚBLICA, Campinas, vol. 20, no 1, abril, 2014, p. 96-117.

ALMEIDA, Debora Rezende de. Representação como processo: a relação Estado/sociedade na teoria política contemporânea. **Revista de Sociologia e Política**, v. 22, n. 50, p. 175-199, jun. 2014.

ALMEIDA, Debora Rezende de. **REPRESENTAÇÃO POLÍTICA: A virada construtivista e o paradoxo entre criação e autonomia**. Revista Brasileira de Ciências Sociais, VOL. 33 N° 97, 2018.

AGUIAR, Odílio Alves. **Filosofia e política no pensamento de Hannah Arendt**. Fortaleza: EUFC, 2001.

AGUIAR, Odílio Alves. **Origens do totalitarismo 50 anos depois**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

ARENDT, Hannah. **A condição humana**. Tradução de Roberto Raposo. 10. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

ARENDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. São Paulo: Perspectiva, 1972.

ARENDT, Hannah. **Origens do totalitarismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

ARENDT, Hannah. **Eichmann em Jerusalém: uma reportagem sobre a banalidade do mal**. Coimbra: Edições Tenacitas, 2003.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa, Portugal; Edições 70, LDA, 2009.

BESSA, Beatriz de Souza. **AS EXPERIÊNCIAS DE WALTER BENJAMIN**. Revista Morpheus, v. 5, n. 9, 2006.

BUTLER, Judith. **Corpos em Aliança e a Política das Ruas: Notas para uma teoria performativa de assembleia**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2018.

CARVALHO, Carlos Alberto. **Banalidade do mal em comentários de leitores: internet e disseminação da intolerância.** Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação | E-compós, Brasília, v.19, n.2, maio/ago. 2016.

CARVALHO, José Sérgio. **A liberdade educa ou a educação liberta?** Uma crítica das pedagogias da autonomia à luz do pensamento de Hannah Arendt. Educação e Pesquisa. São Paulo, v.36, n.3, p. 839-851, set./dez. 2010.

CASSÉTE, Mariah Lança de Queiroz. **O espaço público e a política moderna: uma análise das perspectivas de Carl Schmitt e Hannah Arendt.** Política & Sociedade - Florianópolis - Vol. 12 - Nº 24 - Mai./Ago. de 2013.

CORREIA, Adriano. **A Questão Social em Hannah Arendt: apontamentos críticos.** Rev. Filos., Aurora, Curitiba, v. 20, n. 26, p. 101-112, jan./jun. 2008.

DELEUZE, Gilles. **Lógica do sentido.** Séries 1,2,3,9,15,21. São Paulo: Perspectiva, 2007.

DEWEY, John. **A arte como experiência.** São Paulo: Abril Cultural, 1980.

DRYZEK, Jonh. S. **Foundations and frontiers of deliberative governance.** Nova York, Oxford University Press, 2010.

DRYZEK, John S. & NIEMEYER, Simon. **“Discursive representation”.** American Political Science Review, 102, 2008.

GARCÊZ, Regiane Lucas de Oliveira; MAIA, Rousiley Celi Moreira. **A REPRESENTAÇÃO POLÍTICA COMO PROCESSO DISCURSIVO: o debate sobre a educação de surdos compreendido a partir de uma perspectiva processual.** **Compós: Associação Nacional dos Programas de Pós Graduação em Comunicação.** XXV Encontro Anual da Compós, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 7 a 10 de junho de 2016.

GARCÊZ, Regiane Lucas de Oliveira; MAIA, Rousiley Celi Moreira. **Representação política não-eleitoral em uma perspectiva processual: discursividade e estratégia no debate sobre a educação de surdos.** Revista Compolítica, v. 6(2), 2016.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Produção de Presença: O que o sentido não consegue transmitir.** Editora PUC, 2004.

ITUASSU, Arthur. **Participação, cidadania e ciberdemocracia no Brasil.** Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação – E-compós, Brasília, v. 14, n2, maio/agosto 2011.

ITUASSU, Arthur; AZEVEDO, Dilvan. **Repolitizando a representação: uma teoria para iniciativas digitais em prol dos processos político-representativos no Brasil.** Revista Compólitica, n. 3, vol. 2, ed. jul-dez, ano 2013.

LIMA, Paula Pompeu Fiuza. **Dilemas e implicações sobre a representação política em espaços participativos.** Política & Sociedade - Florianópolis - Vol. 12 - No 24 - Mai./Ago. de 2013.

MAFRA, Rennan Lanna Martins. **Vestígios da dengue no anúncio e no jornal: dimensões acontecimentais e formas de experiência pública na (da) cidade.** Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social: Universidade Federal de Minas Gerais, 2011. pp 53 -82.

MAGALHÃES, Theresa Calvet de. **Somos do mundo e não apenas no mundo. Publicado primeiramente em: Hannah Arendt - Entre o Passado e o Futuro (Adriano Correia e Mariângela Nascimento (orgs.)),** Juiz de Fora, UFJF, 2009, pp. 73-88.

MAIA, Rousiley. REPRESENTAÇÃO POLÍTICA DE ATORES CÍVICOS: Entre a imediaticidade da experiência e discursos de justificação. **REVISTA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS SOCIAIS** - vol. 27 n° 78, Fevereiro/2012.

MARQUES, Ângela Cristina Salgueiro. **Comunicação, estética e política: a partilha do sensível promovida pelo dissenso, pela resistência e pela comunidade.** Revista Galáxia, São Paulo, n. 22, p. 25-39, dez. 2011.

MIGUEL, Luis Felipe. **Promessas e limites da democracia deliberativa.** Rev. bras. Ci. Soc. vol.16 no.46 São Paulo Junho, 2001.

OLIVEIRA, Marília Silva de. John S. Dryzek - **Foundations and frontiers of deliberative governance.** Oxford: Oxford University Press, 2010. Resenha. **Rev. Bras. Ciênc. Polít.** no.10 Brasília Jan./Apr. 2013 (http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010333522013000100010&script=sci_arttext&tlng=es).

QUERÉ, Louis. ENTRE FACTO E SENTIDO: A DUALIDADE DO ACONTECIMENTO. **Trajectos, Revista de Comunicação, Cultura e Educação,** Lisboa, n. 6, p.59-75, 2005.

RANGEL, Marcelo de Mello. **História E *Stimmung* A Partir De Walter Benjamin: Sobre Algumas Possibilidades Ético-Políticas Da Historiografia.** Cadernos Walter Benjamin Periódico N. 17, Julho a Dezembro de 2016.

RANGEL, Marcelo de Mello. **Melancolia e história em Walter Benjamin.** Ensaios Filosóficos, Volume XIV– Dezembro/2016.

RODRIGUES, Marlon Leal. Identidade e Representação Discursiva. **Revista Ecos Linguística**, vol.19, Ano 12, nº 02 2015.

SILVA, Marcos Luiz. **A ideia de espaço público em Hannah Arendt**. Cadernos de Zygmunt Bauman, vol. 7, num. 13, 2017.

SOUKI, Nádia. **Hannah Arendt e a banalidade do mal**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

SOUZA, Ricardo Luiz de. **Hannah Arendt e a política sem piedade**. Política e Sociedade, Florianópolis, nº12 abril de 2008.

URBINATI, Nádia. **O QUE TORNA A REPRESENTAÇÃO DEMOCRÁTICA?**. Encontro Anual da American Political Science Association (Apsa), Washington (EUA), setembro de 2005. Tradução de Mauro Soares.

URBINATI, Nádia. **Representação como advocacy: um estudo sobre deliberação democrática**. Revista Política e Sociedade, Volume 9, nº 16, abril de 2010.

VICENTE, José João Neves Barbosa. **Hannah Arendt: antissemitismo, imperialismo e totalitarismo**. Ensaios Filosóficos, Volume VI - Outubro/2012.

YOUNG, Iris Marion. **Representação política, identidades e minorias**. *Lua Nova*. São Paulo, n. 67, p. 139-190, 2006.

ANEXOS

The Intercept Brasil - 15/03/2018

MARIELLE FRANCO, MINHA VEREADORA, ASSASSINADA

Cecília Olliveira - “**TIROS NAS IMEDIAÇÕES** da rua do Matoso, na Praça da Bandeira#[TirosRJ](#) #FogoCruzadoRJ”.

Eu postei essa informação no Fogo Cruzado às 21h36 desta quarta-feira. O Fogo Cruzado é um aplicativo que monitora a incidência de tiroteios e disparos de arma de fogo na região metropolitana do Rio de Janeiro e ao qual venho me dedicando nos últimos 2 anos.

Pouco depois da postagem, meu WhatsApp começou a receber mensagens. 21h51: “Mataram uma vereadora do PSOL e seu motorista agora. Rua do matoso esquina com rua joão primeiro”. 21h52: “Tem contatos no PSOL?”.

Paralisei e pensei: “Putá merda. Só tem uma vereadora no PSOL. Não pode ser a Marielle. Ela tava ao vivo no *Facebook* agora há pouco”. O evento onde ela estava ao vivo já tinha acabado. Ela estava indo pra casa. Acionei contatos na polícia e imprensa até descobrir que sim: era a Marielle. Aos 38 anos, ela foi assassinada por pessoas que atiraram de dentro de um carro que emparelhou com o dela na região central do Rio de Janeiro. Foram ao menos nove tiros. O motorista, Anderson Pedro Gomes, também foi morto. Uma assessora foi ferida por estilhaços e socorrida.

Essa é a terceira vez que eu notifico um tiro no Fogo Cruzado e ele atinge uma pessoa que eu conheço. Duas delas morreram. Duas delas eram da Complexo da Maré.

Vocês já foram em velórios de gente assassinada? É horrroso. Os gritos de dor, os clamores por justiça. Justiça que raramente chega.

Conheci Marielle pouco depois que me mudei pro Rio, há quase uma década, na mesma Maré onde ela nasceu – e da qual se orgulhava –, primeiro lugar onde trabalhei e onde fiquei por cerca de 3 anos. Ela já trabalhava dando suporte a vítimas de violência. Trabalho que ela começou a fazer após perder uma amiga, vítima de bala perdida, num tiroteio entre policiais e traficantes na Maré.

Quando Marielle decidiu se candidatar ao cargo de vereadora na cidade do Rio, não tive dúvidas: era dela meu voto. Conhecia a pessoa, acompanhava seu trabalho há anos. Sequer hesitei. Lembro do dia da apuração dos votos, amigos na Lapa, celular na mão, atualizando sistematicamente o aplicativo do TSE. Marielle bateu 5 mil, 6 mil, 10 mil, 15 mil votos. Era inacreditável. Foi a 46 mil votos. Uma votação histórica. Uma coisa raríssima: uma mulher negra, moradora de favela eleita vereadora no Rio.

Me lembro que sua primeira medida foi propor um projeto para que as creches municipais atendessem também à noite. Ela sabia a hora que mães periféricas chegavam em casa. Pensei: “valeu meu voto”.

Marielle se foi. Sabe quantas fotos de Marielles mortas eu vejo todos os dias? Dezenas, de todos os ângulos, compartilhadas pelas redes, imagens com legendas como “toda furada”. A banalidade do mal. Por causa do trabalho eu vejo corpos – ou pedaço de corpos – diariamente, nesse Rio de Janeiro ocupado, usado por gente como os políticos que decidiram intervir nele militarmente apenas como cavalo de batalha eleitoral.

38 anos. Minha idade. Marielle tinha muita vida pela frente. Vai fazer muita falta. Falta para família, amigos, para a política do Rio de Janeiro.

Sigamos. Por Marielle.

Indepedent - 16/03/2018

Marielle Franco: Por que minha amiga era um repositório de esperança e voz para os sem voz do Brasil, antes de seu devastador assassinato

Enquanto milhares tomam as ruas do Rio e de São Paulo para protestar contra o brutal assassinato do político, **Glenn Greenwald** se lembra de um defensor formidável e destemido dos cidadãos mais pobres do Rio de Janeiro.

Uma das figuras políticas mais promissoras, carismáticas e queridas do Brasil foi brutalmente assassinada na noite de quarta-feira no centro do Rio de Janeiro, no que as autoridades concluíram ser um assassinato político. A vereadora da cidade, Marielle Franco, de 38 anos, foi morta instantaneamente quando seu carro foi atingido por atiradores com nove balas, quatro das quais entraram em seu crânio. Seu motorista, Anderson Pedro Gomes, de 39 anos, também foi morto.

Franco foi morto por volta das 9:30 da noite, depois de deixar um evento intitulado “Jovens Mulheres Negras Que Estão Mudando Estruturas de Poder”. A polícia acredita que ela foi monitorada por seus assassinos desde o momento em que ela deixou o prédio, que é como eles sabiam exatamente onde ela estava sentada no carro abrigado por vidros escuros.

O assassinato de Franco abalou o Brasil em um momento em que o país está sofrendo com um escândalo maciço de corrupção, uma crise política aparentemente interminável, uma recessão econômica que durou anos e agora uma epidemia de violência em espiral.

O assassinato descarado ocorreu nas ruas do Rio de Janeiro apenas um mês depois que o presidente do Brasil, Michel Temer, ordenou que os militares ocupassem a cidade para

estabilizar a segurança, a primeira vez desde o fim dos 21 anos de ditadura militar no Brasil. em 1985, seus militares “intervieram” em uma grande cidade.

Franco denunciou veementemente a intervenção militar e acabou de ser nomeado para liderar uma comissão que investiga seus possíveis abusos fiscais.

Mas o que é mais notável, e mais devastador, sobre o assassinato de Franco é quão improvável e única sua trajetória foi para o palco público. Negra LGBT + em um país notoriamente dominado pelo racismo, sexismo e dogmas religiosos tradicionais, ela foi criada em uma das maiores favelas mais pobres e violentas do Rio, o complexo Maré.

Ela se tornou mãe solteira aos 19 anos, mas se formou em faculdade, obteve um mestrado em sociologia e se tornou uma das ativistas de direitos humanos mais eficazes da cidade, liderando campanhas freqüentemente perigosas contra a violência policial generalizada, corrupção e assassinatos extrajudiciais que mirou nos pobres e negros moradores da cidade com quem ela cresceu.

À medida que se tornou cada vez mais política, Franco se juntou ao novo partido de esquerda do Brasil, o Partido do Socialismo e da Liberdade (PSOL), e rapidamente se tornou uma de suas estrelas.

Em 2016, ela concorreu a um cargo público pela primeira vez como candidata ao conselho municipal do Rio e foi eleita com uma votação maciça. Os resultados chocaram a classe política da cidade: como candidata pela primeira vez, uma mulher negra da Maré tornou-se a quinta candidata mais votada da cidade (dos mais de 1.500 candidatos, 51 deles foram eleitos).

Esse sucesso solidificou o status de Franco não apenas como uma nova força política a ser considerada, mas como um repositório de esperança para os grupos tradicionalmente sem voz e excluídos do Brasil: seus moradores das favelas, seus negros e pobres e mulheres.

Ao assumir o cargo, Franco imediatamente usou sua nova plataforma para se concentrar no que havia se tornado o trabalho de sua vida: investigar, denunciar e organizar contra a violência policial infligida aos moradores negros e pobres da cidade.

Dias antes de seu assassinato, ela foi para Acari, uma extensa favela do Rio, para protestar contra os recentes assassinatos cometidos por um dos batalhões policiais mais notoriamente violentos e sem lei da cidade. O que torna difícil determinar exatamente quem matou Franco foi precisamente sua bravura: ela era uma ameaça a tantas facções violentas, corruptas e poderosas que a lista de possíveis suspeitos, com motivos para querer sua morte, é longa.

A morte de Franco é uma perda terrível para o Brasil e para o Rio, mas também é devastadora para minha família. Meu marido, David Miranda (notoriamente detido pelas autoridades do Reino Unido no Aeroporto de Heathrow em 2013 sob o Anexo 7), foi eleito para o conselho da cidade do Rio ao mesmo tempo que Franco, como parte do mesmo partido. Suas origens são extremamente semelhantes: como Franco, David cresceu em uma das piores favelas do Rio, embora tenha sido órfão, e foi a primeira pessoa abertamente homossexual eleita para o conselho da cidade.

Eles falavam com frequência de recrutar mais candidatos como eles para o PSOL, que, como muitos partidos de esquerda no Ocidente, tinham dificuldade em ultrapassar os ricos e intelectuais enclaves esquerdistas para tocar os pobres, os trabalhadores, as minorias em cujo nome afirmam falar, em parte porque tão poucos representantes do partido realmente vêm desses lugares.

As cadeiras de Marielle e David na câmara municipal estavam próximas umas das outras e se tornaram não só camaradas, trabalhando nos mesmos projetos, mas melhores amigos. Como ela fez com tantas pessoas no Rio, Marielle tornou-se uma inspiração crítica para nossos filhos recentemente adotados: prova poderosa para eles que mesmo em um país em que o racismo, a desigualdade econômica e os preconceitos de todos os tipos continuam sendo uma força tóxica, todas as paredes injustas pode ser violado.

Como acontece com qualquer um que conheceu Marielle, você sabia que na primeira vez que falava com ela, ela era realmente especial, uma certeza que só era reforçada quanto mais tempo você passava com ela.

Ontem, não apenas no Rio de Janeiro, mas em praticamente todas as cidades do Brasil, dezenas de milhares de pessoas se reuniram para lamentar a perda de um símbolo tão virtuoso de esperança. Mas eles também se reuniram para registrar sua repugnância e indignação sobre os verdadeiros culpados responsáveis por sua morte: a classe política e econômica da elite brasileira que se viu devorando a corrupção e os frutos podres da enorme desigualdade enquanto o resto do país é deixado por em um clima de violência, ilegalidade desenfreada, abuso policial e pobreza destruidora de almas.

O mais trágico de tudo é que Franco era exatamente o que o Brasil mais precisa, mas lamentavelmente falta: pessoas que entendem a situação da grande maioria dos brasileiros e que se dedicam a melhorar em vez de explorá-la. Franco é sobrevivido por sua parceira amorosa, Mônica; sua filha de 19 anos, Luyara Santos, que escreveu ontem: "Eles mataram não só minha mãe, mas também seus 46 mil eleitores"; sua mãe e vários outros parentes enlutados.

Ela também é sobrevivida por um país e uma cidade que ela amava, uma que agora se esforça para entender como isso pode acontecer. Acima de tudo, o país é deixado para tentar encontrar uma maneira de garantir que isso não se torne mais um episódio que reforça a verdade de longa data de que as facções violentas estão livres para matar qualquer um com impunidade. Seu desafio é assegurar, em vez disso, que a morte de Franco não seja em vão, usando-a para galvanizar milhares e dezenas de milhares de novas Marielles, inspiradas por seu singular e potente exemplo.

Marielle Franco, nascido em 27 de julho de 1979, morreu em 14 de março de 2018.

Geledes - 19/03/2018

Há sentido político na difamação de Marielle Franco

Restou aos extremistas do campo político oposto plantar informações falsas para levar os neoindegnados de volta à apatia - FLÁVIA OLIVEIRA, do O Globo

Não é novidade a quem acompanha episódios de violência de gênero tropeçar em episódios de revitimização. São boatos, comentários e injúrias plantados por indivíduos interessados em despejar nas vítimas a culpa pelo crime sofrido. O Brasil enfileira casos. Assassino de Ângela Diniz, Doca Street usou a legítima defesa da honra para se defender do homicídio da então mulher, em 1976.

Na década seguinte, o esquadrão da moralidade cínica comentava que a jovem Mônica Granuzzo, violentada e atirada de uma janela de um prédio da Zona Sul carioca, estaria viva se abraçasse o recato, em vez de confiar no homicida sedutor. Neste século, houve quem tentasse atenuar o estupro coletivo sofrido por uma adolescente de 16 anos numa comunidade da Praça Seca.

Num ambiente em que é comum mulheres serem responsabilizadas pela brutalidade que sofreram, era de se esperar que o coro de caluniadores seguisse a execução da quinta vereadora mais votada da capital fluminense. Não bastasse o corpo abatido, Marielle Franco teve a imagem maculada por mentiras 24 horas após o crime que comoveu o Rio de Janeiro, o Brasil e boa parte do mundo.

Afora o machismo, há sentido político na difamação. O crime bárbaro da quarta-feira, 14 de março, chamou atenção da população para o discurso dos defensores dos direitos humanos e do estado democrático de direito. Mataram uma vereadora, negra, nascida na favela, mãe, dedicada à agenda de valorização da vida de quem quer que seja — pobre, preto, policial, classe média. A execução sensibilizou os que, até então, pareciam surdos à necessidade de

estancar a epidemia homicida, que vitima mais de 60 mil brasileiros por ano e ceifou as vidas de Marielle Franco e Anderson Pedro Gomes.

Restou aos extremistas do campo político oposto plantar informações falsas para levar os neoindeignados de volta à apatia. Como escreveu o jornalista Leonardo Sakamoto em seu blog no “UOL”: “Grupos temem que a reação catártica à execução (de Marielle Franco) possa ajudar a mudar o balanço de forças sociais, reduzindo o espaço das milícias de extrema direita na construção de significados coletivos... E isso tem inequívoca influência nas eleições gerais de outubro”.

Que daqui em diante fiquemos alertas à maldade. O antídoto é simples: desconfiar de conteúdos apócrifos, ainda que reproduzidos por pessoas conhecidas, e não compartilhar informações sem verificar a confiabilidade das fontes. Difundir calúnia é crime.

GRIS UFMG - 19/03/2018

Neymar, Marielle e a força dos acontecimentos - Paula Simões

Este texto deveria analisar a cirurgia sofrida por Neymar em Belo Horizonte, no início de março, bem como as repercussões que esse acontecimento suscitou. O atacante do Paris Saint-Germain teve uma fratura no quinto metatarso do pé direito, durante um jogo contra o Olympique de Marselha, e foi operado pelo médico da seleção brasileira, Rodrigo Lasmar.

O texto deveria atentar para as mobilizações fomentadas por essa ocorrência: inúmeros fãs do atacante se manifestaram em frente ao hospital Mater Dei, na capital mineira, para prestar solidariedade ao ídolo, para ter notícias ou mesmo para se divertir naquele cenário em uma manhã de sábado. Como relatado pela imprensa, crianças jogaram bola em frente ao hospital enquanto alguns adultos chegavam com um isopor cheio de cerveja, fazendo mesmo lembrar o clima de uma partida de futebol. O texto deveria refletir sobre tamanha repercussão – tanto em frente ao hospital quanto na grande imprensa – discutindo a força de mobilização de certas celebridades mesmo em acontecimentos quase corriqueiros (como é uma cirurgia no pé ou no joelho para um jogador de futebol).

O texto deveria, assim, seguir a pauta definida na última reunião do GrisLab. Mas não é possível. No momento em que escrevo este texto, nenhum outro acontecimento consegue me convocar à reflexão a não ser a morte de Marielle Franco. A execução brutal da vereadora do PSOL e do motorista Anderson que a conduzia – morta/o a tiros, no Rio de Janeiro – certamente será analisada neste laboratório nos próximos dias: suas motivações, seus desdobramentos, as ações que esse assassinato procura paralisar, mas também as que ele convoca, o modo como

ele nos afeta, assim como o poder hermenêutico desse acontecimento na sociedade brasileira contemporânea.

O assassinato de Marielle comoveu milhares de pessoas no Brasil e no mundo; manifestações, protestos e homenagens à mulher, negra, lésbica, feminista, favelada e política foram realizados em várias cidades do país e do mundo. Marielle é símbolo de luta: da luta por direitos, por igualdade, por justiça social; da luta contra o racismo, os preconceitos, a violência contra a população negra e pobre do país; da luta de todas as minorias que ela encarna. A tristeza, a comoção, a indignação provocadas por essa morte nos afeta profundamente – e nos faz pensar sobre o lugar que o pé direito de Neymar deveria ocupar na cena pública.

GRIS UFMG -21/03/2018

A intervenção e Marielle - Gáudio Bassoli

As execuções da vereadora Marielle Franco e do motorista Anderson Gomes desafiam a intervenção federal militar no Rio de Janeiro em três frentes: a de um crime que acontece na cidade que tem servido de “laboratório para o Brasil”, a do assassinato que vitimou uma opositora da medida e a do silenciamento de uma voz que denunciava abusos de agentes de segurança. A política pública já falhou, e pagou-se

Quase um mês depois de Michel Temer assinar o decreto de intervenção no Rio de Janeiro, dando um protagonismo para membros das Forças Armadas na política administrativa do Brasil que não se via desde os tempos da ditadura militar, os assassinatos de Marielle Franco e Anderson Gomes jogaram luzes sobre alguns aspectos sombrios da (des)medida. O “laboratório para o Brasil”, nos termos do interventor federal, general Braga Netto, vacila.

Em artigo para a revista Cult (que vale a pena ler na íntegra), o professor Wilson Gomes foi preciso: “o assassinato acontece justamente no Rio e no contexto de um ‘laboratório’ de combate ao crime excogitado pelo governo Temer, que recorreu à medida extrema e sem precedentes de nomear um interventor militar para assuntos de crime urbano. (...) Não é à toa que todo o governo Federal foi mobilizado antes do fechamento das edições dos telejornais da noite seguinte à execução, para mostrar o seu empenho para elucidar o crime e punir os responsáveis: (...) sabe que a política pública em que aposta a maior parte das suas fichas acabou de subir no telhado. Assim, precisará mostrar resultados neste caso ou perderá completamente o argumento”. Acrescentamos: tentar desassociar-se tende a não dar certo.

Marielle era relatora da Comissão da Câmara de Vereadores do Rio criada para acompanhar a intervenção federal na segurança pública. Poucas horas antes de ser assassinada, enviou artigo para o Jornal do Brasil (leia na íntegra): “o apontamento das favelas, como lugar

do perigo, do medo que se espraia para a cidade, (...) coloca a favela como objeto principal e inimiga pública”. Nesse contexto, é perigosíssimo experimentar, por exemplo, mandado coletivo – sim, coletivo – de busca e apreensão. Marielle avisa: “o que vemos é que neste ‘laboratório’ as cobaias são os negros e negras, periféricos, favelados, trabalhadores. A vida das pessoas não pode ser experimento de modelos de segurança.”

As “cobaias” vêm sentindo na pele efeitos colaterais do experimento. Os abusos não precisam de ordens do interventor para acontecer, eles podem sequer ser iniciativa do Exército. Porque, se as favelas são “inimigas públicas”, a violência está legitimada. Em Acari, como denunciado por Marielle dias antes de ser morta, moradores alertam que o 41º Batalhão de Polícia Militar do Rio de Janeiro, o “batalhão da morte”, aumentou a ofensiva contra civis depois da intervenção.

Pior: há uma sensação de que os traficantes do varejo fugiram e voltarão à ativa quando o Exército retornar para casa (e vale lembrar resultado de inquérito dizendo que traficante de atacado é o piloto, não os donos de helicóptero). Sendo assim, as Forças Armadas estariam nas ruas não tanto para realizar prisões, mas para prevenir a violência, garantir alguma “paz”. Falharam: mesmo que os verdadeiros assassinos de Marielle sejam descobertos (esperamos e cobramos isso), isso não vai trazê-la de volta. As ideias da vereadora vivem mais do que nunca, mas ela foi brutalmente tirada de nós.

The Guardian - 22/03/2018

Assassinato de Marielle Franco: autoridades brasileiras sob pressão global para encontrar assassinos

Enquanto cresce a pressão sobre as autoridades no Brasil para encontrar os assassinos da vereadora do Rio de Janeiro Marielle Franco, uma carta aberta de ativistas internacionais, escritores, jornalistas, cineastas, políticos e atores pediu uma investigação de seu assassinato por uma comissão independente.

Franco e seu motorista foram mortos a tiros no dia 14 de março, em um assassinato que provocou uma onda de raiva em todo o Brasil, e provocou um debate urgente sobre o racismo, a violência e a impunidade do país.

O ativista de direitos humanos do complexo de favelas da Maré do Rio denunciou os assassinatos atribuídos à polícia e estava encarregado de uma comissão do conselho municipal que monitorava a “intervenção federal” do governo brasileiro, que colocava os militares no policiamento no estado do Rio de Janeiro. “Ela desafiou veementemente a impunidade que

cerca as execuções extrajudiciais de jovens negros pelas forças de segurança”, escrevem os autores da carta, publicada no The Guardian e O Globo. “O ativismo de Marielle lhe valeu muitos inimigos poderosos.”

Chimamanda Ngozi Adichie, Ava DuVernay, Arundhati Roy, Angela Davis, Edward Snowden, Glenn Greenwald, os co-fundadores da Black Lives Matter Patrisse Cullors e Opal Tometi, Naomi Campbell, Noam Chomsky e os atores Thandie Newton, Gael García Bernal e a estrela de Narcos Wagner Moura estão entre os signatários.

"Dado que o assassinato de Marielle tem todas as características de um assassinato, pedimos a criação de uma comissão independente composta de proeminentes e respeitados especialistas em direitos humanos e jurídicos nacionais e internacionais e encarregados de conduzir uma investigação independente", escreveram eles.

Como notou a carta, dois dias antes de seu assassinato, Franco havia denunciado o papel da polícia no assassinato de um jovem negro chamado Matheus Melo, morto a tiros após deixar um culto evangélico na favela do Jacarezinho.

Ela também criticou o 41º batalhão policial do Rio - que tem sido ligado a numerosas mortes - ou "aterrorizando e abusando" moradores da favela Acari, onde dois homens foram mortos e jogados em uma vala de drenagem no dia 5 de março.

A Intercept Brasil informou que uma linha de investigação envolve “milícias” - máfias cujos membros incluem oficiais de serviço e ex-policiais. Em 2008, Franco trabalhou em uma comissão municipal em milícias no Rio.

A polícia do Rio disse que eles não comentariam sobre uma investigação em andamento.

Homero Freitas Filho, que lidera uma equipe de promotores que também trabalha na investigação, disse ao Guardian que acredita-se que o assassinato de Franco esteja ligado ao seu trabalho político e denúncias.

"Nenhuma hipótese será descartada, mas esta é a principal", disse ele, acrescentando que recentemente solicitou e recebeu cinco promotores extras.

A mídia local relatou que Franco e Gomes foram baleados pela janela traseira quando um carro parou perto deles. Sua assessora de imprensa, que estava com Franco no banco de trás, descreveu uma rápida explosão de fogo em uma entrevista anônima na televisão.

As balas de 9 milímetros vieram de um lote roubado da Polícia Federal em 2006, algumas das quais também foram usadas em um massacre em Osasco, perto de São Paulo em 2015, no qual 17 pessoas foram mortas. Três policiais e um guarda municipal foram condenados por homicídio no caso.

Freitas Filho disse que 1.8m foram roubadas no assalto. "Eles poderiam ter sido distribuídos para todos os tipos de criminosos", disse ele.

Seus assassinos - que a seguiram de uma reunião em dois carros - também escolheram um "ponto cego" onde as câmeras de rua não estavam funcionando. Desde o assassinato, o local tornou-se um santuário, com flores, fotos e pichações dizendo "matança policial", "execução" e "vidas negras importam".

Nesta semana, o Papa Francisco chamou a mãe de Franco, Marinete da Silva.

No domingo passado, cerca de 5 mil pessoas marcharam em sua memória no complexo da favela da Maré de onde ela era. Na terça-feira à noite, milhares de pessoas desfilaram pelas ruas centrais do Rio, enchendo a praça em frente à câmara municipal do Rio e cantando junto com a música tocada por uma orquestra.

Muitos na multidão eram brasileiros negros de comunidades de baixa renda. Os vendedores de rua tinham decorado suas caixas e estandes legais com adesivos e cartazes com o nome de Franco. "É importante que os negros estejam aqui", disse Pedro Vidal, 26, enfermeiro. "Não vamos aceitar isso e não vamos deixar passar."

GRIS UFMG - 13/04/2018

O atentado que não terminou - Gáudio Bassoli

Balas mataram Marielle Franco e Anderson Gomes, e, depois de morta, a vereadora ainda sofreu vários ataques por textos e imagens nas redes sociais. Reverberações dos crimes desnudaram ódio, preconceito e desonestidade. As investigações avançam, mas, um mês depois, ainda esperamos respostas: quem são os assassinos e os mandantes?

As mortes de Marielle Franco e do motorista Anderson Gomes na noite de 14 de março motivaram manifestações de solidariedade quase imediatas. Algumas, como as da página "Socialista de iPhone" e "Vem Pra Rua Brasil", mostraram inclusive que ser conservador ou liberal não precisa significar necessariamente agir como um babaca. Entretanto, certa horda não demorou para atacar em três ondas inter-relacionadas: culpabilização da vítima, banalização da morte e compartilhamento de calúnias.

No primeiro ataque, Marielle foi culpada indiretamente pela própria morte, já que ela "defenderia bandidos" por estar filiada a uma ideologia que "entende a lógica" do crime (curioso é um grupo fazer isso e depois acusar a esquerda de "politizar" o assassinato).

Na segunda onda de ataques, mais sutil, tentou-se equiparar a execução da vereadora com crimes quaisquer, inclusive lançando-se mão do uso de *fake news* (uma notícia de 2016

foi dada como recente) ou apelando para o exemplo de policiais negras mortas esquecidas pela esquerda. Os nomes das policias, Fabiana Aparecida de Souza e Alda Rafael Castilho, não interessavam no post: o importante mesmo era demonstrar o “cinismo” da esquerda. Descobriu-se, então, que Marielle Franco citava nominalmente as duas PMs na tese “*UPP: a redução da favela a três letras*”, dando ênfase ao sofrimento dos familiares de policias mortos. Em seu mandato, foi muito prestativa e dedicada nesses casos, oferecendo ajuda a dezenas de famílias (fazendo muito mais na prática do que quem só resmungue e, pior, ameaça).

A terceira onda de ataques, talvez a mais perversa, foi das *fake news* que ligaram Marielle ao crime organizado, usando informações simulando credibilidade e imagens que sequer retratavam a vereadora. Parte da grande mídia entrou na dinâmica das *fake news*, quando destacou em manchetes informação publicada por desembargadora, para, ao longo das próprias matérias, colocá-la em xeque: a fonte da informação foi “o *Facebook* de uma amiga”. O uso oportunista de uma figura de autoridade para levantar suspeitas infundadas pode ter arranhado a imagem pública da vereadora. Porém, rendeu processos judiciais a vários caluniadores, fazendo desmoronar a reputação deles.

Sobre o uso de imagens falsas, não foi a primeira vez que a morte de uma pessoa negra originária da favela, em um assassinato onde a suspeita recai sobre agentes e ex-agentes de segurança, tenta ser “justificada” com fotografias “incriminadoras” de outras pessoas. Nosso racismo brasileiro é tão convenientemente cego que sequer diferencia caluniados de quem tem fisicamente pouco em comum além da cor da pele.

No mundo real, o rastro de sangue aumenta: Carlos Alexandre Pereira Maria, colaborador de vereador ouvido no caso Marielle, foi assassinado. A possível ligação entre os crimes é investigada. Digitais parciais dos assassinatos da vereadora foram encontradas nas munições de um crime que parece ter as digitais da milícia... Mas continuamos perguntando: quem matou e quem mandou matar Marielle Franco?

ONU - 16/04/2018

Marielle Franco - democracia, legado e violência contra as mulheres na política

Em artigo publicado na imprensa, a representante da ONU Mulheres no Brasil, Nadine Gasman, e Flávia Biroli, da Universidade de Brasília (UnB), lembram que a vereadora do Rio, Marielle Franco, era a “voz de quem não é ouvida nos espaços de poder”. Mulher, negra, lésbica e com origem na favela, denunciava as práticas de extermínio contra os jovens da periferia.

Para Nadine e Flávia, seu assassinato estremece a democracia e mostra a necessidade de legislação específica contra a violência direcionada às mulheres na política.

*Por Nadine Gasman, representante da ONU Mulheres Brasil, e Flávia Biroli, professora do Instituto de Ciência Política da Universidade de Brasília (UnB)**

O assassinato da vereadora Marielle Franco nos coloca diante de um limiar. Décadas de construção democrática e de reconhecimento da violência de gênero, em leis e políticas públicas, foram insuficientes para poupar sua vida e a de outras mulheres. Quando uma mulher negra, que moveu estruturas da periferia para o espaço da política, é morta, estremece o que foi construído para que a democracia seja um regime político e social. Nele, as mulheres devem ter assegurada sua atuação e integridade.

A violência contra as mulheres na política previne a participação e pune as que participam. Distorce representação e restringe o acesso à política de um grupo majoritário – as brasileiras são maioria da população e do eleitorado. Há, assim, impedimentos para que problemas como o da violência de gênero adentrem o debate político.

Na literatura internacional, a violência política contra as mulheres é tipificada como violência física, sexual, psicológica, simbólica e econômica. Corresponde a agressões, ameaças, assédios, estigmatização, exposição da vida sexual e afetiva, restrições à atuação e à voz das mulheres, tratamento desigual pelos partidos e outros agentes, incidindo sobre recursos econômicos e tempo de mídia para campanha política.

Marielle, mulher negra lésbica com origem na favela, era voz de quem não é ouvida nos espaços de poder. Como mulher negra e feminista, era um corpo incômodo, que expunha o caráter sexista, racista e lesbofóbico de práticas e instituições. Denunciando os assassinatos de jovens da periferia, ela reforçava no debate público as vozes de suas mães, de suas irmãs, fundadas na dor da perda, para driblar a desumanização. Denunciava que o Estado de Direito se assenta sobre “vidas matáveis” e práticas de extermínio.

O fato de que as vidas das mulheres continuem a ser ceifadas e que os corpos que caem sejam sobretudo corpos negros revela a insuficiência das garantias existentes e, de modo mais amplo, do Estado Democrático de Direito. O mesmo pode ser pensado sobre a participação política e os limites da democracia. O Brasil é 153º lugar no ranking da *Inter-Parliamentary Union* sobre mulheres nos parlamentos de 193 países. Na América Latina, o Brasil está à frente apenas de Belize e Haiti.

Sem confrontar a violência contra as mulheres na política, estaremos distantes não apenas da paridade, mas também da democracia. O comitê de monitoramento da Convenção de

Belém do Pará no âmbito da Organização dos Estados Americanos (MESECVI) recomenda a adaptação dos instrumentos legais nacionais. Bolívia, México e Peru têm legislação específica, algo que nos parece necessário para o Brasil.

No caso brasileiro, essa violência também se expressa pela ofensiva contra a agenda da igualdade de gênero, com o objetivo de desqualificar a violência sexista e reduzir a participação política das mulheres. Fragiliza, ainda, as já insuficientes garantias para o respeito das pertencas de gênero, raça e identidade sexual.

O assassinato de Marielle Franco é paradigmático porque atinge a democracia como espaço de construção de alternativas. Parece-nos necessário partir do óbvio. A existência da democracia depende de que a participação política das mulheres seja assegurada e que a violência contra as que driblam barreiras e se fazem ouvir seja contida.

**Artigo publicado originalmente no blog #AgoraÉQueSãoElas, da Folha de S. Paulo, em 14 de abril de 2018.*

GRIS UFMG - 16/05/2018

Já fomos sãos? Igualdade, justiça e loucura - Maria Lúcia de Almeida Afonso

Os assassinatos de Marielle Franco e Matheusa Passarelli evidenciam, pela ausência, valores como igualdade e justiça. A racionalidade moderna, que deveria garantir tais princípios, cria uma linha de divisão e exclusão daqueles que não se enquadram no padrão. Para esses, o tratamento justo ainda é objeto de luta política. O que nos obriga a pensar na perversidade da racionalidade que mata.

Dois meses se passaram desde que Marielle Franco e Anderson Gomes foram brutalmente assassinados no Rio de Janeiro. Este acontecimento suscitou demonstrações públicas de luto por todo o Brasil, bem como manifestações políticas ligadas às causas que a vereadora defendia, principalmente a luta contra o genocídio do povo negro e pobre.

O assassinato de Marielle e Anderson colocou em evidência valores constitutivos do que chamamos de democracia atualmente, como a igualdade e a justiça. No entanto, esses valores são acionados justamente por serem percebidos como ausentes nesse quadro. Para muitos – e principalmente para os que compartilham das lutas encampadas pela vereadora carioca – sua execução foi ordenada porque seu corpo feminino, bissexual e negro não gozava das mesmas condições de existência na esfera pública. A vida de Marielle não foi assegurada como são asseguradas outras, masculinas, heterossexuais e brancas. A igualdade e a justiça, que deveriam ser premissas para a experiência humana, se tornam fins a serem conquistados.

Os mesmos valores (ou a ausência deles) ficam evidentes quando olhamos para o assassinato da estudante não-binária de artes da UERJ e militante LGBT, Matheusa Passarelli. Também pela ausência de igualdade e justiça, Matheusa teria sido executada por uma facção criminosa no Morro do 18. Segundo testemunhas, ela estaria andando nua e confusa pelas ruas do bairro, quando foi encontrada e julgada pelo tráfico. A Polícia ainda não encontrou seu corpo, mas acredita que ele tenha sido incinerado pelos assassinos. Assim como Marielle, Matheusa existia em um corpo que fica à margem das redes de proteção que apenas a igualdade e a justiça garantem. O acontecimento de sua morte suscita, portanto, a conversão desses princípios em fins.

Algumas teóricas feministas apontam a racionalidade como fonte de exclusão no contexto contemporâneo. Assim como explica Margaret A. McLaren:

“O ideal de racionalidade serve de fundamento para a igualdade porque os seres humanos são pensados como iguais e merecedores de respeito **enquanto forem racionais.**” (2016, p. 35, grifo nosso)

A ideia iluminista do “homem racional”, portanto, exclui todos aqueles que não se encaixariam nesses moldes: os loucos, sendo eles uma ampla categoria de corpos e experiências marginalizadas da esfera pública.

Historicamente, as características que marcam os corpos de Marielle e Matheusa foram enquadradas como desviantes da norma racional. O negro considerado como selvagem, a mulher como histérica, a afetividade homossexual como perversa. Neste quadro, a racionalidade, que serviu como base do pensamento Iluminista, visando aparentemente democracia, igualdade e justiça, acaba se transformando em uma concorrente dos valores que ela mesma gerou, minando a universalidade dos direitos humanos.

Ficam as perguntas: estaríamos nós ficando loucos? Já fomos “sãos”? Em um mundo doente, o que significa estar louco/são?

Marcelo Freixo - 06/05/2018



Marcelo Freixo

6 de maio · 🌐



Marielle é gigante e não será interrompida!



EXTRA.GLOBO.COM

Tribuna da Câmara do Rio vai se chamar Marielle Franco

Com apenas um voto contrário, a tribuna do Palácio Pedro Ernesto, sede ...

👍❤️😬 3 mil

49 comentários 187 compartilhamentos



Ninguém se indigna com nome de escolas. De pontes de Ruas. Avenidas batizadas com nomes de ditadores do regime militar. Mas da vereadora brutalmente assassinada com repercussão internacional os brazucas passam vergonha. A chacota da ignorância que pauta opiniões da mídia golpista atrelada ao capital me obriga a ler imprensa internacional. Isso aqui aqui é panfletagem. Não é jornalismo isento

Curtir Responder 24 sem Editado

👍❤️😬 22

^ Ocultar 11 respostas



Enquanto isso em 2015 um governo comuna fez essa mesma que você pede:
<https://oglobo.globo.com/.../nomes-de-presidentes-da...>



OGLOBO.GLOBO.COM

Nomes de presidentes da ditadura são retirados de...

Curtir Responder 24 sem

👍 1




Denuncie na sua localidade também.


Curtir Responder 24 sem

👍 1




 [Redacted] Nossa que revolta. 😞 1

Curtir Responder 24 sem

 [Redacted] A esquerda lutava contra o regime militar para instalar a ditadura do proletariado. Vocês dizem que lutou contra a ditadura para implantar uma ditadura.

Curtir Responder 24 sem

   7


 [Redacted] Ditadores do regime militar , onde , qual país ?


Mesmo pq se eh regime não é ditadura !!!
Pra ser ditadura um único líder deveria se perpetuar por anos e anos no poder , esse líder te obrigaria a estudar onde e oq ele queria , te obrigaria a trabalhar e ganhar oq ele queria , te obrigaria a morar onde ele queria etc !!

Um exemplo clássico disso eh Cuba e um exemplo contemporâneo eh a Venezuela , em qual dos dois vc gostaria de viver essa experiência maravilhosa na pele ????


Curtir Responder 24 sem

  4


 [Redacted] Engraçado que na Tal ditadura eu podia brincar na rua sem medo. Hoje meus filhos não podem ir na esquina que já tem algum maconheiro com camiseta de partido se dizendo engajado.

 [Redacted] Marcelo Silva mitou! 🍌 2


Curtir Responder 24 sem

 [Redacted] Enquanto isso em Madrid, estão retirando todas as placas com nomes da época da ditadura franquista

Curtir Responder 24 sem

 [Redacted] Impossível comparar: um vagabundo maconheiro militante do Psol, com um Batista Figueiredo, por exemplo..

Curtir Responder 24 sem Editado

 [Redacted] Bruno Lira Mouta Eu Morava em Viamão, Região Metropolitana de Porto Alegre. Meu Pai e Minha Mae trabalhavam em Porto Alegre. Todos da minha rua trabalhavam em Porto Alegre. Sem vi a Brigada Militar na rua. Nunca vi ninguém sendo "oprimido". Eu brincava na rua e meus pais nem se preocupavam.

Curtir Responder 24 sem

 [Redacted] Leonel Nascente vc é um imbecil.....

Curtir Responder 23 sem

Se fala mais da mulher morta doq viva , vão canonizar ?

Ah não , desculpa , esqueci q a esquerda eh ateia , embora tem alguns tontos q acreditam em Deus e no socialismo , e pior , já tivemos até ateia Dilma orando São Francisco de Assis em rede nacional para proteger o pixula na cadeia !!!!

Vcs são muito bizarros !!!



Curtir Responder 24 sem Editado

^ Ocultar 11 respostas

Vc saber dela só após a morte é culpa sua que só sabe de notícias de face e TV... Mas política é todo dia de 365 dias de cada ano ... Vcs só querem saber no ano de eleição....por isso são massa de manobra



Curtir Responder 24 sem

Isso aí, está igual a questão do aborto: Se você é contra, não faz, mas, não interfira nas opções dos outros!!!! Se você não aplaudia a Marielle, seus Projetos e ações, não precisa se posicionar aqui!!!! Reserve este espaço para quem quer de alguma forma celebrar!!!! OK?



Curtir Responder 24 sem

Regina Bonfatti vc eh a favor do aborto e Tb eh a favor da pena de morte do estuprador ???

Renato Porto oq q escrevi q eh bizarro , falei alguma mentira , alguma coisa q não condiz com a realidade ?

Curtir Responder 24 sem

Robson Arrivabene claro q eles são contra a pena de morte do estuprador , eles SÓ defedem bandidos esqueceu?




Curtir Responder 24 sem Editado


Eu não esqueço Marcelia Rodrigues , só gosto de lembrá-los !!!! 👍👍👍👍





Curtir Responder 24 sem


Bizarro é vc que ao desmerecer Marielle, está desmerecendo as idéias dela e na mesma medida, sem perceber, desmerece a si próprio e sua própria dignidade como cidadão, que era o que ela defendia. Pobre de você que não entendeu nada.


 Stavna Flosi não fala besteira !!!
Primeiro pq não tenho um pingo de simpatia por ideias ,
partidos e adeptos de comunosocialismo !!!
Segundo pq pra mim , morreu ... enterra , e fim de papo ,
deixa a polícia investigar !!!
Terceiro , fazer dela ou de qlq morto palanque eleitoral eh
coisa de vagabundo da pior espécie !!!
Tá bom pra vc , se quiser tenho mais alguns motivos ??

Curtir Responder 24 sem Editado  1


 Regina Bonfatti perfeito! Bora apoiar a
liberação das armas? Quem não quiser, que não compre!

Curtir Responder 24 sem  1


 Robson Arrivabene tu é mais um machinho
que não achou um lugar no mundo.
Gente igual a você nem em sociedade poderia viver.
Quem vai ser enterrado e nunca mais será lembrado é
você. Que nunca fez e nunca fará nada pelo mundo em que
vive e pelos seus semelhantes.
Gente igual a você nunca se interessou por estudos, nunca
pegou um livro pra ler. Não precisa de muito pra ver que
você é burro e replica as mesmas burrices que todo mundo
aqui tá cansado de ver.
O famoso pobre capitalista que goza com o pau dos outros,
um fudido que fica tirando fotos de bens materiais que nem
são deles, acho que no fundo no fundo, quando se olha no
espelho de manhã, se sente um fracassado daí vem aqui
destilar seu ódio contra pessoas que nada tem relação com
a insignificância do seu ser desprezível.

 Só falta canonizar agora, mas isso vai ser até
outubro e depois esquecem dela quer ver só??
Não vão deixar a mulher descansar enquanto as eleições não
chegarem, vão fazer do caixão dela o palanque de vcs.
Se amam/admiram a Marielle deixem ela descansar em paz.


Curtir Responder 24 sem

 Se o povo vacilar essa investigação cairá
no esquecimento ou virão com desculpas sem sentido e enfiar
goela abaixo da população que cobra RESPEITO! Teori ficou no
passado?


Curtir Responder 23 sem

 Que merda
Amanhã todas as crianças que nascerá no morro será chamadas
de abestados cariocas

Curtir Responder 24 sem

 chega de homenagem, queremos é
justiça. Cadê os assassinos???

Curtir Responder 24 sem

 Vcf caralho que nojo desse rio milhares de
policiais mortos em cidade confronto e essa poha dessa mulher
ainda ganha tudo vcf estado fudido

Anistia Internacional Brasil - 13/05/2018 ...



Anistia Internacional Brasil

13 de maio · 🌐

O assassinato brutal de Marielle e Anderson não pode ficar impune. Assine agora e exija uma resposta das autoridades. Sem pressão não há solução. Juntas, nossas vozes têm muito poder.



Assine a petição e exija uma resposta urgente

✓ Assinar

👍👎❤️ 17 mil

549 comentários 3.736 compartilhamentos

Feito. E respondendo aos comentários de alguns sobre "hipocrisia": tenho certeza de que todos aqui se solidarizam com outras atrocidades e assassinatos sem investigação. Uma pessoa não vale mais que a outra e todo crime deve ser investigado. Apoiar a investigação da Marielle é também promover o mesmo para as outras vítimas. É cobrar uma justiça que seja eficiente e uma polícia menos corrupta. É lutar para que tenhamos um Brasil menos violento. Marielle é apenas o símbolo dessa luta, que representa outras mulheres e homens que tiveram suas vidas tiradas de suas famílias.

Curtir Responder 9 sem

👍 6

Se fosse o único caso de impunidade desse país, não é o primeiro nem o último muito menos o único. Eu só queria entender porque o caso dela é mais importante que tantos outros até mais antigos que a mídia, a anistia Internacional e os direitos humanos não estão nem aí, não são vidas importantes também?

Curtir Responder 13 sem

👍❤️ 5

Eu só queria entender oq essa cidadã teve de tão diferente! Oq fez de tão extraordinário pra ser quase que canonizada! Fala sério! Vão investigar os outros inúmeros casos que estão sem soluções ate hoje! Teria mais serventia!

Curtir Responder 9 sem

👍 4

[Redacted] E o assassinato da menina de 12 anos, Vitoria, pode ficar impune? Não vejo a mesma comoção por parte de grupos que escolhem que a vida de uns, por serem da mesma corrente ideológica, vale mais que de outros.

Curtir Responder 17 sem

1

[Redacted] Então se comove e faça sua campanha também inferno... Agora deu pra fiscalizar a comoção alheia?

Curtir Responder 17 sem

2

[Redacted] Sandra Andrade Costa Nogueira, coloque os links das suas ações pela investigação do assassinato da menina Vitória. Tenho certeza que todos que frequentam essa página apoiaram você e a sua campanha.

Curtir Responder 17 sem

Escreva uma resposta...



[Redacted] Já sabem as respostas.... Palhaçada! Tá morta! Vai dar em nada! Na história vai ficar conhecida como Crime Político... Foi o sistema quem a matou.... Política, drogas, poder, segredos... Ela sabia de mais....

[Redacted] ... centenas de crianças são bárbaramente assassinadas no Brasil, diariamente... civis, trabalhadores... caiam na REAL!!!

Curtir Responder 12 sem

8

[Redacted] Indignação seletiva, hipócritas.

Curtir Responder 10 sem

1

Escreva uma resposta...



[Redacted] Não assino
Cadê a petição por todos os brasileiros honestos mortos todos os dias?

Curtir Responder 3 sem

4

[Redacted] Procuraram saber também da morte de quase 60 policiais, assassinados durante o trabalho???


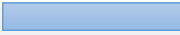
Curtir Responder 17 sem



4


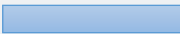
[Redacted] Faça vc!


Curtir Responder 17 sem


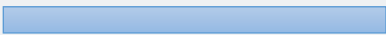
[Redacted] Ruan Timbó, não esperava que um retardado como vc fizesse...



  Quero respostas para os mais de 80 policiais mortos, só no estado do Rio de Janeiro


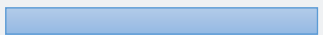
Curtir Responder 3 sem   4


  Gostaria que os homicídios do Estado do Rio de Janeiro
Tivessem a mesma investigação que a morte da deputada
Incluindo os mais de 80 policiais mortos



Curtir Responder 1 sem  4

  Que tal fazed uma petição pra
descobri quem foi o mandante da tentativa de assassinato de
bolsonaro isso ninguém lenbra

Curtir Responder 3 sem   4

  Fernando De Souza Lima Lima
e uma petição pra descobrir qm mandou matar a PM
Juliane ,negra,lésbica .O problema do Brasil são os
Brasileiros que só querem o q lhes convêm.Vi uma
entrevista q a PF só vai divulgar informações depois da
eleições pra ã interferir nas eleições. Vergonha saber q
podemos ter mandantes de assassinato no poder. 😡😡😡
😡😡

Curtir Responder 3 sem  1

  Adriana Torres De Moura
detalhe amiga quem tentou assassinar foi um aliado do PC
do B que saiu seu nime Adélio bispo ai queria saber porque
tem que ser depois das eleições vergonha viu

Tantas pessoas morrendo brutalmente e não vejo assinaturas... Foi uma lástima, mas temos que exigir justiça para todos!

Curtir Responder 1 sem



Será que da pra deixar a polícia trabalhar? Investigação demora ,querem justiça ou vingança . O chefe da Polícia civil era amigo pessoal dela ,a polícia está trabalhando,recolhendo provas . Eu heim

Curtir Responder 23 sem








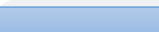


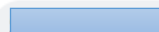




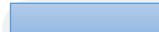


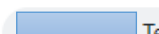


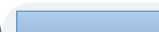


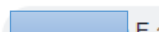






Eu exijo uma explicação das mortes na fila do SUS, falta de professor nas escolas etc.. eu sei q uma pessoa q praticava o bem não deveria ter a vida ceifada desse jeito! Mas não concordo com esse privilegio. Como tem muitas pessoas que morrem e ate hoje nao tem explicação..

Curtir Responder 3 d



Rodrigo Angelica não vai ter explicação de morte na porta do SUS, pois ele não é um hospital, e sim o Sistema Unico de Saúde... contudo se tem alguém morrendo na fila de hospitais, você pode exigir uma explicação ao prefeito se a morte for em Hospitais Municipais, ou ao Governador em caso de Hospitais Estaduais e ao Ministro da Saúde (nomeado pelo Presidente da Republica) no caso de Hospitais Federais. Na mesma linha de raciocínio dos hospitais a reclamação quanto a falta de professor... escolas municipais prefeitos, estaduais governadores e federais ao Ministro da Educação (nomeado pelo Presidente).

-   Rodrigo Angelica não está havendo privilégio, mas diferente se muitas pessoas a família dela está se mobilizando junto com amigos parlamentares. Não é privilégio e sim cobrança. Te garanto que se metade da população se posicionasse contra os governantes e sempre cobrando não estaríamos na merda. Do que adianta bater panela pra Dilma, e enfiar o rabo entre as pernas pro Temer? Pagaram gasolina a 10reais o litro e fazendo fila...
- Curtir Responder 2 d  1
- Escreva uma resposta...   
-   Esse assassinato, só me fez lembrar o depoimento do delegado Cláudio Guerra, na Comissão da Verdade. Tudo muito bem orquestrado.
- Curtir Responder 22 sem  3
-   Não!!
Muita gente é vítima da impunidade. Homens, mulheres, crianças e idosos , que são tão importantes quanto. Assinaria, por uma maioria injustiçada, não só para duas pessoas.
- Curtir Responder 12 sem  3
- ↳ 4 Respostas
-   Sai dai Po , vamos investigar outros assassinatos tbm .não foi só ela que morreu não, vamos parar de hinocrisia
-   Justiça já Marielle presentee,cada tiro que acertou Marielle também acertou cada pessoa que luta por justiça e igualdade racial,social. Assinado.
- Curtir Responder 9 sem  3
-   Tem tantos impunes..aliás a falta de punição é normal.
- Curtir Responder 13 sem  3
-   O Amarildo sumiu e não foi dado solução para o caso, os nossos policiais são mortos todos os dias a todo momento, pq só querer a solução de um caso se tem tantos outros que não tem solução até hoje?
- Curtir Responder 5 sem  3
- ↳ 1 resposta
-   E a morte dos PMERJs mal pagos e expostos a toda sorte de sacanagem. Me poupem.
- Curtir Responder 13 sem   6
-   Negro, favelado, idealista contra repressão, gay? Lamentavelmente será esquecido rapidamente e a desculpa é digna de quem não quer investigar, ir a fundo e desmoralizar quem tem ideais em prol de classes poucos privilegiadas.

G1- 04/10/2018



G1 - O Portal de Notícias da Globo

4 de outubro às 12:47 · 🌐



"Havia muita fúria, tristeza, espírito de luta... Eu nunca vi isso na minha vida", disse o fotojornalista francês Guy Picheard. #G1



G1.GLOBO.COM

Fotos do velório de Marielle Franco são exibidas em estação de metrô na França

👍❤️😭 14 mil

1 mil comentários 2.260 compartilhamentos



Da professora que morreu queimada salvando crianças em Minas Gerais nao teve nada neh? Sabe pq ? Pq nao é a agenda da esquerda. Qta hipocrisia.

Curtir · Responder · 2 sem

👍❤️😭 1,9 mil

⬆️ Ocultar 106 respostas

A opção "Mais relevantes" está selecionada; portanto, algumas respostas podem não ser exibidas devido ao filtro.



Gil Maranhão nada a ver esse comentário.

Curtir · Responder · 2 sem

👍❤️😭 40



Tá certo Brown!! Meus heróis não morreram de overdose!

Curtir · Responder · 2 sem

👍❤️😭 24



Davi Flores claro q tem, nao vejo problema em homenagear a mariele, mas sim no descaso cm a professora.

Curtir · Responder · 2 sem

👍❤️ 24



Descaso com uma e "caso" demasiado com a outra... é aí q mora o problema

Curtir · Responder · 2 sem

👍❤️ 22

Hipocrisia é tu não fazer nada por uma, nem por outra, nem por ninguém e achar que quem faz é por lado político. Acorda! Todo mundo precisa de respeito e compaixão. Se acha que a professora não teve a visibilidade que merecia até então, vai e faz! Pq fica esperando a demonstração dos outros somente pra criticar invés de fazer tua parte pelos que achas que merecem?

Curtir · Responder · 2 sem

32

Karen Yariwake pela sua logica só podem emitir opiniao quem pode fazer o mesmo? Entao se vc critica um presidente, vão chegar em vc e dizer: pq vc não vai la e preside no lugar dele e faz melhor? Rídiculo, cada um faz o que lhe apraz a sua função social. Entende uma coisa: LIBERDADE DE EXPRESSÃO!

Curtir · Responder · 2 sem

11

Quer que eu vá lá em Paris e faça alguma coisa? Hahaha

Curtir · Responder · 2 sem

4

Será se é porque a professora não é beneficiada pela lei Rouanet 🙄

Curtir · Responder · 2 sem

16

Adauto Júnior entendi soh artista merece homenagem? Repito CADÊ A FOTO DA PROFESSORA?

Curtir · Responder · 2 sem

4

Pela minha lógica todos podem emitir opinião e conseguir baseá-las em fatos plausíveis. Ninguém precisa sair do seu país pra fazer alguma coisa. Basta querer.
Deus me livre alguém como tu no papel de presidente. Alguém que desmerece uma homenagem pq outras homenagens não foram feitas. Se tá incomodado, pq não faz? Pq não se une com outros incomodados pra fazer? Criticar quem teve iniciativa de homenagear alguém que lutava por outras pessoas é fácil. Quero ver se mexer pra fazer algo realmente útil e de boa serventia pra outras pessoas, invés de ficar igual um amargurado criticando o feito alheio.

Curtir · Responder · 2 sem

12

A diferença é que uma foi assassinada por seus ideais. Fora que ninguém está impedindo vcs de fazerem atos e obras em prol dessa professora ou quem quiserem, mas vcs preferem ficar acomodados e cobrar que os outros lutem pelo que vocês querem.

Curtir · Responder · 2 sem


16

Gil Maranhão, eu apóio e contribuo pra tua campanha pela memória da professora, assim como fiz com a campanha da Marielle agorinha mesmo. Manda o link aí, por favor.

Curtir · Responder · 2 sem

3

Gil Maranhão vai contanto as homenagens par a professora.





 Sobre a morte dos mais de 100 policiais no ano de 2017 no Rio de Janeiro não merece exposição ???

Curtir · Responder · 2 sem · Editado

   2,1 mil

^ Ocultar 49 respostas





A opção "Mais relevantes" está selecionada; portanto, algumas respostas podem não ser exibidas devido ao filtro.

 Vai lá e faz.    302


Curtir · Responder · 2 sem

 Magali Guimaraes 🍌🍌🍌🍌🍌🍌🍌🍌    21

Curtir · Responder · 2 sem

 E o motorista ?    41

Curtir · Responder · 2 sem

 Ela fazia algo por eles e tu?
<https://www.google.com.br/.../mae-de-policial-assassinado...>




G1.GLOBO.COM

**Mãe de policial assassinado
relembra ajuda de Marielle...**


Curtir · Responder · 2 sem

   644

 O que teu candidato fez pelos policiais do Rio?


Curtir · Responder · 2 sem

  222

 Marielle tinha projeto de apoio às famílias dos policiais mortos pelo tráfico. Mas o que interessa pra você é se era ela de esquerda ou de direita

Curtir · Responder · 2 sem

   284

 Seja fotógrafa e faça sua própria exposição, ao invés de ficar de mimimi...


Curtir · Responder · 2 sem

   185

 Maí Gaffrée. Obrigado pelo teu comentario 🍌🍌🍌


Curtir · Responder · 2 sem

  18

 Ela fez mais pelos policiais que vc querida

Curtir · Responder · 2 sem

  126

 Magali Guimarães, Jair Bolsonaro é deputado federal do RJ há 27 anos. Me diga sequer uma medida dele direcionada aos casos que você cobra por exposição. Não estou lhe atacando, quero apenas argumentos.

Curtir · Responder · 2 sem

   128

[Redacted] O que ela fazia pelos policiais era querer tirar as armas deles e diminuir o poder da polícia, mas o poder dos traficantes ela não queria diminuir.

Curtir · Responder · 2 sem

54

[Redacted] Pega uma foto de todos eles e expõe por aí. Quem quer dá um jeito. #Paz

Curtir · Responder · 2 sem · Editado

46

[Redacted] ignorância 17

Curtir · Responder · 2 sem

[Redacted] o que tem a ver uma coisa com a outra?

Curtir · Responder · 2 sem

19

[Redacted] Matheus Souza Dos Santos, mostra isso. Prova, cara! A gente fala do que sabe. Eu ainda não tô sabendo, quero me informar. Só prove!

Curtir · Responder · 2 sem

23

[Redacted] Cadê a fonte Matheus Souza Dos Santos? Corrente do whatsapp não conta viu.

Curtir · Responder · 2 sem

33

[Redacted] Rapaz se for fazer ensaio fotográfico de todos mundo que morre por causa da violência no Rio teria exposição em todas as estações do mundo.

Curtir · Responder · 2 sem · Editado

917

^ Ocultar 30 respostas

[Redacted] Junior Almeida e todos os dias, faltariam lugares pra tal exposição.

Curtir · Responder · 2 sem

3

[Redacted] Ela não é todo mundo. É uma vereadora que foi morta em uma emboscada e até agora não descobriram quem foi.

Curtir · Responder · 2 sem

27

[Redacted] Monique Mery Liz kkkkkkkkkkkkkkkkkkk deve morrer umas 1000 pessoas aqui por dia e dessas 990 não descobriram o assassino.

Curtir · Responder · 2 sem

19

[Redacted] <https://g1.globo.com/.../rj-tem-13-mil-assassinatos-sem...>



G1.GLOBO.COM

RJ tem 13 mil assassinatos sem resposta desde 2010

G1- 11/10/2018



G1 - O Portal de Noticias da Globo

11 de outubro às 11:15 · 🌐



O mapeamento do trajeto feito pelo veículo naquele dia representa um grande avanço para a continuidade das investigações ==>
<https://glo.bo/2PtBL0w> #G1



G1.GLOBO.COM

Investigação aponta biotipo de assassino de Marielle e locais por onde carro passou após o crime

👍 🤔 😬 1 mil

264 comentários 70 compartilhamentos



O programa de governo do nosso Presidente e simples. Família, Nação, e Combate aos Criminosos. Já é o bastante para começar. E se a Globo está contra ele... Sinal de que ele é a ESCOLHA CERTA! BOLSONARO, PRESIDENTE DO BRASIL!

👍 ❤️ 😬 57

Curtir · Responder · 1 sem



Não acho que seja o bastante mas ok. Há cargos com bem menos responsabilidade que é exigido uma qualificação muito maior que a desse candidato. Enfim, infelizmente a oposição não merece o assumir o poder e a presidência deverá cair no colo de um despreparado mesmo.

👍 😬 2

Curtir · Responder · 1 sem



Porque todas central sindical está com os bandeira vermelha volta do inposto sindical para nois trabalha um dia para estes vagabundos

👍 1

Curtir · Responder · 1 sem



Pena que falar "família, Deus e Brasil" não gera empregos. Quer dizer, gerou empregos pros filhos do bolso que estão todos ganhando bem na política, mas pra criar emprego pra um país inteiro não adianta ficar só com papinho.

Quem mandou matar bolsonaro?
Esqueceram já do adelio? Mídia esquerdopata podre! Dia 28 acaba
essa farra do jornalismo petista, vão ter que procurar emprego em
Cuba! ! O B17 VAI PEGAR VCS!

Curtir · Responder · 1 sem



<https://g1.globo.com/.../juiz-determina-novo-exame...>
Teve notícia hj sobre ele....



G1.GLOBO.COM

**Justiça de MG determina novo
exame psiquiátrico em...**

Gostaria de saber se o pai que Estrupou a filha (Letícia) e matou já foi preso? Cadê a mídia intercedendo por ela.

Curtir · Responder · 1 sem



Eu acho que está,
sem dúvidas deveria estar né

Curtir · Responder · 1 sem

Escreva uma resposta...



Cadê o assassino do Celso Daniel ?

Curtir · Responder · 1 sem



O mandante tá preso, eu acho.

Curtir · Responder · 1 sem

Hamilton Petrella ta preso em curitiba

Curtir · Responder · 1 sem








sem falar que todas as testemunhas
foram mortas

Curtir · Responder · 1 sem

E cadê o fascista que mandou esfaquear o
Bolsonaro?

Quem me dera se todas investigações de homicídios fossem tratadas como a dessa Marielle. "A morte de um é uma tragédia, a morte de milhões é estatística"


Curtir · Responder · 1 sem   8

Ninguém liga    35

Curtir · Responder · 1 sem

↳ 14 Respostas


Aff chega de Marielle ela não é melhor que ngm ,coitada daqui a pouco ela ressuscita de tanto que falam dela

Curtir · Responder · 1 sem  7

E sobre a lava jato em rede Globo que vcs estão envolvida tbm,ngm fala né?


Curtir · Responder · 1 sem  6

Tantas pessoas mortas diariamente e nenhuma investigação tão efetiva... tô chegando a conclusão que políticos realmente são seres especiais e únicos!


Curtir · Responder · 1 sem  3

↳ 1 resposta


Nada contra. mas se fosse um pobre não seria nem lembrado mais esse caso

Curtir · Responder · 1 sem  5


Ainda isso?
De lá pra cá qnts pessoas já morreram e q ainda estão se solução? Parece até q a vida dessa moça vale mais do q as das outras q foram assassinadas .
Para

Curtir · Responder · 1 sem  2


Ano q vem vai aparecer muitos assassinos e mandantes q até hoje está debaixo dos panos !#17

Curtir · Responder · 1 sem  2

Parece que essa mulher foi a única pessoa que morreu no Brasil desde o descobrimento

Curtir · Responder · 1 sem  1

Caso Eduardo campos... Celso Daniel... Bolsonaroja arquivaram... o dela ainda continuam investigando. Não acho ruim continuarem a investigação dela.. mas é dos outros???

Curtir · Responder · 1 sem  2

Gostaria que a polícia se empenhasse assim em mais mortes.
Meu irmão caçula faleceu em 2009 e, até hoje a morte dele consta como inconclusiva. Mas, enfim, ele era homem, hétero, servidor público e universitário. Nenhuma minoria olhou por ele ou por nós, família.



“Quando a gente empurra alguma coisa com as duas mãos, tem uma potência. Mas quando a gente empurra com dez, tem mais força”, assim Carolina Vergolino conta como surgiu a ideia de lançar uma chapa coletiva para as eleições deste ano.



EL PAÍS

BRASIL.ELPAIS.COM

“Quando dizem que Marielle virou semente, é muito real”

Juntas , chapa coletiva com cinco mulheres inspiradas em Marielle Franc...

3,2 mil

53 comentários 594 compartilhamentos



As sementes de Marielle estão germinando nas mulheres negras, da periferia que quer a tal representatividade. Aceitem.

Curtir · Responder · 1 sem



Cuidado com o mundo, nao existe uma mulher negra mas uma mulher, ao colocar desta forma tu coloca o desamor e ódio na mesa a semente esta lancada desde que nos libertamos da escravidão, mas nos os escravos da vida nao entendemos que juntos somos mais forte, mas sem diferenciação, nenhuma, senão e mesmice so mudou a cor da pele e o discurso se mantem. Garanto que voce nao sabe o que esta acontecendo na Africa do Sul, o pais agora comunista gracias a Mandela, promove um genocídio cultural e direcionado a brancos, sao assassinado a ceu aberto, mais de 200 fazendas de brancos com mais de 250 anos foram desapropriadas sem indenização, sao criadas colonias de refugiados brancos, aprovaram uma lei que somente 8% no maximo de brancos podem trabalhar nas empresas e assim vai, acabou a democracia. Pense no que deseja, pois ja ha colonias de Chineses expulsando brasileiros no Brasil ja acontece em muitos lugares na Africa inclusive na Africa do Sul. Apenas para refletir, nao ha como contestar sao fatos, onde o comunismo entra acaba a democracia e se tem inicio a escravidão pela ideologia.

Curtir · Responder · 1 sem



Wilton Oliveira o comentário racista dessa "lacrador" só demonstra o quão preconceituosos são os esquerdistas.
"Os maiores genocídios do século XX ocorreram em nome da justiça social" Thomas Sowell.

Curtir · Responder · 1 sem

"País comunista por causa de Mandela..."
"Genocídios em nome da justiça social"
Haja #WhitePeopleProblems!

Curtir · Responder · 1 sem

... e quem não está aceitando?

Curtir · Responder · 1 sem

Rodrigo, pega os dois primeiros comentários. Homens brancos, com renda mensal boa, moradores de bairro de classe média...

Curtir · Responder · 1 sem

Estão sim, mas além disso as mulheres não-negras estão se inspirando em Marielle também. E isso é muito positivo.

Essa semente nunca existiu. Tudo não passou de uma tentativa da esquerda, e da mídia globalista, de transformar uma mulher vítima de violência como tantas outras em mártir. No último domingo a direita elegeu a mulher mais bem votada como depurada federal, o negro mais nem votado como deputado estadual, e o asiático mais bem votado como deputado federal.

Curtir · Responder · 1 sem

Guilherme Paulino pq seu candidato não fala isso num debate?

Curtir · Responder · 1 sem



Hector Plasma quando ele foi liberado pelos médicos com certeza ele dirá isso em rede nacional.

Curtir · Responder · 1 sem



Escreva uma resposta...



Ja viram que foi pro espaço aquelas retóricas de nazismo, fascismo, racismo, agora partem pra outros temas. Boa Sorte, quero ver quando começar o ano legislativo, essa "risada" toda, como na foto da matéria, quando os temas bizarros que as inspiradas forem passar, ficar na porta das comissões.



A Marielle lutava para que as pessoas não continuassem vítimas da violência policial e miliciana que mata e pune exclusivamente os mais pobres, miseráveis e outros afortunados que não aceitam e questionam tais comportamentos!!! É atacada por grande parte dos hipócritas desse país simples e unicamente por ser homossexual!!!!

Continuemos a luta por uma sociedade sem opressores!!!!

Curtir · Responder · 1 sem



Foi contra a polícia se meteu com bandido racista...estava estava saindo da " casa das pretas " e foi alvejada... imagine se eu fundar a casa dos brancos ... serei chamado do que? Que essa semente ruim apodreça.... eta jornaleco comunista sem noção...

Curtir · Responder · 1 sem



Sérgio Santiago único problema que eu vi aqui foi terem liberado a Internet pra gente lixo q nem vc sair defecando pelos dedos.

Curtir · Responder · 1 sem



1



Luciana Massad devia defecar na tua boca para acabar de encher teu cérebro... é simples se mete com bandido morre ... tem que desenhar...e ainda vou fundar a casa dos brancos e ver a reação dos racistas... cai fora escrota.... publico o que eu quiser... mariele bandida...

El País - 13/10/2018

EL PAÍS Brasil

13 de outubro às 08:00 · 🌐

⋮

Renata Souza, Mônica Francisco e Daniela Monteiro foram eleitas deputadas estaduais pelo PSOL, que terá uma bancada de cinco parlamentares no legislativo estadual. Antes foram assessoras de Marielle Franco e trabalharam com ela lado a lado. Já Talíria Petrone, também muito próxima à vereadora executada, se elegeu deputada federal.

EL PAÍS i

BRASIL.ELPAIS.COM

As 'outras' Marielles que o Rio elegeu

Renata Souza, Mônica Francisco e Dani Monteiro, assessoras da...

👍❤️👎 4,9 mil

91 comentários · 1.326 compartilhamentos

Aguardando uma reportagem sobre as duas mulheres mais votadas do país, Joice Hasselmann e Janaína Paschoal, eleitas pelos 'misóginos e machistas conservadores. Além do negro Helio Bolsonaro, também eleito com recorde de votos apoiado pelo 'racista' Jair Bolsonaro.

Curtir · Responder · 1 sem

   80

Faz você a reportagem já que está tão interessado.

Curtir · Responder · 1 sem

   45

Tá e daí? O que isso tem a ver? Ninguém aqui pediu sua opinião

Curtir · Responder · 1 sem

 6

Só postam o que interessa a eles!!! Não conseguem reconhecer nem o que está em baixo do nariz!!!

Curtir · Responder · 1 sem

  7

joice hasselmann, a jornalista impedida de ser jornalista por ter comprovadamente plagiado 65 reportagens escritas por 42 pessoas diferentes em um período de apenas um mês, é eleita deputada em são paulo ta ai sua reportagem

Curtir · Responder · 1 sem

   67

Sejam bem vindas nesta nova empreitada guerreiras. Nós precisamos multiplicar a voz e fazermos com que às sementes semeadas em terra fértil por Marielle Franco, nasçam, cresçam, e se reproduzam. Ela foi uma mulher guerreira que deu a vida em prol de um único objetivo fazer o melhor para o POVO desprovido de direitos. Marielle Franco, hoje é espelho para todas as mulheres sejam elas da Maré, ou de qualquer lugar no Brasil e do mundo, seja branca, parda, ou negra. Somos todas Marielle Franco. Esperamos que a bancada do PSOL, eleita pelo povo saibam dar continuidade ao trabalho que nossa pupila iniciou. Não quero guerra. Quero simplesmente que às mulheres eleitas fação a diferença. Desde já às parabenizo pela vitória que também é nossa, e que elas tenham a humildade de reconhecer no Congresso Nacional os gritos que ecoam no parlamento brasileiro. A periferia precisa ser vista pelos governantes e vocês nós representam.

Curtir · Responder · 1 sem · Editado



   40

Eleita pela Zona Sul, você quer dizer.

Curtir · Responder · 1 sem

Patrícia Pilo pq na periferia votaram em quem o pastor mandou



Curtir · Responder · 1 sem

  Mais Marieles não pelo amor de Deus... Queremos pessoas que lutem por todos os brasileiros e não somente por aquilo que lhes convém...

Curtir · Responder · 1 sem


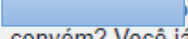
   21

^ Ocultar 13 respostas

  Manoel Ferreira Gomes mitou cara



Curtir · Responder · 1 sem

  2

  A luta das mulheres negras não lhe convém? Você já parou para observar quantos parlamentares brancos, héteros, cristãos e ricos estão eleitos? Já parou para observar como é a parcela mais vulnerável da população? Ou você continua olhando apenas para dentro de sua casinha?



Curtir · Responder · 1 sem

  29

  Lucas Carvalho para voces tambem nao convem se nao tiver interesse politico! Se uma destas mulheres fossem de outro partido nao estaria na materia e voce aplaudiria mesmo assim! Teve um homem negro que foi o negro mais votado, nao estou vendo ninguem aplaudir! Haa é...o partido...

Curtir · Responder · 1 sem

  6

  Uma coisa não anula a outra. Vocês se incomodam com a matéria porque são mulheres que não compactuam com os valores da classe e do partido que o Jair representam. Em contrapartida, usam o Helio e a Joice como "troféus" para legitimar a posição retrógrada, conservadora e fascista de vocês e como se isso fosse fazer o extermínio da população negra e periférica cessar. O tempo é o melhor juiz e nós veremos de que forma esses representantes ajudaram sua população.



Curtir · Responder · 1 sem

  17

  Lucas Carvalho mimimimi! Apenas


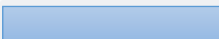
Curtir · Responder · 1 sem

  3

  Carla Abreu, esse é todo o seu argumento? Repetir uma sílaba é tudo o que a sua capacidade cognitiva te permite?


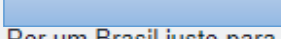
Curtir · Responder · 1 sem

  14

  Lucas Carvalho seu mito lutava somente pelos militares... e já disse que não lutará pela minoria.. como explica?


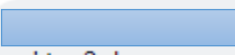
Curtir · Responder · 1 sem

 3

  A luta dos brasileiros sim convém. Por um Brasil justo para todos. Ficam chutando cachorro morto... Essa Marielle só defendia bandidos...


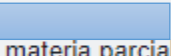
Curtir · Responder · 1 sem

 2

  Vai ter mais Marielle sim e se reclamar vai ter 3 de uma vez só!



Curtir · Responder · 1 sem



  Lucas Carvalho sim, me incomodo com a materia parcial, e voce tambem deveria, ja que nao defende o partido! Quanto as mulheres eleitas, todas sao vitoriosas independente do partido e é isso que esta muito claro no meu comentario.
E exatamente, o que voce disse, ja existe o exerminio, a muito tempo e ninguem faz nada!
Agora me defina facista de forma correta que volto a dialogar com voce!


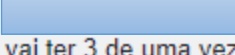
Curtir · Responder · 1 sem · Editado



  Elas dizem representar a mulher negra e feminista.
Na minha opinião essa distinção é preconceituosa...
Mas em fim,
Vc se sente representado por elas?


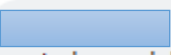
Curtir · Responder · 4 sem · Editado



  Vai ter mais Marielle sim e se reclamar vai ter 3 de uma vez só!


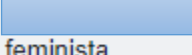
Curtir · Responder · 1 sem



  Lucas Carvalho sim, me incomodo com a materia parcial, e voce tambem deveria, ja que nao defende o partido! Quanto as mulheres eleitas, todas sao vitoriosas independente do partido e é isso que esta muito claro no meu comentario.
E exatamente, o que voce disse, ja existe o exerminio, a muito tempo e ninguem faz nada!
Agora me defina facista de forma correta que volto a dialogar com voce!

Curtir · Responder · 1 sem · Editado



  Elas dizem representar a mulher negra e feminista.
Na minha opinião essa distinção é preconceituosa...
Mas em fim,
Vc se sente representado por elas?

Curtir · Responder · 4 sem · Editado



Mas meu Deus do céu! Democracia É isto: a defesa dos interesses de quem o elege! Vale para todos os eleitos. É uma ideia absurda e totalitária (porque apaga as diferenças) essa de "lutar por todos" - uma ilusão, pois todos têm lado! Não dá pra lutar pelo dono do agrotóxico e pela saúde ao mesmo tempo... há contrapontos que precisam ser expressos numa democracia. A reação de pessoas q não aceitam isso revela a tragédia brasileira: o profundo desconhecimento (e desprezo em alguns casos) do q vem a ser... DEMOCRACIA!

Curtir · Responder · 1 sem · Editado



a bancada evangélica ta la pra provar o contrario desse seu comentario..

Curtir · Responder · 1 sem



Uol- 14/10/2018



UOL

14 de outubro às 18:20 · 🌐

Ato foi organizado em resposta a destruição de uma placa com o nome da vereadora por dois candidatos do PSL, no primeiro turno da campanha eleitoral



NOTICIAS.UOL.COM.BR

Em uma hora, protesto distribui mil placas com nome de Marielle Franco no Rio

👍 🗨️ ❤️ 2,8 mil

587 comentários 658 compartilhamentos

-  Vamos confeccionar placas da professora que morreu queimada tentando salvar as crianças ❤️
Curtir · Responder · 1 sem    795
- ^ Ocultar 55 respostas
- A opção "Mais relevantes" está selecionada; portanto, algumas respostas podem não ser exibidas devido ao filtro.
-  Wagner mandou muito bem! 🙌🙌🇧🇷
Curtir · Responder · 1 sem  13
-  Até porque a de uma mulher que deu a vida pelo ativismo e o direito de falar não vale tanto quanto, né?
Curtir · Responder · 1 sem · Editado    17
-  Eu quero uma placa com o nome de cada pessoa assassinada no Brasil
Curtir · Responder · 1 sem    34
-  Gabriel Inacio ela não salvos ninguém que eu saiba.
Curtir · Responder · 1 sem  12
-  Sejam sinceros, vcs não se importam com ela, só estão usando como desculpa pra atacar outra pessoa só porque ela pensava diferente. Será que essa professora era esquerdista?
-  Vitimismo imperando como sempre!
Curtir · Responder · 1 sem  8
-  Vamos colocar uma placa com o Nome da professora da que salvou as crianças lá
Curtir · Responder · 1 sem  9
-  Wagner Araújo eu apoio.
Curtir · Responder · 1 sem
-  Eles não tem interesse pq ela não era de esquerda
Curtir · Responder · 1 sem   5
-  Clairson da Cruz Marielle militou por vidas, que vão dê dos periféricos ate de PMs. No final, ela tentou salvar varias vidas no Rio, o que levou infelizmente a sua própria morte.
Curtir · Responder · 1 sem    7
-  s Nem rebola a bunda igual a Anitta
Curtir · Responder · 1 sem   3
-  s Faltou a placa para motorista tbm
Curtir · Responder · 1 sem  8

Serio, tem que ser muito burro pra vir com papinho de "ain morre várias pessoas no Brasil". Marielle foi vítima de um assassinato político, cacete!
Mas ok, então deixo claro aqui: Está abertamente proibido na lógica de vocês falar da facada do Salnorabo. Varias pessoas são esfaqueadas nesse país! O motivo do ato? Não importa!

Curtir · Responder · 1 sem



Gabriel Inacio Eles restauraram a ordem na placa que era de homenagem ao Marechal Floriano. O PSOL acha que está acima da lei e pode mudar nome de rua na marra. Eles só tiraram a placa que estava lá ilegalmente. Se quer homenagear a Marielle, apresente projeto de lei, proposta na prefeitura, para botar a placa, mas não pode cometer um ato ilegal como esse.

Curtir · Responder · 1 sem



Oxi, eu nem citei a placa em si. Por que essa resposta foi direcionada a mim? Tá lendo meus comentários ou tá só no automático?

Curtir · Responder · 1 sem



Só ela é especial né. Concordo plenamente com você, e essa professora fez muito mais! E tantos policiais, bombeiros, pais e mães de família!!



Placa colocada de maneira irregular sobre a placa original da rua!
Faltou essa parte na manchete! 🙄

Curtir · Responder · 1 sem



^ Ocultar 13 respostas

Wesley Silvestre bem lembrado , tem uma parcela aí com amnésia

Curtir · Responder · 1 sem



Isso mesmo Wesley, isso não foi citado.

Curtir · Responder · 1 sem



Essa UOL smp dando notícias pela metade para favorecer o partido q eles apoiam, mas quando Bolsonaro for eleito a mamata vai acabar UOL

Curtir · Responder · 1 sem



Bem lembrado !!

Curtir · Responder · 1 sem



E isso dá o direito de destruírem? 🤔

Curtir · Responder · 1 sem



Só esqueceram de avisar que a placa quebrada pelos seguidores de Bolsonaro estava sobre outra placa e foi colada de forma ilegal. Atrapalhando até mesmo a localização. Elesim

Curtir · Responder · 1 sem · Editado



Adriano Vilas Boas e isso será que justifica 🤔

Curtir · Responder · 1 sem

Sim, se a placa do endereço da sua rua tivesse uma outra por cima de forma ilegal e atrapalhando até mesmo quem procura seu endereço vc deixaria lá sabendo que alguém colou outra por cima atrapalhando a vida das pessoas que buscam endereço? Saiu barato, o certo era denunciar as autoridades.

Curtir · Responder · 1 sem · Editado



Adriano Vilas Boas isso não Justifica o ato de vandalismo, compete a prefeitura retirar ou pedir que retirem. Vcs tem mania de justificar um erro com outro maior!

Curtir · Responder · 1 sem

E não foi vandalismo colocar outra placa de forma irregular atrapalhando a vida das pessoas? O ato deles não foi vandalismo, seria se fosse a original.